



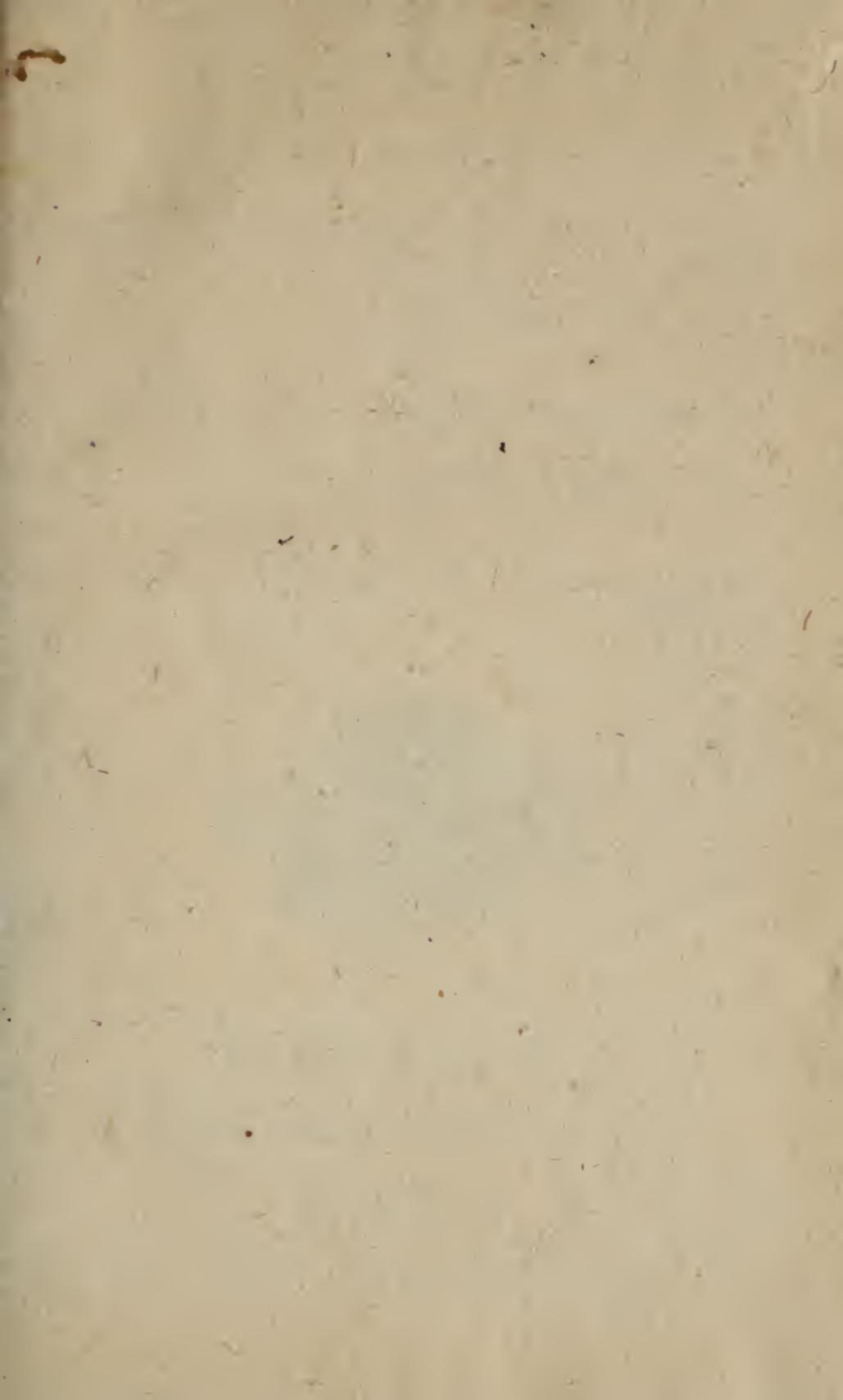
João de Sousa Pinto de Magalhães.

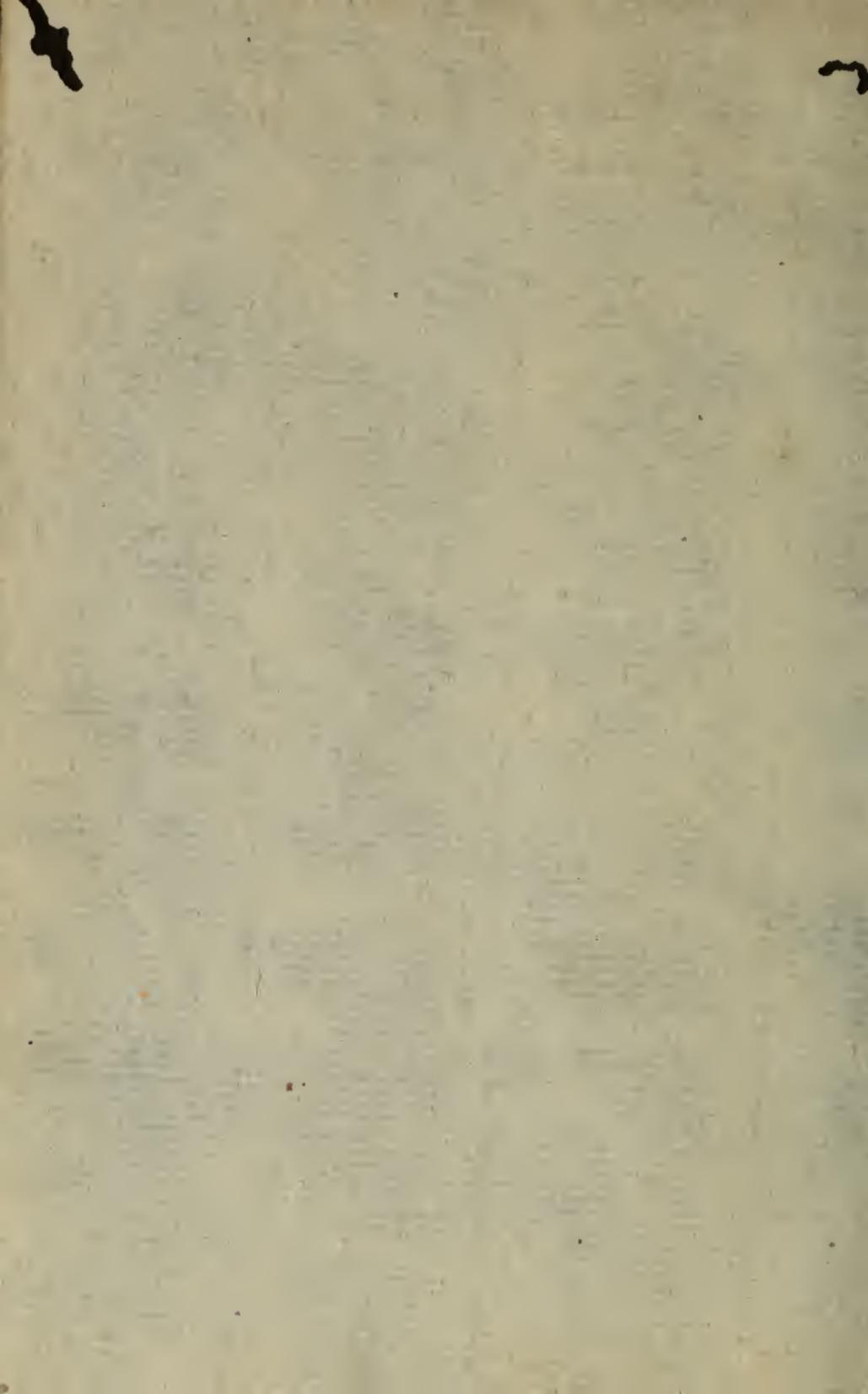
RB169,442



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

100
CAC





THE GREAT

AMERICAN

REPUBLICAN

CONVENTION

OF 1860

HELD AT

PHILADELPHIA

PA.

SEPTEMBER 17-20

1860

W. W. BROWN

PRINTED

AT THE

W. W. BROWN

PRINTING OFFICE

PHILADELPHIA



OBRAS
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SÁ
DE MIRANDA.

NOVA EDIÇÃO CORRECTA, EMENDADA,
E augmentada com as suas Comedias.

TOMO II.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1784.

Com Licença da Real Meza Censoria.

3/11/50

1000

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

Department of Chemistry
57th Street at University

CHICAGO, ILL.

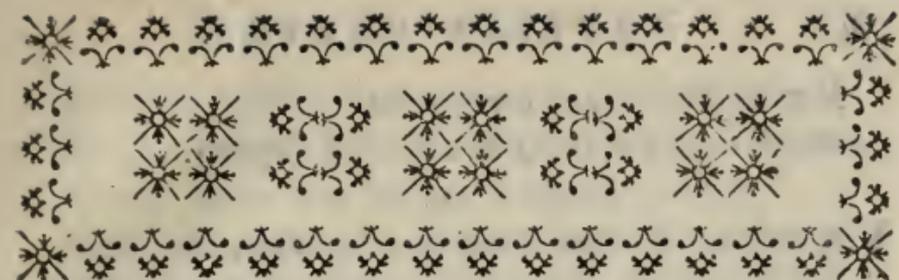


LIBRARY

Department of Chemistry

CHICAGO

57th Street at University



O B R A S

D O D O C T O R

FRANCISCO DE SÁ

D E M I R A N D A .

A N O S S A S E N H O R A .

C A N Ç A Õ .

1.

VIRGEM fermosa , que achastes a graça
Perdida antes por Eva , onde nam chega
O fraco entendimento chegue a Fè.
Coytada desta nossa vista cega
Que anda apalpando polla neuoa baça ,
E busca o que ante si tendo , nam vé
Sem saber atinar , como , ou porque ,
Entrey pollos perigos
Rodeado de imigos ,
Por piedade a vós venho , & por merce ,
Vós que nos destes claro a tanto escuro ,

Remedio a tanta mingoa
 Me dareis lingua , & coração seguro.

II.

Virgem toda sem magoa , inteira , & pura ,
 Sem sombra , nem d'aquella culpa herdada ,
 Por todos nós , te o fim desdo começo :
 Claridade do Sol nunca turbada ,
 Sanctissima , & perfeita criatura ,
 Ante quem de mi fujo , & me aborreço ,
 Ey medo a quanto fiz , fey que mereço ,
 Dos meus erros me espanto ,
 Que me aproueram tanto
 Agora à só lembrança desfalleço ,
 Mas lembrame porem , que vós fizestes
 Paz entre Deos , & nós ,
 E a quem por vós chamou sempre a maõ destes.

III.

Virgem seguro Porto , emparo , & abrigo
 As mores tempestades , ah que tinha ,
 Aos ventos , esta vida encomendada ,
 Sem olhar já a que parte hia , ou vinha.
 Descuidado de mi , & do perigo
 Surdo aos conselhos , tudo tendo em nada ,
 Nam vos seja em desprezo esta coytada
 Alma , que ante vós vem ,
 Cos receos que tem
 De inimigos grandes , mal ameaçada ,
 E que eu tam peccador , & errado seja ,
 Vença vossa bondade
 Minha maldade grande , & assi sobeja.

IV.

Virgem do mar Estrella , & neste lago ,

E nesta noite , hum Faro que nos guia
 Para o porto , antes claro , & certo Norte ,
 Quem sem vos atinar , quem poderia
 Abrir sómente os olhos , vendo o estrago
 Que atrás olhando , deixa feito a Morte ?
 Quem me daria proa , com que córte ,
 Por tam braua tormenta ?
 De toda a parte venta ,
 De toda espanta o tempo feo , & forte ,
 Mas tudo que ferá co a vossa ajuda ?
 Neuoá da lagoa ,
 Que ao vento voa , & n'um momento a muda.

v.

Virgem perfeita , & do Sacratio Sancto
 Porta , que Ezechiel cerrada via ,
 Á parte que responde ao Oriente :
 Alto Siluado , que todo elle ardia
 Sem offendido ser tanto , nem quanto ,
 E foy tal testemunha alli presente.
 Vello de Gedeon , diuinamente ,
 Dado em Alto final
 Do Orualho celestial ,
 Que tudo o mais enxuto , elle só fente :
 Senhora , que podeis , em tal afronta
 Restituyme a mi
 Antes da fim ; que o Sol vayse , & trasimonta.

VI.

Virgem , & Madre , juntamente , quem
 Tal nunca ouuio , nem d'antes , nem despois ?
 Sómente em vós entam : quem no entendeo ?
 Vós Madre , & Filha , vós Esposa sois
 D'aquelle que apertado ao peito tem

Vof-

Vossos braços , o que nam pode o Ceo ,
 Na vossa alta humildade se venceo
 O soberbo tyrano ,
 Que com enueja , & engano ,
 Nos fez tam perigosa , & longa guerra :
 Por molher se causou tal danno nosso.
 Quem nos restituyo
 De vós sahio , Senhora , o preço he vosso.

VII.

Virgem , nossa esperança , hum alto poço
 De viuas aguas , que contino correm ,
 Em que se matam para sempre as sedes ,
 Nam de Nembroth , mas de Daudid a torre ,
 Donde socorro espero ao meu destroço ,
 Assi tam perseguido como vedes ,
 D'entre tam altas , tam grossas paredes
 De ferro carregado ,
 Hum coração coytado
 Chama por vós enuolto em bastas redes ,
 Húas sobre outras , porem finais tenho
 De ser do vosso bando ,
 Que a vós bradando por piedade venho.

VIII.

Virgem do Sol vestida , & dos seus rayos
 Claros , enuolta toda , & das estrellas
 Coroada , & debaixo os pés a Lua ,
 Sam vindas minhas culpas , & querellas
 Sobre mi tantas , valeyme aos desmayos ,
 De muitas que possa ir chorando algúa :
 Nam me deixaram desculpa nenhũa
 Os meus erros sobejos ,
 Leuaram me os desejos

Tantas occasiões , indo , húa & húa ,
 Quem tormenta paffou por toda a praya ,
 Cos ventos contrastando
 Saya nadando já com vida , & faya.

IX.

Virgem Horto precioso alto , & defeso ,
 Rico ramo do tronco de Ieffé ,
 Que floreceo tam milagrosamente ,
 Custodia preciosissima da Fé ,
 Que vós tiuestes só de todo em peso ,
 Tendo hum , & outro Sol fua luz ausente :
 Alma que os feus enganos tarde fente ,
 Altissima Senhora ,
 Por vos fospira , & chora ,
 Ontem menino , fou velho ao presente ,
 Voume de dia em dia , d'anno em anno ,
 A minha fim chegando ,
 Dissimulando a vergonha , & o danno.

X.

Virgem , andando aqui ; já celestial ,
 E em corpo assi leuada ao Ceo Empyreo ;
 Sem fer vista mais cá d'olhos humanos ,
 Certa Porta do Ceo , dos Valles Lyrio ,
 Que nunca teue , nem terá igual ,
 Dada por só remedio a nossos dannos ,
 Contra os demonios , sejam meridianos ,
 Sejam de noite escura :
 Esperança segura ,
 Taes forças , contra taes mestres d'enganos ,
 Com vosso esforço por terra , & por mar ,
 Nam digo eu auer medo ,
 Mas ir ao campo ledo , & peleijar.

Virgem das Virgens , como o tempo voa ,
 Nossa certa esperança ,
 Por toda a vezinhança
 Quanto gemido a toda parte soa ,
 Quantas lagrimas são mal derramadas !
 Mas postos de giolhos
 Em vós os olhos , tudo o mais sam nadas.

A FESTA DA ANNUNCIACÃO
 DE NOSSA SENHORA.

CANÇÃO.

I.

DIA gracioso , & claro
 Prometido de tanto
 Tempo á gente por Deos escolhida ,
 Para ser nosso emparo ,
 Ah mysterio tam santo ,
 Que nos tolheo a morte , & deu a vida ,
 Mercé nam merecida ,
 Que o entendimento abate :
 Celeste mensageiro ,
 Que ao longo captiueiro
 Nos trouxe oje do Ceo hum tal resgate ,
 Sejais na minha ajuda ,
 Socorrey em tal pressa à lingua muda.

II.

Fizerase Tyrano

A cabeça da enueja ,
 (Nam fey o que em logo entrando digo)
 Do nouo estado humano ,
 Que d'altieuz sobeja ,
 Tantos dos seus perdera alli configo ,
 Hum odio tam antigo
 De jornada em jornada ,
 Que auante cada ora hia ,
 Quem remedio li poria ,
 Senam quem por nós fez tudo de nada ?
 Na culpa entrou molher ,
 Assi convinha no remedio fer.

III.

Virgem Sagrada , & pura

Que a natureza esmalta ,
 E tanto atras de si tudo deixou ,
 Perfeita criatura ,
 Posta em parte tam alta ,
 Que nunca culpa algũa lá chegou ,
 Com nosco conuersou ,
 No mundo por seu meyo ,
 O Verbo diuinal ,
 Por nós feito mortal
 Co a Cruz ás costas de tam longe veyo ,
 E com tais armas fós ,
 Tais inimigos venceo sò para nós.

IV.

Foy o primeiro Adam

De limo Virgem feito ,

Inspirandolhe alli diuino sprito :

Assi estaua em rezam ,
 Que est'outro mais perfeito
 De ventre virginal faya bendito ,
 Isento do delito
 Em que a serpente antigua
 A todos enuoluera :
 O Ceo , que Eua perdera ,
 Quem no lo abrio , ficou fora de briga ,
 Foylhe oje entregue a chaue ,
 Foylhe o nome mudado d'Eua em Aue.

v.

O Embayxador Diuino
 Com tal acatamento
 Propos como o menor , ante o mayor ;
 A Virgem indo a tino
 Regia o pensamento ,
 Deixando nas mãos tudo do Senhor ,
 Diuino Resplendor ,
 Diuina Claridade ,
 Em noite escura alli tam claro dia ,
 Quanto em gloria sobia ,
 Tanto decia mais em humildade ,
 Temia , & confiaua ,
 Cuidando ora no Ceo , ora ond'estaua.

vi.

Contemplaua cada ora
 Que auia de parir ,
 Húa Virgem , final dado na ley ,
 Sempre diz , ah quem fora
 Digna de a seruir ,
 Virgem , & Madre d'hum tam alto Rey :
 Peccador , que direy

Em

Em mysterios tam altos ,
 Filho no Ceo sem mãy ?
 Filho em terra sem pay ?
 A tais escuridões tais sobrefaltos ?
 Este pó terra indigna ,
 Quando cuida que atina , desatina.

VII.

Se à tua grande , mas pòbre vontade
 Fora dada igual graça ,
 Sayr puderas Canção minha à praça.

A NOSSA SENHORA. REDONDILHAS.

I.

Ay razon que tal consienta
 Pensamiento altiuo , vfano
 Que se atreua vn pecho humano
 A poner en tal afrenta
 Su lengua , ni la su mano.
 Madre Bendita , si a vos
 No acudimos , no ay remedio ,
 Que onde desmayamos nós ,
 Comiençan obras de Dios
 Sin fin , principio , ni medio.

II.

Si al Sol los ojos alçamos ,
 Como alguna ora acontece ,
 La vista luego enflaquece ,

De fuerte si porfiamos
 Que a toda a parte anochece.
 Si ante los mayores fuegos
 No van los menos a cuento,
 Que nonadas, y que juegos
 Son a vos los ojos ciegos
 De tan flaco entendimiento.

III.

Seso, no te sobrefaltas,
 No turbas, y alteras todo
 Del inmenso amor sin modo
 De quien hizo obras tan altas
 Cubrirse de nuestro lodo?
 Virgen, y Madre sin par,
 Alçad lo que abaxo yo,
 En vos se vino a encerrar,
 Dios que no cabe en lugar
 Vuestro pecho lo criò.

IV.

Madre, y Virgen juntamente
 (Quien nunca tal cosa oyera)
 El que en principio yà era,
 Del golpe de la serpiente.
 Preseruada os hizo entera.
 Esto como puede ser
 Que contradize la edad?
 Quien todo lo puede hazer,
 Como Dios tuuo el poder,
 Como Hijo la voluntad.

V.

Fuente donde gracia mana
 Siempre clara, limpia, y agena

Del turbio , digan , que fuenta ,
 Quando por cosa tan llana
 Os llaman de gracia llena.
 Virgen Diuino Sacrario ,
 No tuuo poder alguno
 Contra vós nuestro aduersario ,
 Que no puede el vn contrario
 Con otro estar de confuno.

VI.

Bolua al camino errado ,
 D'en ti hablar Señora indino
 Madre del Verbo Diuino ,
 De tal claridad turbado
 Como atinaré sin tino ?
 Limpio espejo de la Fé
 Escurecido ja mas ,
 Ah Senhora , ah que diré ,
 Ah que soy niño , y no fé
 Lo que haga , o que diga mas.

S E X T I N A .

I.

NAM posso tirar os olhos
 D'onde os nam leua a rezam ,
 Quem porà ley á vontade ,
 Confirmada do custume ,
 Vontade que as suas leys
 Manda obedecer por força.

II.

Isto que al he senam força ,
 Que me fazem os meus olhos
 Quebrantadores das leys ?
 Brada apos mi a rezam ,
 Mas que val contra o custume
 Em que està posta a vontade.

III.

Conselhos vãos à vontade ,
 Que só pode , & só tem força
 Ajudada do custume ,
 Vòs nam podeis estes olhos
 Erguer hum pouco á rezam
 Que faz , & desfaz as leys ?

IV.

Que tyrania de leys ,
 Que dureza de vontade ,
 Ah grão mingua da rezão ,
 Queira , ou não queira , he por força ,
 Que se me vam estes olhos
 Onde m'os leua o custume.

V.

Nam valem leys sem custume ,
 Val o custume sem leys ,
 Ay escrauos dos meus olhos ,
 Governados da vontade ,
 A quem destes tanta força
 Em desprezo da rezam.

VI.

He morta , ou dorme a rezão ,
 Ou não sente por custume ,
 Que farey á mayor força ?

Ajão piedade as leys
De quem entregue à vontade
Vay preso apos os feus olhos.

VII.

Olhos apos a vontade ,
As leys apos o costume ,
Apos a força a rezam.

ESPARSAS.

I.

A VOSSA Bulla do Amor
Nam he pera toda a gente
Perdoa a culpa sòmente
A pena nam , nem a dór.
Assi faz Amor com ella
Que com húa sperança incerta
A Leandro Hero à genella
Tras o mal , e a morte certa.

II.

Porque podera abaffar ,
Ouindo o que nasce mudo ,
Com desejos de fallar ,
Antes se lhe negou tudo.
Ora auendo de nascer
D'ouir de vòs tal desejo ,
Porque ouui se vos não vejo ,
Nem vos eîpero de ver ?

III.

Tornouseme tudo em vento

Que

Que eu paffey cuidado em al ,
 Apos tormento , e tormento ,
 Em fim veo cedo o mal ,
 E tarde o conhecimento.
 Eu affi defenganado
 Vejo vir males mayores ,
 O tempo em que fou chegado ,
 Que posso doer às dõres ,
 E dar cuidado ao cuidado.

IV.

Do passado arrependido
 Seguro d'outro erro tal ,
 Seja o perdido , perdido ,
 E do mal o menos mal.
 Faça-se o que vos mandais ,
 Não nos ouça mais ninguem
 Que do mal voffo , & do bem ,
 Nam sey qual quifesse mais.

V.

Todas as coufas tem cabo ,
 Seja paz , ou seja guerra ,
 Olhay que brada da terra
 O meu fangue , e o meu agrauo.
 Cada ora em tudo á mudança
 Virà apos esta , outra tal ,
 Fazer justiça , & vingança ,
 Negra da minha esperança
 Que me doe mais que o meu mal.

VI.

Nam vejo o rostro a ninguem ,
 Cuidais que sam , & nam sam
 Homens , que nam vam , nem vem

Parece que auante vam.
 Entre o doente , entre o fam
 Mente cada passo a espia ,
 E ás oras do meyo dia
 Andais entre o lobo , e o cão.

VII.

Como nam quereis que seja
 Meu perigo em todo estremo ,
 Se minha alma assi deseja
 Tudo o de que m'eu mais temo ?
 E para mór meu tormento
 Assi cego , assi alheado ,
 De tudo o al fuy roubado
 Senam do conhecimento.

VIII.

Quando nos meus erros cuido
 No meu claro , & longo engano
 Leuemente passo o dano
 Apar de tanto descuido.
 Passando a força de braços
 Por hús , por outros empeços ,
 Quão 'mal que nestes espaços
 Dizem os fins cos começos !

IX.

Que •la mi vida se affuele ,
 Razon es que ansi lo quiera ,
 Y que pene , y que me muera
 Que nadie no me consuele.
 Y el porque esto acontece
 Ninguno me lo demande ,
 Que si el mal parecer grande
 Gran causa no le fallece.

X.

Cerra a serpente os ouvidos
 As vozes do encantador ,
 Eu não que fora melhor ,
 Porque agora meus sentidos
 Quero perder com tal dór.
 Os que mais sabem do mar
 Fogem d'ouvir as Sereas ,
 Eu não me pude guardar ,
 Fuyvos a ver , & escuytar ,
 Fiz minh'alma , e vida alheas.

A PERO CARUALHO.

XI.

Mandar em tal tempo luuas
 Seruiço era elle escufado ,
 Outra coufa foram vuas ,
 Outra vinagre rosado.
 Certo que outra coufa fora
 Mas porem ,
 Ninguem dà o que não tem ,
 E nem do que tem j'agora.

CANTIGAS.

QUE he isto , onde me lançou
 Esta tempestade má ,
 Que de mi senão sou lá ,
 E cá comigo não vou ?

V O L T A.

Inda que me eu câ nam via
 (Tudo vos confeffarey)
 Onde a vos , & a mim deixey,
 Cuidaua que me acharia.
 Agora quem donde estou
 Nouas de mi me trará ,
 Pois dizeis que nam sou lâ
 Naõ fey fem mi onde vou.

C A N T I G A.

Comigo me defauim
 Sou posto em todo perigo ,
 Nam posso viuer comigo ,
 Nem posso fogir de mi.

V O L T A.

Com dor da gente fogia
 Antes que esta assi creceffe ,
 Agora ja fogiria
 De mi , se de mi pudeffe.
 Que meio espero , ou que fim
 De vam trabalho que figo ,
 Pois me leuo a mi comigo
 Tamanho imigo de mi.

C A N T I G A.

Nascido , & criado em meo
 De dóres , fez se a dor tal ,

Que pode chegar o mal
Onde nam pode o receo.

V O L T A.

Que se eu pudera algũa hora
Em tanto tempo cuidar
De ver tamanho pesar
Poderao íófrer agora.
Mas que farey se a dór veo
Crescendo a fazerse tal ,
Que pos auante o final
D'onde o pufera o receo.

C A N T I G A.

Sortes , & venturas sam
Os males , que me fazeis ,
Se tendes rezam , senam
Senhora , vós o sabeis.

V O L T A.

Posto que eu quanto padeço
Co mais que de vós espero ,
Queroo se volo mereço ,
E senam tambem o quero.
E que agora o nam cuideis
Annos , & tempos faram ,
Que o que por rezam aueis
Inda ajais por sem rezam.

CANTIGA.

Rezam , & tempo feria
 De ver sua vaydade ,
 Aquella cega vontade ,
 Que tam cegamente guia.

VOLT A.

Se pudera hum grande imigo
 Fazer mais ? certo he que naõ ,
 Por mimos do coração
 Inda tudo o pior figo.
 Voume assi de dia em dia ,
 Olhos de longe à verdade ,
 Entre tanto esta vontade ,
 Assi cega guia , guia.

CANTIGA.

Nada dô que vés he assi
 Tras os olhos nam te aballes ,
 Tudo he tiremme daqui
 Matemme ness'outros valles.

VOLT A.

Posto que al te assi parece
 Deste sonho , & mostra vaã ;
 Por de fora resplandece
 Dentro nam ha coufa saã.
 Corri montes , corri vales

Cego cuidado apos ti ,
 Deixame morrer já aqui
 Não me mandes ver mais males.

C A N T I G A .

Foyme grande aggrauo feito ,
 Sermehia ora máo de crer ,
 Quem m'o fez , podeo fazer ,
 Ou a torto , ou a direito.

V O L T A .

Estaua ordenada hũa hora
 Veo , nam ouue hi tardança ,
 E leuoume hũa sperança
 Que sennaõ fora , eu nam fora.
 Que remedio ao que he já feito ,
 Quem o fez tinha o poder ,
 Eu já que posso fazer
 Mais que gemer em meu peito ?

C A N T I G A .

Cego deste meu desejo
 Mal dos males , mór dos mores
 Que não daria estas dores
 Por quantos prazeres vejo.

V O L T A .

Meu mal tudo tem por si ,
 Taõ cegamente deseja ,

Que

Que inda não vejo , nem vi
 Coufa , que me faça enueja.
 Teuc este mal os seus meos ,
 Com que aprouue a sua dór ,
 Mas trago inda os olhos cheos
 Que ey de ver cedo outro mór.

CANTIGA.

O coração que vos vé
 Aos olhos que vos não vem ,
 Não nos culpe , que nam tem
 Algúa rezaõ porque.

VOLT A.

Cada ora estes olhos canso
 Por estes montes arriba ,
 Que á vista curta , & catiua
 Tolhem todo seu descauso.
 Deixei-nnos cegar que tem
 Chorando rezão porque ,
 Buscouvos alma , & lá he ,
 Elles cá chorão d'aquem.

CANTIGA.

Toda esperança he perdida ,
 Tudo veo a fallecer ,
 E o que inda fica da vida
 Ficou para mais perder.

V O L T A .

Aquella esperança minha
 Assi fraca , & vaã como era ,
 Cos olhos que eu nella tinha
 A todo mal me atreuera.
 Ora ella está já perdida
 Mas não me hão de fazer crer ;
 Que nam ha mais nesta vida
 Senam nascer , & morrer.

C A N T I G A .

Por estes campos sem fim
 Onde a vista assi se estende ,
 Que farey triste de mim
 Pois veruos se me defende.

V O L T A .

Todos estes campos cheos
 Sam de faudade , & pesar ,
 Que vem para me matar
 Debaixo de ceos alheos.
 Mal sem meo , mal sem fim
 Dór que ninguem não na entende
 Até quam longe se estende
 O voffo poder em mim.

C A N T I G A .

Pois meu mal com quanto he ,
 Inda a crueldade he mór ,

Ao menos faça esta dór
 Ante vós fé de tal fé.

V O L T A .

Vistes passar tantos annos ,
 Durou sempre este cuidado ,
 Mas d'homem defenganado
 Nunca estranheis defenganos.
 Que sem causa , & sem porque
 'Tras hum mal outro mal mòr ,
 Mas de mi seja o que for ,
 Lembre fõ que he polla fé.

C A N T I G A .

Tudo passa como hum vento
 Hum mal sempre me he presente ,
 Que ao coraçam innocente
 Cada ora poein a tormento.

V O L T A .

As voltas c'hũas sospeitas
 Contas fiz , contas desfiz ,
 Mas estas despois que as fiz
 Foram para sempre feitas.
 Iaz alto seu fundamento
 Neste brauo fogo ardente ,
 Por quem culpado se sente ,
 Moura o sem culpa a tormento.

C A N T I G A .

Olhay a camanha estreita
 Señora minha alma he vinda ,
 Na vida infinda fospeita ,
 Na morte faudade infinda.

V O L T A .

Quem me dará nouas penas
 Inda que o mais tudo tolha ,
 Com que voe , e que me acolha
 Do meo de tantas penas ?
 A fayda agra , & estreita
 Causaraõ tanda ida , & vinda
 Da vida lança a fospeita ,
 Da morte faudade infinda.

C A N T I G A .

Se me este cuidado atura ,
 Que me persegue , & que eu figo
 A vida está em perigo ,
 E alma polla ventura.

V O L T A .

Bem sey tudo o que ha de ser ,
 Mas he de tanto pezar ,
 Que ey medo de o dizer ,
 E medo de o cuidar.
 Nam vejo coufa segura

Seguro he só o perigo ,
 E o que agora nam digo
 Deixay fazer à ventura.

CANTIGA.

Alma tam sem affofigo ,
 Que nem deste ár me farto
 D'onde cum queixume chego ,
 Com mil queixumes me parto.

VOLTAS.

Nas coufas em que algũa ora
 Esperey de ter repoufo ,
 Triste de mi que j'agora
 Sómente cuidar nam oufo.
 A que fraqueza que chego
 Em quantas partes me parto
 Por este coraçam cego ,
 Nunca de feus males farto ?

Os meus perigos medonhos ,
 Em que alma cada ora empeça
 Os ventos , neuoas , os fonhos
 Que nam tem pés , nem cabeça.
 O que com a lingua nego
 Por muitos finais reparto
 Em poder daquelle cego ,
 De cujo poder nam parto.

Mal as noites , mal os dias
 Com medos , & com fofpeitas ,
 Fazendo contas baldias

Que

Que afinha feraõ desfeitas.
 Com muito defaffoſſego
 Com que chego , & com que parto
 Com ver tanto , & com ſer cego ,
 Todos do que encubro farto.

C A N T I G A .

Señora oyd la mi fuerte ,
 Y de vueſtra crueldad ,
 Por no pediros piedad
 Antes la pido a la muerte!

V O L T A .

El mi coraçõ caydo
 En tanta cuyta , y definayo ,
 Pues que nunca os ha mouido
 Ante la muerte lo trayo.
 Mas no ſe como concierte
 Tan grande deſigualdad ,
 Que me hazeis pedir piedad
 Contra la muerte a la muerte.

C A N T I G A .

Quanto mal me han ordenado
 Las coſas con que naſci !
 Algunas me han deſechado ,
 Alcancé otras contra mi.

V O L T A S.

De la mi alma no fé
 Qu'es della , y mi coraçon ,
 A la fuerça no ay razon
 Cada vno tras vos se fue.
 Vida , memoria , y cuydado
 Sentidos que a vos ergui ,
 Estos nunca me han dexado
 Por seren mas contra mi.

Dexome mi libertad ,
 Y el amor que me tenia ,
 Dexome mi alegria ,
 Dexome mi voluntad.
 Los ojos con que yo os vi ,
 Vida , memoria , y cuydado ,
 Estos nunca me han dexado
 Por seren mas contra mi.

C A N T I G A.

Puedese esta llamar vida
 A la qual se entra llorando ,
 Y si passa sospirando
 La muerte es la su salida ?

V O L T A.

Por lo qual yo sin ventura
 Con gran cuita he deffeadado ,
 Que vuiera sido lleuado
 Del parto a la sepultura.

Toda esperança perdida
 Yo no fé loco tras que ando ,
 Voyme auñi deuanando
 Entre la muerte , y la vida.

C A N T I G A .

El aggrauio que recibo
 De quien yo menos deuiera ,
 Dexame llorar si quiera
 Ya que para mas no biuo.

V O L T A .

Aliuio fea , o falida
 Al dolor , esto que os cuesta ?
 Que no passe a la otra vida
 Con tanta querella desta.
 Mientras de mal tan esquiuo ,
 Mas mal no quiere que muera ,
 Dexame llorar si quiera
 Tendré solo esto de biuo.

C A N T I G A .

Mal de que me eu contentey ,
 A conta feita está já ,
 Agora descanfarey ,
 Se me segue matarmeha
 Se me deixa matarmey.

V O L T A .

Nas cousas que nam ha meio ,
 Escusado he cansar mais ,
 Ir de receo em receo ,
 E de sinaes em sinaes
 Espreitando o bem alheo.
 Em vam cà , & là cansey
 Tudo me he tomado já ,
 Agora descansarey.
 Que este mal me matará ,
 Senam eu me matarey.

C A N T I G A .

Hũa morte ey de morrer ,
 Que faz mais assi que assi ,
 Isto nam posso sofrer
 Auereirse de perder
 Os olhos com que vos vi.

V O L T A .

Os olhos , por que passaram
 Os vossos ao coração ,
 Onde para sempre estam ,
 Sam estes que me ficaram
 Para minha saluaçam.
 Mas se inda os ey de perder
 Afora quanto perdi ,
 Acabarey de morrer ,
 Acabarey d'entender
 Para quanto mal nasci.

ALHEA.

A L H E A.

La que yo tengo no es prision,
 Vos fois prision verdadera,
 Esta tiene lo de fuera,
 Vos teneis el coraçon.

V O L T A S.

De la gente que aqui viene
 A verme, de rifa muero,
 Riome del carcelero,
 Que piensa que aqui me tiene.
 Viene, y mira la prision
 Vê los hierros por de fuera,
 Mas no ve que cada vno era
 D'onde era su coraçon.

O remo sea, o sea vara
 Si está en el agoa metida,
 Qualquiera vista por clara
 Que sea la ha por torcida.
 No os engañe mi prision
 Aunquel cuerpo aqui se muera
 Buscadme alla por defuera
 Por donde anda el coraçon.

A L H E A.

Como no se defespera
 Quien se vé como yo me veo,
 Tan lexos de lo desseo,
 Tan cerca do no quisiera?

V O L T A.

Triste que ha de ser de mi
 Como biuo sola vna ora
 Viendo qual me veo aqui,
 Y qual me he visto alguna ora?
 Mi esperanza lifongera
 Con quien tanto ha que peleo,
 Que me quereis que no veo,
 Porque la vida ya quiera?

C A N T I G A.

Ledo em meus males sem cura,
 E nos descansos cansado,
 Querendo, & sendo forçado,
 Ora cuidar me assegura,
 Ora me mata o cuidado.

V O L T A.

Affi me tem repartido
 Estremos, que nain me entendo
 De toda a parte corrido,
 De toda desacorrido,
 Em nenhúa me defendo,
 A vida esta mal segura.
 Mas eu quero este cuidado,
 Que mal tam bem estimado,
 Em tanta defaentura
 Me faz bemaenturado.

A L H E A.

En toda la tramontana
 Nunca vi cosa mejor ,
 Que era la esposa de Anton
 Vaquerizo de Morana.

V O L T A S.

Naquelle longo desterro ,
 Que eu por vontade escolhi ,
 (Quer fosse rezam , quer erro
 Quis o coraçam affi)
 Vi hũa visam vfana ,
 As vezes cuido que nam
 Fosse verdade , ou visam ,
 Hia em trajos de ferrana.

Nam era o coraçam quedo
 Indo , & tornando a meude ,
 Ora o prazer , ora o medo .
 Tiueime o melhor que pude.
 Quantos bens me a sorte dana ?
 Brada quem o vee em vãm ,
 Tal como era , era d'Antam
 Hum vaqueiro de Morana.

Olhos que tais olhos vistes ,
 Viuey bemaumenturados ,
 E poreim ouvidos tristes
 Para tanto mal guardados.
 Que he isto que assi me engana
 Que assi despreza a rezam ,
 Suspiraua por Antam
 Quem não tem nada de humana ?

A L H E A.

Ay que el alma se me sale ,
 Y el porque siento perdella ,
 Es porque estais vos en ella
 Que la vida poco vale.

V O L T A.

Loco de mi , que pensaua
 Poder aqui detener
 Comigo , vna alma que estaua
 Vfana en vuestro poder.
 Que quereis que a esto iguale
 Siendo vós senhora della ,
 Esta es toda mi querella ,
 Que lo mas todo que vale ?

A LA BELLA MAL MARIDADA.

V O L T A S.

Ansi que aquella hermosura
 Nunca vista sin espanto ,
 La gracia , y defenuoltura
 Todo se. hà tornado en llanto.
 Fortuna tan mal mirada
 Que embidia tiene de si ,
 Donzella dichosa ansi ,
 Y dueña tan desdichada.
 No sé que diga , o a quien
 Culpemos en mal tamaño

No se ajunta tanto bien
 Sino para tanto daño.
 En todo tan acabada,
 Dixe yo luego que os vi,
 No nascistes vos ansi
 Para ser bien empleada.

CANTIGA.

Huye el tiempo, está el mal quedo,
 Pensé morirme, y no muero,
 Defengañarme no quiero,
 Quando ya quiero no puedo.

VOLT A.

Todo se me va en antojos
 En esta prision obscura,
 Cuitados de los mis ojos,
 Que pagan tanta locura.
 De todo me pide el miedo
 Lagrimas como de fuero,
 De lo que puedo, y no quiero
 De lo que quiero, y no puedo.

CANTIGA.

De quem me deuo queixar?
 De vós que pudera ser,
 Nam vos sabe alma culpar
 Fica sómente o sofrer,
 Se mais fica he sospirar.

V O L T A S.

Os meus sospiros tégora
 Quasi erão contentamentos
 Também de prazer se chora,
 Entraraõ males de fora
 Não hum, não dous, mas seiscentos.
 E naõ lhes bastou entrar,
 Mas inda sempre a crecer,
 Onde ha isto d'ir parar,
 Nam fica senam sofrer
 Ao mudo do sospirar.

Ora os sospiros que sam,
 Saluo àr espalhado ao vento,
 Onde brada o coração,
 Nossos ouvidos nam vam
 Deixaõ tudo ao entendimento.
 Que me eu quiseffe queixar
 Quem me poderia crer?
 Deixay já venha o pezar,
 Que pode o pouco empecer,
 Que pode o muito durar?

A L H E A.

Naquella alta ferra
 Me quero ir morar,
 Quem me quiser bem,
 Quem me bem quiser
 Là me irá buscar.

V O L T A S.

Nestes pouoados

Tudo sam requestas ,
 Deixayme os cuidados
 Que em vos deixo as festas
 Daquellas florestas ,
 Verey longe o mar
 Porme ey a cuidar.

Sombras , & agoas frias

Quando o Sol mais arde ,
 Despois sobre a tarde ,
 Por cá bradarias ,
 Vés , que preffa os dias
 Leuam , sem canfar
 Nunca ham de tornar.

Nam julgue ninguem

Nunca outrem por si
 Mais d'hum bem que ouui
 A vida nam tem ,
 Nam deixa este bem
 Onde se elle achar
 Mais que desejar.

Deixa as vaydades

Que da mão á boca
 O prazer se troca ,
 Trocamse as vontades ,
 Effas vãs faudades
 Armadas no ár ,
 Que podem durar ?

Naquella espeffura

Me ey d'ir esconder ,

Venha o que vier ,
 Acharmeha fegura ,
 Se tal bem nam dura ,
 Ao feu trespassar
 Tudo ha de acabar.

C A N T I G A .

Até quando me tereis
 Nesta dór que por vós quis ?
 Os feruiços que vos fiz
 Quando mos perdoareis ?

V O L T A .

Nam ser voffo , nam he em mim
 Isto quereismo acoyinar ,
 Que perdam posso esperar
 Se esta alma he voffa sem fim ?
 Se me tanto mal fazeis
 Por feruiços que vos fiz ,
 O hem que vos quero , & quis
 Quando m'o perdoareis ?

C A N T I G A .

Entre temor , & defejo
 Vaã esperança , & vaã dór ,
 Entre amor , & defamor
 Meu triste coraçam vejo.

V O L T A .

Nestes estremos catiuo
 Ando sem fazer mudança ,
 Se já viui d'esperança
 Agora de chorar viuo.
 Contra mi mesmo pelejo
 Vem de hũa dór, outra dór
 Vem d'um mal outro mal mòr
 De hum desejo mòr desejo.

V I L A N C E T E S .

ESPERANÇAS mal tomadas
 Agora vos deixarey
 Tam mal como vos tomey.

V O L T A S .

Que vida ha de fer a minha ,
 Por tempos , nem por mudanças ;
 Que possam vir? pois não tinha
 Mais bem que estas esperanças ?
 Agora às desconfianças ,
 As sospeitas , que farey ?
 Como me defenderey ?
 Conselhos mal atinados
 O tempo ao menos vos canse ,
 Partam cuidados , & vamse ,
 Mas porem , ó que cuidados ?
 Deixemos erros passados

Em que eu por meu mal entrey ,
E por meu mal fayrey.

VILANCETE.

Que mal auindos cuidados
Me tomaram entre si ,
Nunca tais cuidados vi.

VOLTAS.

A minha alma nam repoufa
Nem de noite , nem de dia ,
D'entro della contraria
Toda a coufa a toda coufa
O cuidado que mais oufa ,
E que mais confia em si ,
Ora he assi , ora assi.

Que me quer este receo
Inda sobre meus aggrauos ,
Tem me tomados os cabos
Não tendo meus males meo ,
Ia nam confio , nein creio ,
Ia confiey , & ja cri ,
Mal assi , & mal assi.

Inda se isto ser pudeffe
Que por tempo se faria ,
Que hũa ora me não temeffe
Isto me descansaria ,
Mas nam vejo , porque via
Se possa fazer que assi
Não moura como viui.

A L H E O.

No pergunteis a mis males ,
 Que tales son ,
 Preguntaldo al coraçon.

V O L T A.

Por mis bienes preguntais ,
 Entiendo que por mis penas ,
 Que siempre tuue por buenas
 Vos ved como las llamais ,
 Que assi como las nombrais ,
 Anfi confieffo que son
 Los bienes del coraçon.

V I L A N C E T E.

Em pago d'aquella dór ,
 Que eu tão mal vos merecia ,
 Se verey inda algum dia ?

V O L T A.

Se vos senhora aproueiffe
 De ver esta minha fé
 Hũa ora sò antes que
 Morresse , despois morresse ,
 Quem tal esperar pudeffe
 Com todo o mal poderia ,
 Cos olhos naquelle dia.

A L H E O.

Todos vienen de la Villa ,
Solo no viene Domenga.

V O L T A.

Toda persona tornò
Que parado he mientes bien ,
Vna falta , y es por quien
Quanto a mi nadie boluio ;
Que me haré cuytado yo
Con que la vida sostenga ,
Hasta que Domenga venga ?

A L H E O.

Por malos emboluedores ,
Pierdo triste mis amores.

V O L T A S.

A hum só descanso , que eu tinha ,
A hũa só esperança
D'onde veo tão afinha
Hũa tamanha mudança ?
Que se fez da confiança ,
Com que nos tormentos mōres
Eu sofria as minhas dōres ?
Se auia o ser de ser tal
Milhor fora antes não ser ,
Ou effeme enueja ao mal

Que

Que ao bem mal podera fer,
 Já vejo vir a correr
 Sobre mi meus matadores,
 E fugir os valedores.
 Males que eu tanto estimava
 Quem se nos meteo no meo,
 Em tempo que eu mais andava
 Sem fôspeita, & sem receo?
 Que grand'engano, que enleo?
 Que engeitão os feruidores,
 E querem antes fenhores.

VILANCETE.

Coração onde joueſtes
 Que tão má noite me deſtes?

V O L T A.

Toda a noite pelejey
 Eu, que já mais não podia,
 Busqueyvos, não vos achey,
 Sem vos eu só que faria?
 Deſtesme dores de dia,
 Pollo que aſſi me fizestes
 De noite dóres me deſtes.

VILANCETE.

Se meu tormento me deſſe
 Lugar pera cuidar nelle,
 Não me queixaria delle.

V O L T A .

Foyme dado hũ só momento ,
 Desde então pude atinar ,
 Que não forã elle tormento ,
 Se me dera este vagar .
 Não m'õ quifera mais dar ,
 Porque pudera com elle
 Ter vida , & mouro sem elle

V I L A N C E T E .

Os meus castellos de vento ,
 Que em tal cuyta me pusestes
 Como já vos desfizestes ?

V O L T A S .

Caystesme tão afinha ,
 Cayrãome as esperanças ,
 Isto não forão mudanças ,
 Mas forão a morte minha ,
 Castellos sem fundamento
 Quanto que me prometestes ,
 Quanto que me falecestes ?
 Armey castellos erguidos
 Esteue a fortuna queda ;
 (E dixẽ) gostos perdidos
 Como is a dar tão grã queda ?
 Mas ò fraco entendimento
 Em que parte vos pusestes
 Que então me não focorrestes ?

VILANCETE.

Deixayme as minhas tristezas
 Que j'agora outra alegria
 Mayor perigo feria.

V O L T A.

Os males acustumados
 O mesmo costume os cura
 Bens tão vãmente esperados
 Quem nos sofre , quem os atura?
 Crieyme com meus cuidados
 I'agora não saberia
 Andar n'outra companhia.

VILANCETE.

O meu mal pudeo sofrer ;
 Este , porque todo he voffo ,
 Que vos não doa não posso.

V O L T A S.

Vós passaylo alegremente
 Mal ajão os maos finais
 Que então sam elles mortais
 Quando homem seu mal não sente:
 Nada sentis ao presente ,
 Quanto vos custa este voffo ,
 Assi quero , & assi posso ,
 Mas se ahi ha peso , e medida ,

Nem de todo he tudo vento ,
 Tambem o meu sentimento
 Pode ser final de vida ,
 Ó esperanza comprida ,
 Que eu sómente pollo voffo
 Esperar tanto não posso.

VILANCETE.

Estes meus olhos que assi
 Lifongção á vontade ,
 Se lhe fallarão verdade ?

V O L T A .

Ey medo que não fallem
 Não me fio no que vejo
 São segredos do desejo
 Contra quem olhos não valem :
 Não sam , para mais que assi ,
 Andar ao som da vontade
 Chorando a necessidade.

A L H E O .

En las tierras de do vine ,
 Vi quanto se puede ver ,
 Allá me quiero boluer.

V O L T A .

Pero mientras deuaneo
 Pensando en quanto allá vi ,

Forçado he tenido aqui
 Lleuado allà del deſſeo ,
 Mientras debato , y peleo
 Si la vida fallecer
 El alma aurà de boluer.

A L H E O .

Saudade minha ,
 Quando vos veria ?

V O L T A S .

Por terra já affi
 Tudo , em tal mudança ,
 Que faz vida aqui
 Nenhũa eſperança ?
 A minha lembrança ,
 A minha porfia ,
 Que mais aporfia ?
 Que faz hum deſejo
 Tão deſenganado ?
 Que faz o ſobejo
 Deſte meu cuidado ?
 Comigo afferrado
 Quando anoitecia ,
 Quando amanhecia.
 Saudade , & ſoſpeitas
 A torto , & a direito
 Não fereis deſeitas
 Quando eu for deſfeito ,
 Inda frio o peito

Inda a lingua fria
Por vós bradaria.

A L H E O.

Pois os meus olhos sam vossos ,
Que faço eu
Em dar a feu dono o feu.

V O L T A S.

Quantos conselhos se dão
Aos ólhos com que vos vi ,
Hum diz assi , outro assi ,
Razões , que não vem , nem vão ,
Voume apos o coração ,
Que vos já deu
Quanto soya a fer feu.

Tudo he em vosso poder
De liure que eu aqui vim
Não deixastes nada em mim ,
Nem olhos que al possão ver ,
Mas como podia ser
Veruos eu ,
E ter mais nada de meu ?

A L H E O.

Sola me dexaste
En aquel hiermo ,
Villano malo Gallego ,

V O L T A S.

Voyme a do te fuyfte ,
 Voyme no sé a donde ,
 El valle responde ,
 Tu no respondiste ,
 Moça sola ay triste ,
 Que llorando ciego
 Tu passaslo en juego.

Por hiermos agenos
 Lloro , y grito en vano ,
 Gallego , y villano ,
 Que esperaua yo menos ?
 Ojos de agua llenos ,
 Vós, pecho de fuego
 Quando aureis foffiego ?

A L H E O.

Que vos farey meu cuidado ,
 Onde vos trarey metido
 Que nam sejais entendido ?

V O L T A.

Descobrisvos cada ora ,
 Cuidey que era á minha mingoa ,
 Mas em quanto vedo a lingoa
 Sais pollos olhos fora ,
 E nam cuidais que me fora
 Milhor nunca fer nascido ,
 Que ser meu mal entendido.

ALHEO.

A L H E O.

Defenganey hum cuidado
 De parte do coraçam
 Com húa defesperaçam.

V O L T A.

Tenho a conta feita , & chea ,
 O que ha de fer , seja logo ,
 Pollo ferro , & pollo fogo ,
 Que nam he a morte tam fea ,
 Viui' à vontade alhea
 Moura a minha , e quando nam
 A pefar do coraçam.

A L H E O.

En mi coraçon os tengo
 Por las gentes no os veo.

V O L T A.

Por lo qual buelto a mi feno ,
 Por quanto bien del confio ,
 El mi coraçon ageno
 Boluio de nueuo a fer mio ,
 D'otra parte yo fandio
 Engañado del deffeo
 Con los ojos deuaneo.

A L H E O.

Este mal
 Otro tiempo lo fenti ,
 Mas no me dolia anfi.

V O L T A S.

Este es el fuego por cierto ,
 Si del todo no estoy loco ,
 Que me abrafó poco a poco
 Crecio andando encubierto ,
 No fue muerto
 Como deuiera , yo fi
 Que no se parte de mi.
 Por demas es que me vele ,
 Que me tema , y que me guarde ;
 Que el Sol que mas tarde fuele
 Descubrir , mas rezio arde ,
 Aunque tarde
 Abri los ojos , y vi ,
 Que otro mal no duele anfi.

A L H E O.

Quem cuidar , & quem differ ,
 Que de matar fois feruida ,
 Naim sabe que coufa he vida.

V O L T A S.

Não he dano o que não dana ,
 A morte de vossa mão

Não

Não he morte , he nome vão ,
 Que á primeira face engana ,
 Onde não ha cousa humana ,
 Tudo espirito , & tudo vida ,
 Mal jará a morte escondida.

Ficase porem julgando
 Entre hũa , entre outra forte ,
 Se dais vida dando a morte ,
 Que fareis a vida dando ?
 A fé que vay embicando ,
 Não vee dos olhos tal vida
 Sòmente porque duuida.

DE DOM SIMAM DA SYLVEIRA.

Tu presençia deffeadá ,
 Zagala desconhecida ,
 Di , porque la has escondida.

V O L T A S .

Has la tu tierra affolada
 Que eras toda su riqueza ,
 Nascida en ella , y criada
 Pudiste hazer tal crueza ?
 Que en tal miseria , y pobreza
 Puesto la has con tu partida ,
 Y a mi cuytado en tal vida ?
 Oydos , que enfordecistes
 A sospiros , y a los ruegos ,
 Que veran mis ojos tristes ,
 Aqui dexados tan ciegos

Vascas , y defaffossiegos
 Quedan en mi por la vida ,
 Que es tras tus ojos huyda.
 Las yeruas , las sombras frias
 Y las flores que has pisado
 Quanto te via , y tu vias ,
 Todo queda auelenado ,
 Vn triste , vn ciego , vn cuytado ,
 Vn loco en la tu partida
 Pasimando pierde la vida.

A L H E O.

Pollo bem mal me quifestes ,
 E eu nunca tenha prazer
 Se mal vos posso querer.

V O L T A.

Fora ella rezão igual ,
 Mas vede as leys que Amor tem ,
 Que em vez de vos querer mal
 Assi vos quero mór bem ,
 E passo tanto inda alem ,
 Do que este mal soe fazer ,
 Que me venho aborrecer.

A L H E O.

Quien te hizo Iuan pastor
 Sin gafajo , y sin plazer ,
 Que tu alegre solias ser ?

V O L T A .

Vn hierro , y mas en zagal
 No es cosa que mucho espante ,
 Mas seguir siempre adelante ,
 Que es mal , si este no es mal ?
 Pesame de verte tal ,
 Que huye el gafajo a correr ,
 Y no passa el desplacer.

A L H E O .

Dime tu senhora di ,
 Si me fuere desta tierra
 Si te acordaràs de mi ?

V O L T A S .

Los mis pensamientos faltos ,
 Que a defora erguidos caen
 Por tierra , siempre me traen
 En dubdas , y sobrefaltos ;
 Passados montes tan altos
 Que será ? lo que es aqui ,
 No aurà memoria de mi.

Con quanto ya defatino
 En esto no deuaneo ,
 Allà males del camino
 No los que por aqui veo ,
 Mas el alma , y el desseo
 Quien los lleuarà de aqui
 Que no dan nada por mi ?

Que

Que estraña merced me fuera
 En la triste ausencia mia ,
 Solo crer que se sabia
 Quando ojos aca boluiera ,
 Ya fuesse en burla si quiera
 Los lugares do te vi ,
 Te hizieffen mencion de mi.
 Bueluo a lo en que auia errado ,
 Por mis locuras me voy ,
 Que ni sabes quien yo soy
 Entre quantos te an mirado ;
 Saluo. si por mas cuytado
 Sin memoria otra de mi ,
 Mas ya fuesse , y fuesse assi.

A L H E O.

Que posso de vos dizer ,
 Pois que nam posso chegar
 Co desejo a vos louuar ?

V O L T A S.

Esta vaã vaydade minha
 Que tam ousada começa ,
 Está sem pés , nem cabeça
 Naõ deu começo ao que vinha ,
 A vaã que só se mantinha
 Como Camaleão do ar ,
 Nam se atreue a desejar .
 Forças , que vos enganaes
 Cuidando em tam altos voos ,

Ia nestes começos taes
 Himos acabando nos ;
 Senhora a quem vos lâ pos
 Tam alta á-graças que dar ,
 E a vós que nos perdoar.
 Quem ferá de veruos digno ?
 Viuos , foy alma pasmada ,
 Fuy assi como hum menino ,
 Que vé , que f'espanta , e brada ,
 Nam sabe mais dizer nada
 Podefe a veruos chegar
 O mais he tudo pasmar.

A L H E O.

Tañosos yo mi pandero
 Tañosos yo , y pienso en al.

V O L T A S.

Mientras el mal arde , y destruye
 Busco con que el tiempo engañe ,
 A defora el alma huye ,
 Que no sé quasi quien tañe ,
 Dexa aqui que me acompañe
 Esta mi cuyta mortal ,
 Y và pensando en mas mal.
 D'Amor por cierto villano
 Fieme como sandia ,
 Pusome el pandero en mano
 Fuesse con el alma mia.
 En esta triste agonía

De mi cuyta desigual ,
Ni muere , ni mata el mal.

A L H E O.

Quien viesse aquel dia ,
Quando , quando , quando
Saliesse mi vida
Yá de tanto bando.

V O L T A S.

Ay mis tristes ojos ,
Tan tristes , tan tristes ,
Vistes mil enojos ,
Vn plazer no vistes.
Vistes añadida
A mi pena , pena ,
Y en tan luenga vida
Nunca vna ora buena.
Si a la suerte mia
Pluguiesse , ah pluguiesse ;
Que viesse ora el dia
En que mas no viesse.

A L H E O.

Acustumeyme a meus males
E já acustumado a elles
Andão por me apartar delles.

V O L T A S.

Ah que cruel tyrania ,
 Não fey que nome lhe ponha ,
 Não me doe de hũa peçonha
 De que eu j'agora viuia ,
 Quando meus males sentia ,
 Quando me queixaua delles
 Lá me auieffe com elles.

Mas despois que já mais brando
 Sentia o mal por custume ,
 Virãome andar sem queixume
 Matãome remedios dando ,
 Tudo se vay reuezando ,
 Males que tremia eu delles
 Mouro com faudade delles.

DE GARCÍ SANCHEZ.

Secaran me los pezares
 Los ojos , y el coraçon ,
 Que no puedo llorar no.

V O L T A.

Quedar qual esta alma queda
 No fé como pueda ser ,
 Si otros lloran con plazer
 Que ella de triste no pueda ,
 Quando vna persona leda
 Puede llorar , como no
 Pude vn triste coraçon ?

ALHEO.

A L H E O.

Pufiera los mis amores
 En vn tan alto lugar
 Que no los puedo olvidar.

V O L T A S.

Al mi mal tan mal creydo
 Dolor fin fin , y fin medio
 El remedio era el oluido ,
 Yo oluideme del remedio ,
 Por vos no duelen dolores ,
 Por vos no peza el pezar
 Como os podré olvidar ?
 Por vos el contentamiento
 (Quien nunca tal cosa oyó ?)
 Entre la muerte , y tormento ,
 Lugar para sí hallò ,
 Y en medio de mil dolores ,
 Que andan para me matar ,
 A plazer se puede estar.

NA SEPULTURA DE PEDRAZA,

QUE NO CANCIONEIRO GERAL SE CHAMA
CONSTANCIO.

E P I T A P H I O.

ALMAS que em tan breues dias
Tal nonbre, y tal fama as dado
Al cuerpo aqui sepultado,
Que a outra parte regias.
Aqui a carne pezada
Ya tierra, espera por ti,
Alma bienaventurada,
En esto no te va nada
Los hombres pienſan que si.

NA SEPULTURA DE HVA DAMA.

E P I T A P H I O.

DE quam pouca terra satisfeita jaz,
A quem toda ella nam na merecia,
Aquella, que triste, ou leda, ou como hia
Assi punha tudo em guerra, ou em paz.
Leuounola a morte cruel, que desfaz
As mayores cousas com mayor presteza,
Ah Morte, ah Mundo, ah tua riqueza,
De quam pouca terra satisfeita jaz?

NA PRISAM DE HUM SEV GALEGO.

I.

INDÁ que me eu ria , e calle
 E me faça furdo , & cego ,
 Bem sey eu , porque o do valle
 Correo tanto ao meu Galego.
 Como com ladram fez festa ,
 Mas inda mal a la fé ,
 Porque hum escrito na testa
 Nam tras cada hum de quem he.

II.

Entre claros , entre escuros
 Homens de feifcentas còres
 Andam por aqui seguros
 Nam lhe faem corredores.
 Apos quem torna por si ,
 E primeiro mata , ou morre ,
 Não corre o do valle assi ,
 Apos hum tollo assi corre.

III.

Bom matador , bom ladrão ,
 Que fugindo arma entretanto ,
 Deyxa acolher Bastião
 Que pica , e não rende tanto.
 Viue polla tua pena ,
 Outrem prenda , outrem condene ,
 Nunca toques no da pena ,
 Em que te as barbas depene.

IV.

Escreues pollo ribeiro ,
Anda só ao que he proueito
Has de pagarlhe o dinheiro ,
Ganhese a torto , & a direito.
Deixa andar os encartados
Que tem cheos os caminhos ,
De virotões ouriçados
Que saõ quais porcos espinhos.

V.

Come , & bebe , pois te presta ,
Não cures das assuadas
Com que vem juntos á festa
Tendouos todos em nadas.
E onde vires hum coyado ,
Que em te vendo perde a cõr ,
Ferra delle homem oufado ,
Não se vá tam mao feytor.

VI.

Executores da ley,
Auey vergonha algum dia ,
Este chama aqui del Rey ,
Est'outro chama à valia.
O outro diz em Portugal
De varas não ha hi mingoa ,
Defata a bolsa que val ,
Traz sempre atada a lingoa.

A ANTONIO DE SÁ,

FVGINDOLHE HVNS SEUS MOÇOS.

I.

PARTIO Francisco florido ,
 As más nouas logo foão ,
 As Aues mudadas voão ,
 Criados mudão vestido ,
 E mais se armadas atroão.
 Diz o pay de Salamão ,
 Que he hómem para alegar
 Se vos lembra em que lugar ,
 Quem me comia o meu pão
 Trataua de me enganar.

II.

Que graça me já contarão
 Ha dias d'um Castelhana
 A quem criados tal dano
 Por vezes lhe assi causarão ,
 Do feu pão , & do feu pano.
 Veo o feu dia , & achou
 Moços de nouo empenados ,
 Como os vio adormentados
 Os vestidos lhe furtou ,
 E fugio aos seus criados.

G L O S A

COMO SE NAQVELLE TEMPO CVSTVMAYA, A ESTA
CANTIGA DE DOM IORGE MANRIQUE.

NO sé porque me fatigo,
Pues con razon me venci?
No siendo nadie conmigo,
Y vos, y yo contra mi.
Yo por aueros querido,
Y vos a mi defamado,
Com vuestra fuerça, y mi grado
Auemos a mi vencido.
Y pues fuy mi enemigo,
En me dar como me di,
Quien osará ser amigo
Del enemigo de si?

GLOSA AO CUSTUME DAQUELLES TEMPOS.

Del tormento fatigado
No sé que consejo figo,
Voy de cuydado en cuydado,
Mas despues en mi tornado,
No sé porque me fatigo.
Haz lo que fuele el pensar,
Defatinandome ansi,
Mas boluiendo a en vós pensar
No sé de que me quejar,
Pues con razon me venci.
En aquella mi agonía,

Ya no me queixo : mas digo ,
 Quando fue la prision mia ,
 Quien ayudarme podria ,
 No siendo nadie conmigo ?
 Y aun esto no abastó ,
 Que harto mal era por si ,
 Que a mi me faltasse yo ?
 No fuy conmigo alli , no ?
 Y vos , y yo contra mi .
 Que diran a tal concierto
 Sin mas dilacion cumplido ?
 Entr'ambos me auemos muerto
 Vos porque no fé , mas cierto
 Yo por aueros querido .
 Lo mas como lo fabré ?
 Que en aquel punto ordenado ,
 Que a vos los ojos alcé ,
 A mi desamado me he ,
 Y vos a mi desamado .
 En el mal quando acontece ,
 Es consuelo el ser forçado ,
 Tambien esto aqui fallece
 Que juntamente parece
 Con vuestra fuerça , y mi grado .
 Fuerça , en que no consentistes ,
 Mas vuestro poder sabido ,
 En que venceis quanto vistes ,
 El , y los mis ojos tristes ,
 Auemos a mi vencido .
 Que lagrimas , y que ruegos ,
 Alcançaran vn abrigo
 En tantos desaffosílegos ?

Pues acendi los mis fuegos ;
Y pues fuy mi enemigo ?
Es la razon natural ,
Que cada vno sea por si ,
Que a los otros feré qual ,
Para mi fuy , felize mal ,
En darme como me di.
Todos andan a su prouecho ,
Yo solo a mi mal me obligo ,
Por mayor que es el despecho ,
Pero de tan crudo pecho ,
Quien osará fer amigo ?
Mas qué digo yo , osará ,
Mejor lo dixera así ,
Qual peligro detendrá ,
Aquel que huyendo vá
Del enemigo de sí ?

12

The world is full of beauty,
 And every creature
 Has its own part to play,
 In the great scheme of things,
 Which God has wisely planned,
 For our instruction,
 And our comfort,
 In every season.
 When we are sad and lonely,<
 Or when we feel alone,
 Let us remember,
 That we are never
 Forgotten of our God,
 Who is our Father,
 And our Friend,
 And our Redeemer,
 Who has died for us,
 To give us life and grace,<
 And to make us
 His holy people,
 Who shall be
 His glory and his praise,
 Forever and ever,
 Amen.

**OS ESTRANGEIROS,
COMEDIA.**

DE ESTERANGIROS

COMEDIA

AO IFFANTE CARDEAL
DOM ANRIQUE.

NO que V. A. manda, que se pode dizer mais? A Comedia qual he, tal vay, Aldeã, & mal ataviada. Esta só lembrança lhe fiz á partida, que se não desculpasse de querer ás vezes arremedar Plauto, & Terencio, porque em outras partes lhe fora grande louuor, & se mais tambem lhe acoymassem a pessoa de hum Doçtor, como tomada de Ludouico Ariosto, que lhes possesse diante os tres auogados de Terencio, dos quaes hum nega, outro affirma, o terceiro duuida, como inda cãla dia acontece: assi que des aquelle tempo vem ja o furto, não se enganem co nome de Doçtor nouo, barbaro, & presuntoso, como são muitos titulos, assi dos escriptores, como das obras dos nossos tempo, tão differentes do comedimento dos pajados, como foy o de Philosopho dado por Pithagoras. Tullio com que ameaçaua

ja seu amigo Trebacio , tamanbo Iurif-
consulto , senam com as graças de Laberio?
E Horacio com quantas de suas graças
passa hum sermão co mesmo Trebacio? a
Comedia tão estimada nos tempos antigos,
que al differão aquelles grandes engenbos
que era , senão hũa pintura da vida com-
mum á dos Principes se repartio a Tra-
gedia. Todos estes , E outros muitos incon-
uenientes eu passaua leuemente , o mais que
arreceaua erão más interpretações a cada
passo , ás quaes quem pode fugir , se té os
hereges quantos são tambem trazem a Sa-
grada Scriptura em sua ajuda interpretan-
do mal , e o diabo tambem. A isto tudo ou-
uer a algum remedio , que era o do fogo ,
mas ao mandado de V. A. que farey ? sal-
uo obedecer , e pedir-lhe que empare estes
estrangeiros como fazem os grandes Prin-
cipes , e de cujo emparo sómente confiaõ os
que vão por terras albeas. Eu não vou pe-
dindo , saluo perdão , este pelo prouerbi
Grego he deuido no começo das cousa.
Nosso Senhor sua vida , e real estado,
&c.

PESSOAS DA COMEDIA.

A MENTE MANCEBO.	AMBROSIA VELHA.
ALDA MOÇA DE SERVIR.	BRIOBRIS SOLDADO.
DORIO CASAMENTEIRO.	CALLIDIO MANCEBO DE
DEUORANTE TRUHAÓ.	SERVIÇO.
PETRONIO DOCTOR.	SARJANTA MOLHER DE
GUIDO MERCADOR.	SERVIÇO.
VIDAL SERUIDOR.	GALBANO VELHO.
CASSIANO AYO.	REYNALTE VELHO.

A PESSOA DA COMEDIA FAZ O PROLOGO.

PROLOGO.

ESTRANHAISME, que bem o vejo, que ferá? que não ferá? que entremes he este? foy gram dita que não apodaes ja, mas não ha de falecer quem me arremede. Os Portugueses fois assi feitos logo polla primeira, despois dareis o fangue dos braços. Agora parece que me estranhão ainda mais, pareceuos que não diz a falla cos trajos? Esperaueis delles algús triques troques, ora me ouui, diruoshey quem sou, donde venho, & ao que venho. Quanto ao primeiro sou hũa pobre velha estrangeira, o meu nome he Comedia, mas não cuydeis que me aueis por isso de comer, porque eu naci em Grecia, & lá me foy posto o nome, por outras razões que não pertencem a esta vossa lingua.

goa. Alli viui muitos annos a grande meu favor, passaraõme despois a Roma pera onde então por mandado da fortuna corria tudo. Hi cheguey a tanto que me não faleceo hum nada de ser Deosa: despois a grandeza daquelle Imperio que parecia pera nunca acabar, todauia acabou. E assi como a sua queda foy grande, assi leou tudo consigo, alli me perdi eu com muytas das boas artes, & ahi jouemos longo tempo como enterradas, que ja quasi não auia memoria de nos, té que os vezinhos em que d'uns nos outros ficára algũa lembrança cauarão tanto que nos tornarão á vida, maltratadas porem, & pouco pera ver. Agora que ja hiamos (como dizem) ganhando pés, fentionos logo aquella nossa imiga poderosa que nos da outra vez destroyra, foyse là, pos outra vez tudo por terra. Bem entendeis que digo polla guerra imiga de todo bem. Venho fugindo, aqui neste cabo do mundo acho paz, não sey se acharei affosso. Ia fois no cabo, & dizeis ora não mais, isto he auto, & desfazeis as carrancas, mas eu o que não fiz atégora, não queria fazer no cabo de meus dias, que he mudar o nome. Este me deixay por amor da minha natureza, & eu dos vossos versos tambem vos faço graça, que são forçados daquelles seus consoantes. Eu trato cousas correntes, sou muito clara. Folgo de aprazer a todos. Direis vós que não he muito boa manha de dona honrada: direis, que Portuguezes fois. Finalmente a mim nunca me aprou-

uerão escuridões , nem fallo fenaõ pera que me entendaõ , quem al quifer não falle , & tirará de trabalho a si , & a outrem. Muitas contas vos dou de mi logo de boa entrada , cuydaueis que não auia de trazer de molher se não o trajo ? ora vistes que tambem trouxe a lingoa. Agora sabey que inda auemos de fazer hum caminho longo. Ia ouuirieis fallar de Palerino cidade nobre em Cecilia , hi vos ey de dar a mostra da minha tenda , porque lá sejais tambem estrangeiros. Cuidais que graçojo ? O meu poder he mór do que polla ventura cuidais , não me tenhaes em pouco por me verdes assi tão conuersauel , não se moua ninguem , affeguraiuos. Vedenos em Palermo todos a saluamento. Ora daquellas casas defronte fairá hum mancebo Valenciano por nome Amente , a este segue hum seu ayo que o vigia quanto pode , & d'estes , & d'outros sabe-reis o mais , que eu lhes mandey a todos que fallassem Portugues , & porque ouçaes cos corações repoufados , eu vos tornarey donde vos trouxe , ja sabeis que o posso fazer. Ouui , & fauoreceyme.

ACTO I.

AMENTE MANCEBO. CASSIANO AYO.

AMENTE.

IA vens apos mim Cassiano? que me queres? por vida se pode auer hum tão pesado captiueiro?

CASSIANO.

Captiueiro chamas tu ao teu remedio? Affi fazeis vofoutros a tudo, mudaes os nomes como quereis, & ficaes contentes: eu, Amente, eu sou o captiuo, que me trazes sempre apos ti por onde queres.

AMENTE.

Ainda os escrauos tem oras liures, tem suas festas, eu sempre ey de jazer debayxo deste jugo? que me queres? queresme acabar de matar?

CASSIANO.

Mas tu que queres? queresste acabar de perder? Ó Amente, quão mal te ensinou a minha mansidão.

AMENTE.

Como? sempre ey de ser menino?

CASSIANO.

Agora te he a ti mais necessario o teu ayo, que nunca.

AMENTE.

Não me dirás que me queres?

CAS-

CASSIANO.

Guardarte que este he o meu cargo , como me encomendou teu pay.

A M E N T E.

De que me has de guardar ?

CASSIANO.

Da tua doudice , pois queres que t'o diga.

A M E N T E.

Cuydas que te ey de fugir ?

CASSIANO.

Não andas tu neffes tratos. De Palermo não fugirás tu , mas de mim si. Ora ja que tu fazes o que não deues , deyxame a mim fazer o que deuo.

A M E N T E.

Que defaentura tamanha foi a minha !

CASSIANO.

A boa companhia , & bons conselhos de feu ayo , chama este ora captiueiro , ora defaentura , não suspires , creme que te ey de seguir como a tua sombra.

A M E N T E.

Essa não me segue polo escuro , & tu si. Mas não estemos mais nestes debates , antes me tornarey a casa , hi que mal posso fazer ? tu guarda a porta se quiseres.

CASSIANO SÓ.

Hi lá tomar cuidado de filhos alheos. Onde ha isto de ir ter ? Que se fez do acatamento que estes moços sohião de ter a seus ayos ? que não sómente lhe oufauão de levantar os olhos. Agora vedes em que mundo somos , que ás

vezes vos cumpre fazer que não vedes , & outras que não ouvis. A doudice não sabe ter meyo. A tanto são chegados , que gracejão , & dizem que ja se não costumão ayos , como se fossem trajos curtos , ou longos , & dos velhos dizem que cantão por hũa corda , & por fabórdão. Ó pois que musica a sua delles , & que contraponto ! muitos escarneos , muitas mentiras , pouca verdade , menos vergonha. Beijãovos as mãos cém mil contos de vezes , cêdo hão de beijar tambem os pés como ao Papa , se elle não acode por seu estado. Entregãosevos por escrauos cos ferros nos pés , & cos ferretes nas testas , então quando os requireis , foy a mór mofina do mundo , porque aquillo só não podem. Ora da outra parte cotejay o canto chão dos nossos velhos , o seu si , pollo si , pollo não , não , o seu rego vay , rego vem , o seu dizer , & fazer , qual aueis por melhor musica ? Digouos em boa verdade que o d'agora tudo parece escarneo quanto vedes , porem não se lancem os pays de culpa , que os crião tanto na vontade. Todos somos enfeitigados co estes filhos , despois que os danão , encomendaõnos. Quanto ha que partimos de Valença , hiamos pera Rhodes , nosso amo quifera encostar este filho áquella Religião , estando aqui esperando passagem , vierão nquas do cerco. Agora ja dizem mais da tomada , temos gastado muito do tempo , & o dinheiro todo. Este moço namoroufeme aqui , & perdeu o siso , eu ando em velporas de perder tambem o meu co
el-

elle , tenha escripto a seu pay que acuda , e-
pero sua reposta , entre tanto ando assi ten-
dome ao mar. Esta doudice dos amores nace de
ociosidade , & nella se mantem , esta ao menos
lhe queria tirar , & por isso o perfigo co a mi-
nha presenca , ao menos não falará tanto co aquel-
le seu grande priuado Callidio.

ALDA MOÇA DE SERUIR. AMBROSIA VELHA.

A L D A .

Assi hi como dizes minha tia Ambrosia ,
mas andemos mais , que faço ja grande de-
tença.

A M B R O S I A .

Bem dizes , Alda filha , se eu podeffe , mas
vou muito carregada.

A L D A .

De que tia ?

A M B R O S I A .

D'oytenta annos que trago ás costas , & pe-
saõ muito.

C A S S I A N O .

Aa mingoa daquella carrega , anda meu cria-
do Amente taõ leue.

A L D A .

Mal he esse que todos deseamos.

A M E N T E .

Com muitos outros de companhia que tu
naõ dizes.

A L D A .

Que tais ?

AM-

AMBROSIA.

Estes homens filha principalmente.

ALDA.

Gracejas tia?

AMBROSIA.

Gracejar dizes? Antes te esconjuro mil vezes que te não ponha ninguem medo com outras almas peccadoras.

ALDA.

Não feroão todos tão maos.

CASSIANO.

Ia aquella jaz. Medo ey que a velha acuda ja tarde ao arroydo.

AMBROSIA.

Todas queremos fazer essa experiencia de nouo, então filha quantos queixumes?

ALDA.

Ditosa he logo esta tua Lucrecia, que tantos aqui andaõ bebendo os ventos por ella.

AMBROSIA.

Affi queira Deos que não se folte tudo em ventos.

CASSIANO.

Como velha pratica, & fesuda.

ALDA.

He o Doctor Petronio taõ rico.

AMBROSIA.

Bem o fey, mas tu dizes taõ rico, & não dizes taõ caluo.

ALDA.

Diz que a tomará em camisa.

C A S S I A N O .

E se vierem aos lanços , meu criado Amente
a tomará nua.

A L D A .

E a isso cuido que es agora chamada , por-
que o Doctor aperta muito.

C A S S I A N O .

Que me matem se esta não he a paixão
em que agora anda o doudo de meu criado
Amente.

A M B R O S I A .

Aquelle dom Abbade tio de Lucrecia , Re-
ligiofo como elles foião de fer , tanto lhe dei-
xou do feu , que Betrando a pode casar sem lhe
custar nada , e mais com tal ajuda de Deos co-
mo he parecer feu , e o sifo.

A L D A .

Lá faberas tudo , não façamos mais de-
tença.

C A S S I A N O S Ó .

Se esta moça verdade conta , empresto eu a
nosso amigo hús poucos de maos dias com suas
noites , que o negocio de Doctor he de sifo ,
não pera elle , mas pera Betrando , & pera a
moça tambem , se ella he fesuda como diz a
velha , fallo como se costuma de fallar , que
todos nos lançamos a este proueito do Doctor,
crede se a colhe ás mãos , que elle terá cuida-
do de fechar suas portas , & janellas a tempo ,
então deixay vós ao doudo rodear a casa , & sof-
pirar toda a noite , vós todavia não duuideis ,
que entre tanto o sono não preste mal ao coy-

tado do velho, & desconfiado. Ah que queremos forçar tudo, & a natureza tambem. Velho namorado com moça fermosa, e empolada, não ha hi pera dous dias, despois não lhe ha de falecer outro melhor empenado, com quem logre o que lhe o velho deixar por sua alma tanto ás suas custas. Mas deixemos a cada hum fazer suas contas, & cuidar que as acerta, prouesse a Deos que visse ja o casamento feito, o Doctor entraria em fadiga, eu polla ventura sayria della.

DORIO CASAMENTEIRO. CASSIANO AYO.

D O R I O.

Até quando traremos nós ao pescoço este jugo dos Espanhoes? até quando jaremos neste sono, & neste esquecimento da nossa liberdade?

C A S S I A N O.

Tambem este vem bracejando, & fallando consigo.

D O R I O.

Quando lhe cantaremos nós outras vesporas Cecilianas como fizemos aos Franceses? venha (como dizem) o diabo escolha, todavia o Frances roubate, & conuidate, o Espanhol sempre quer senhorear, como se pode sofrer tanto senhor Capitão?

C A S S I A N O.

Coytados que neste murmurar nos mantemos.

De-

como he o casamento , não se podia escolher
faluio peffoa das calidades que deue d'auer
em ti.

D O R I O.

Naõ pollo eu merecer , mas faço todauia
polo não desmerecer. E vindo ao meu caso ,
digo que viuendo eu aqui em paz , & amor de
todos , feruindo meu officio como todo mun-
do sabe , agora ja no derradeiro quartel da
vida , hum mancebo de que me dizem que
tens carrego anda de todo posto em me matar.

C A S S I A N O.

Matar , ou como ?

D O R I O.

E mais sobre meu officio.

C A S S I A N O.

Quem te disse tal ?

D O R I O.

Muitos , e antre os outros elle mesmo.

C A S S I A N O.

Contamo.

D O R I O.

Passando por mim ameaçoume mordendo
hum dedo da mão , & dizendo não sey que
palauras.

C A S S I A N O.

São braburas de Palermo.

D O R I O.

Hi vé homem cada dia matar muitos.

C A S S I A N O.

Inda effe que dizes tem por matar o pri-
meiro.

Do-

D O R I O.

Não queria que começasse em mim.

C A S S I A N O.

Justiça ha na terra.

D O R I O.

Despois d'eu morto quer a aja , quer não!

C A S S I A N O.

Não que a sua pelle te guardará a tua.

D O R I O.

A muitos a não guardou , que sey eu de quaes ferey ?

C A S S I A N O.

Naõ cuides fõmente nesse cachoparrão.

D O R I O.

Esses , fenhor meu , são os que eu arreceo; que não os velhos , fefudos , lançadores de contas. Ando assi como vés mettido neste mantão, húa mão fobre a outra , que mais he matarme a mim que a húa ouelha ?

C A S S I A N O.

E porque ha de matar ninguem essa ouelha ?

D O R I O.

Hús pella laã , outros pella pelle.

C A S S I A N O.

Conhecelo tu bem ?

D O R I O.

Assi o não vira nunca , nem elle a mi.

C A S S I A N O.

Por te pôr esse medo te ameaçou ? agora se a ti fosse andaria eu mais seguro.

D O R I O.

Amigo , & senhor meu , mais gente mata o descuido , que os cuidados. He me necessario dar mil voltas á cidade de dia , & de noite , digote que ey medo aos acontecimentos , quanto mais aos propósitos.

C A S S I A N O.

Tenslhe feito algum agrauo?

D O R I O.

Naõ que eu sayba.

C A S S I A N O.

Que te diz o coração?

D O R I O.

Naõ me sey affirmar , mas pode ser que por ir á casa de Petrando , onde ja não vou , no que recebi a perda que Deos sabe.

C A S S I A N O.

De cujo mandado hias lá?

D O R I O.

Iffo naõ posso dizer , que são segredos de officio , que tenho.

C A S S I A N O.

E a esse teu matador que lhe vay nisso ? Que has , porque cospes ?

D O R I O.

A longe vá maõ agouro.

C A S S I A N O.

Porque lhe chamey teu matador ? callate que naõ te ha por isso de matar.

D O R I O.

As vezes se dizem as palãuras em tal conjunção.

CAS-

C A S S I A N O .

Grandes arreços trazes a esta tua vida.

D O R I O .

Tenho necessidade della pera mim , & toda
minha gente.

C A S S I A N O .

Que lhe vay a esse mancebo nisso ?

D O R I O .

Naõ sey , elle o saberá.

C A S S I A N O .

Ora Dorio amigo meu , quanto ao medo
naõ sey que te faça , que naõ he em mi tirar-
to , no mais farey quanto em mi for , naõ te
posso prometer mais.

D O R I O .

Nem eu pedirte mais , & porem isso te peço
muytas vezes.

C A S S I A N O .

E eu muitas to prometo , descanfa que naõ
ferá nada.

D O R I O .

Assi queira Deos.

C A S S I A N O .

Este doudo em que anda cuida que pelas
suas ameaças ha elle de ficar por casar. Húa
ora do dia que se me furta , logo deixa rasto
por onde vay , que faria se lhe eu tanto naõ desse
em que entender. Ouue dó do peccador que se
dá por morto , & tremiãolhe os beiços que ha-
dalejava. Ora me deixay co doudo que por isso
o ey de perseguir mais. Isto ganhará co as suas
ameaças , quero ir ver o que faz.

ACTO

ACTO II.

BRIOBRIS SOLDADO. DEURANTE TRUHAÕ.

BRIOBRIS.

Assi que me tendes aqui catiuo em Palermo em tempos de paz , & terra de Christaõs ?

DEURANTE.

São obras do Amor , que ja fez a Hercules conquistador do mundo fiar , & debar.

BRIOBRIS.

E eu que achandome na de Rauena , Chirinola , Vicença , Milão que vieffe assi a cayr nas mãos d'ũa moça ; que te parece ?

DEURANTE.

Assi contaõ que se toma o Alicorne animal taõ brauo.

BRIOBRIS.

E assi aconteceu a Roldaõ , & Reynaldo.

DEURANTE.

E ontem a el Rey Carlos o da cabeça grande em Piamonte.

BRIOBRIS,

Naõ sou acustumado a sofrer desejos.

DEURANTE.

Acostumate por amor de mim , que os amores de seu natural saõ brandos , & queremse por bem.

BRIOBRIS.

Arrenego destas vossas branduras , tenho

nhome co'a guerra, onde se tudo faz por força.

D E U O R A N T E.

Falla mais sem payxaõ, que te demudas, & fazesme auer medo.

B R I O B R I S.

Esse mal tenho, sou temeroso.

D E U O R A N T E.

O que d'outra parte es mais gracioso que a mesma graça!

B R I O B R I S.

Porem quando me vem esta paixãõ perdoay. Se me viras no campo?

D E U O R A N T E.

Ahi dão os homens testemunho verdadeiro de quem saõ.

B R I O B R I S.

Digo que se me lá viras. Andaua mais acompanhado que o Capitãõ. Elle morria d'enueja, & eu naõ morria d'abafar. Conteyte ja dos toques que lhe dey?

D E U O R A N T E.

O da Temuda?

B R I O B R I S.

E esse não foy mau, mas primeiro te ey de contar d'outros Anjos cosidos.

D E U O R A N T E.

Que aramá lá fuy? Cuidey d'atalhar, e ro-deey, apos estes viraõ os fritos, & despois os affados.

B R I O B R I S.

Este capitaõ tocava no Tribu de Iudá, e

como disse, tinhame grande enueja, polo qual mastigaua, & grosaua ditos meus, que todos trazião na boca, polo qual eu a hum propo-
sito naõ fallando mais com elle, que cos outros disse hũ dia. Naõ se ha aos supitos de buscar a escama detras a orelha.

DEUORANTE.

Ha, ha, ha.

BRIOBRRIS.

Que oueuste?

DEUORANTE.

Naõ he pera ninguem brincar contigo como dizem do ferro. E os outros?

BRIOBRRIS.

Torciãose todos. Mas quem te disse o da Temuda.

DEUORANTE.

Mil pessoas que o sabem, & o contaõ entre outras graças tuas. E elle mesmo foi o que m'õ contou, mas que ey ja de fazer?

BRIOBRRIS.

Este mesmo Capitaõ trazia amores em parte que me hia nisso algũa cousa. A dama chamause Temuda: mas que auia o diabo de fazer? Viemonos hũa só noite a encontrar em hum lugar escuso, elle rebuçouse, mas eu ao passar disse. Pera que he andar taõ temudo?

DEUORANTE.

Destruysteo. Esse homem como sennaõ foy logo lançar n'um poço?

BRIO-

B R I O B R I S .

E isto em dizendo fazendo.

D E U O R A N T E .

São graças naturaes que Deos reparte por quem quer bem.

B R I O B R I S .

Naõ o digo por me gabar , mas quantas vezes me aconteceu não me darem fõmente vagar com requerimentos de cartas d'amores , hús a hum proposito , outros a outro ?

D E U O R A N T E .

Quais auias por mais trabalhosas ?

B R I O B R I S .

As primeiras.

D E U O R A N T E .

Como Mestre.

B R I O B R I S .

E assi d'úas , como d'outras os começos , que depois húa palavra leua a outra por húa maneira noua que ora descobrimos , que tudo se vay apurando cada vez mais.

D E U O R A N T E .

Ficartehião os treslados que leremos sobre mesa.

B R I O B R I S .

Nunca as guardo , mas lembrame hum começo , & dizia assi. Nas ondas destas lagrimas que me leuão assi na sua corrente , naõ tem estes meus olhos outro Norte , porque se rejaõ senaõ os teus.

D E U O R A N T E .

Ay , ay , que farey ? Isto naõ se sofre.

B R I O -

B R I O B R I S .

Outra.

D E U O R A N T E .

Dará cento como relógio mal concertado.

B R I O B R I S .

Os enganos senhores da vontade fazem o que querem de mim , & eu não quero acabar de entender o que entendo , e fico assim como em mares encruzilhados onde a força não esforça , nem governa o governalhe.

D E U O R A N T E .

Busca quem te aguarde taes pancadas , que eu não posso.

B R I O B R I S .

Pois se quisesse que te esmiuçasse isto pelo meudo.

D E U O R A N T E .

Fugirey quanto poder , tão endiabrado es por bem , como por mal.

B R I O B R I S .

Assi haõ de ser os homens , & não como estes frieirões , que não são peixe , nem carne. Outra. No meyo dos desejos não acho cabo , no cabo não acho meyos : tal aujamento acho pera o meu defaujamento , e tal esperança pera o cabo da desesperação.

D E U O R A N T E .

Finalmente pera esta tua nauegação tudo o mais temos , a moça só nos falece , esta busquemos.

B R I O B R I S .

Não se pode errar que não ha outra em Pa-
ler-

lermo , como em Palermo ? como em Palermo ?
naõ ha outra no mundo. Aqui achey , aqui perdi , aqui me perdi.

DEUORANTE.

A bom sancto te encomendaste , eu te tornarey a achar.

BRIOBRRIS.

Os cabellos como fio d'ouro , os olhos verdes que eschamejauaõ.

DEUORANTE.

Tais que te fartaraõ os teus ?

BRIOBRRIS.

Mas tais que mos deixaraõ famintos pera sempre.

DEUORANTE.

Ora cortame este pescoço , & acaba. Que mais poderá dizer hum Mancias ?

BRIOBRRIS.

Pois ando pera me enforcar como vés.

DEUORANTE.

Não faças por amor de mim que he cousa de que te arrependerás.

BRIOBRRIS.

Nunca fiz cousa de que me arrependesse.

DEUORANTE.

E eu cada dia , & cada ora. Vamonos a jantar , ficarnosha tempo pera os negocios.

BRIOBRRIS.

Naõ o haõ inda de ter prestes , eu vou a dar preffa , & terey cuydado do teu mantimento , tu tem cuydado do meu.

DEURANTE.

Es hũa fonte perenal de eloquencia , nunca te acabaraõ d'esgotar.

BRIOBRI S.

Pois creme que naõ anda aqui hum terço de miim.

DEURANTE SÓ.

A que tempo me Deos deparou este soldado ? que não achaua ja aqui hũa vez d'agoa. Neste mundo tudo saõ começos. Foyne bem huns dias , agora andaua ja ás moscas. Cada tarde me assentaua sobre hum penedo a diuiflar dali o mundo , & dando ao papo como francelho manso , olhando pera onde tomaria o voo. Trabalhofo officio este nosso , que tem sempre o mantimento em mãos alheas. Muito bem me dizem dos Gallegos , & tem razaõ , que nunca em al fallaõ segundo me dizem senaõ em comer , & beber. Nunca se vio taõ roim mundo , o dizer bem das pessoas he cousa fria , & ainda desapraziuei , o dizer mal he perigoso , quem quereis que tome hum porto taõ estreito ? & por inda ser nossa mo-fina mayor , os mancebos feruidores das damas com quem era todo nosso ganho , vierãofenos a fazer mais graues que seus pays. Ó joyas , joyas quem tiuesse bem de comer pera se rir de vos , como hi naõ ouue amores , não ouue homens , com elles se foraõ as canas , os touros , as justas , & finalmente a liberalidade , nosoutros ficamos como finos em castello despouoado tangendo as gralhas , & assi ja

eu era (como digo) na espinha , lembrouse Deos de mim , & acodiome com este soldado appetitoso , convidador , mais vão que a mesma vaydade , nas armas hum Roldão , mais ferinoso , & mais namorado de si mesmo que Narciso , mas a mim que se me dá ? vem da guerra , & destes seus a que chamão facos , onde roubão a Deos , & aos sanctos. Vos poreim vede como fallais , & não lhes chameis roubos , senão olhay por vos , facos si quantas vezes quizerdes. Quem me mete a mim com seus pontos de honra ? venha donde vier , ganhaffeo como quiffesse , fou polla ventura seu confessor ? come , bebe , joga , & he de molheres , aquelles tais são os meus homens. O mal ganhado mal se ha de despender. Viuamos todos. He de louuaminhas : fartoo dellas. Quer contar suas mentiras , aparelho os ouvidos , enchoo de vaydade , & elle a mi que não fou taõ espiritual , encheime disso que se vende na praça , seja nas boas oras , trato he em que elle põe dinheiro , & eu palauras , dure o que durar. He enfadonho ? Não ha logo de fer tudo como homem quer ; e de que me podem melhor feruir os meus ouvidos , & a minha lingua , que de me ganharem de comer ? A moça não vos ha de fer outra senão esta Lucrecia , pera quem agora toda a cidade se embica. Guarda de escandalizar ninguem por ninguem , que as obrigações esquecem logo , as magoas nunca , lá se aueñão , que eu não me mantenho d'olhos verdes quando me veredes. A mór sciencia que
no

no mundo ha assi he , saber conuerfar cos homens , bom rosto , bom barrete , boas palavras não custão nada , & valem muito , & assi quem sabe de tudo isto faz bom barato , os paruos daruoshão antes dinheiro , e eu antes o queria. Isto não se aprende em Paris. Voume a comer.

CASSIANO SÓ.

Meu criado como me sintio em casa dissimulou & partio , verdadeiramente o mais certo preso he quem guarda o preso. Achei esta carta pareceme que lhe cahio co'a pressa : letra de molher he , deue de ser da moça , quero ver o que diz. (Não sei porque folgas fazer tanto mal a ti & a mim) Bem me podera esta moça tambem aqui meter no começo desta carta. (Que te perdes & não olhas com quanta perda minha querendome obrigar co'isso.) Milagres são que as fermosas fazem a que se não pode dar razão. (Em pago de me pesar do teu mal , queres ser causa do meu) Mais pesa a seu ayo , & mais pesará a seu pay quando o souber. (Olha que ainda se pode remediar tudo) não a bolsa que trouemos que arqueja , & tira quanto pode polo follego. (Differaõme de tua parte que não querias mais que este meu defengano , ahi o tens.) Que fará agora Amente senão irse deitar naquelle mar assi defenganado ? Quanto melhor remedio fora não lhe dar nunca olhos, nem ouvidos , mas isto por boas filhas que ellas sejam , não lho mandeis , que lhe manda o seu

seu natural outra cousa. O artificio com que se já tudo diz , & faz , & digo em mayores casos. Mas he elle o que lá vem ? Esse he. Bem sabia eu que esta carta m'õ auia de tornar a mão , querolha ir pór onde a ache , não acabe de sair de seu siso (se isto se pode dizer por quem já não tem nenhum.

A M E N T E S Ó .

Não passa assi o pesar. Quão pouco ha que sahi daquella casa com tanto prazer , vendome livre de Cassiano , eisine agora torno por mi mesmo á prisão , de que fugia , co'prazer de todo perdido , & a carta pouco menos , & mais a que tempo ! quando me ja não ficaua outro bem , outro descanso , outra nenhúa consolação , saluo aquellas poucas regras. Cuydey que a leuaua no seo sobre o coração , donde a nunca tiraua , elle foi o que achou menos , queriame saltar fora do peito , fezme tornar em sua busca. Mas he aquelle Callidio ? queroo esperar , não sey que nouas trará. Co'a cabeça bayxa vem , não he aquelle o seu costume , acabem ja de me matar os amigos , & os inimigos.

C A L L I D I O . A M E N T E .

C A L L I D I O .

Quem concertará tantos desconcertos ? Digouos que cuydo , & cuydo , & não lhes posso achar sayda.

A M E N T E.

O que ahi não ha , como se pode achar ?

C A L L I D I O.

Estes namorados não viuem senão d'esperanças.

A M E N T E.

Que assi são ellas muy faborosas.

C A L L I D I O.

Olhay que peças : Doçtor honrado , & rico,
os dedos cheos de aneis.

A M E N T E.

Pera mal vai este conto. Callidio , Callidio.

C A L L I D I O.

E o negocio está em Betrando tão fesudo ,
& tão pesado.

A M E N T E.

Callidio ? ouvesne ? vem cá , foubestes mais
algúa noua ?

C A L L I D I O.

Falley com Alda.

A M E N T E.

Com Alda ? & que te disse ?

C A L L I D I O.

Que o Doçtor apertaua muito o negocio.

A M E N T E.

E de Lucrecia ?

C A L L I D I O.

Que não trazia rosto de contente.

A M E N T E.

O que farey a estes rostos , que tão asinha
se mudaõ ? Que disse de Betrando ?

C A L L I D I O.

Que calla , & passeia.

AMEN-

A M E N T E.

E a molher?

C A L L I D I O.

A ambas as mãos pollo casamento.

A M E N T E.

Naõ he sua filha.

C A L L I D I O.

Nem he ella a que ha de casar , & dá tantas razões taõ fefudas. Ia sabes que coufas são molheres.

A M E N T E.

E tu ja sabes que se naõ faz em casa sennaõ o que ellás mandaõ.

C A L L I D I O.

Mal peccado.

A M E N T E.

Diffete mais algũa coufa?

C A L L I D I O.

Que hia em busca de Ambrosia a velha , que criou Lucrecia.

A M E N T E.

Pera que triste de mim.

C A L L I D I O.

Pregunteylho , mas deu aos ombros.

A M E N T E.

Que sospeitaua.

C A L L I D I O.

Mal.

A M E N T E.

E mal será, que assi acontece as mais das vezes.

CALLIDIO.

Que pressa he esta tua, & mais pera casa donde sempre foges?

A M E N T E.

Pera que queres saber mais das minhas des-aventuras? surteyme de casa com tamanho açodamento, que perdi aquella minha carta que fabes. Eu hi adiante acheyra menos, foy-me como achar menos o coração, torno em sua busca, deixame ir só.

DEUORANTE. CALLIDIO.

DEUORANTE.

Entaõ deixay vos frades bradar do pulpito, & bracejar que naõ ha hi dias aziagos.

CALLIDIO.

Mao rosto traz, será com fome.

DEUORANTE.

Ditosos homens que se lhes cré quanto dizem.

CALLIDIO.

Ando magoado de lhe ja ninguem crer cousa nenhúa.

DEUORANTE.

Que oras estas pera andar inda em jejum, inda que fora dia de jejum.

CALLIDIO.

Bem me parecia que dalli vinha a toce ao gato.

DEUORANTE.

Todos fartos, & cheos, entaõ querem gracejar, que me anda o diabo atentando pera fazer húa doudice, entaõ vereis como logo

to-

todos me daõ o corro , como dizem do touro.

CALLIDIO.

Pois quanto á mingoa da boa cornadura
naõ fique.

DEUORANTE.

Cuydey de achar ja o meu soldado á me-
sa , & hia lambendo os beyços d'ante maõ ,
fenaõ quando eu vejo que me estaua aguar-
dando á sua porta hum tauerneiro , a que sou
em diuida d'algus marauedis , olhey mais , &
vejolhe hum beliguinaz ao lado. Hialhe a cayr
nas mãos. Quanto val hum homem acordado ,
descobrios d'húa legoa , desuiemye entaõ por
outra rua eu lá , aleuantauase hum arroydo
como barborinho em tardes de veraõ , lanças,
pedras , espadas , naõ sey como sahi viuo.

CALLIDIO.

Vaso mao nunca quebra.

DEUORANTE.

Hum jantar que te Deos ministra , quantas
cousas te estoruao ?

CALLIDIO.

Pois ainda o meu quinhaõ te está cá guardado.

DEUORANTE.

De que te aproueita ser fesudo antre tantos
doudos. Iudeu ouueras de dizer que naõ fesudo.

CALLIDIO.

O meu grandissimo amigo Deuorante , quan-
to ora folgo contigo.

DEUORANTE.

Este me direis vos a mim que naõ he dia azia-
go ?

CAL-

CALLIDIO.

Que he isso que assi vens de má graça? não era esse o teu costume.

DEORANTE.

Deixayme passar que não ey contigo nada.

CALLIDIO.

Que te fiz? alguma agulha ferrugenta se metteo entre nós.

DEORANTE.

Requeirote da parte de Deos que me deixes ir em paz. Não sejas aqui oje o meu peccado.

CALLIDIO.

Espera que logo te auiarey.

DEORANTE.

Que me queres?

CALLIDIO.

Dous toques de trouas d'improuiso que tens nisto gracia *gratis data*.

DEORANTE.

Não hia eu ora cuydando em al.

CALLIDIO.

Tanto mais d'improuiso.

DEORANTE.

Se es quebrado, ou se es inteiro,
 Que assi vas aos folles dando;
 Das á cabeça escornando,
 Se es touro, ou velho sindeiro?
 Eras pera alfeloeyro,
 Que vay cascaueis tocando,
 Bem sei que foste apalpando,
 Mas não es bom chocarreiro.

CALLIDIO.

Ora o fizestes como quem es , & mais pel-
los consoantes outra ora te conuidarei , ja podes
passar.

B R I O B R I S . D E U O R A N T E .

B R I O B R I S .

Passaõ as oras do comer , o jantar danase ,
graõ força de negocio detem a Deuorante.

D E U O R A N T E .

Quando me auerey eu dentro naquella ca-
fa , que me oje tantas cousas defendem , mas
vejo o meu soldado.

B R I O B R I S .

Que detença foy esta ? ouue quem te fi-
zesse algum desprazer ?

D E U O R A N T E .

Ia me conhecem por teu , digote que naõ
querem prouar como pões as mãos , & o ferro.

B R I O B R I S .

E o fogo inda deueras de dizer.

D E U O R A N T E .

E o fogo tambem.

B R I O B R I S .

Que naõ ha muito que eu chamusquey hũs
poucos de villãos por hum desprazer que me
fizeraõ. Nem faberas como eu jogueto d'arcabuz.

D E U O R A N T E .

Saybaõno teus inimigos.

B R I O B R I S .

E dos soldados desta vossa guarda de Palermo.

DE--

DEUORANTE.

Si, de como os desbarataste.

BRIOBRIS.

Com hũa só palaura queres tu passar por tamanho feito?

DEUORANTE.

Iffo feria se as muitas abastaffem.

BRIOBRIS.

Bem diffeſte. Como es auifado.

DEUORANTE.

Vou aprendendo de ti?

BRIOBRIS.

E do vffo tamanho, & taõ medonho que me dizes pois o viſte?

DEUORANTE.

Sabes que entaõ differaõ todos?

BRIOBRIS.

Que por tua vida?

DEUORANTE.

Que ſe apalpara o vffo com o Liaõ.

BRIOBRIS.

Ha, ha, ha. Ora nunca vi melhor dito de pouo.

DEUORANTE.

Aſſi diz o pouo que nunca vio melhor feito de hum homem só.

BRIOBRIS.

Nem de dez.

DEUORANTE.

Nem de vinte: ó Senhor Deos que naõ fará dizer a fome? Naõ ſey pera que foraõ mais polés, nem mais dados na teſta, aquelle he
hum

hum vffo manso que anda por effas ruas brincando.

BRIOBRRIS.

Benzertehias quando me viffes saltar a trauuez taõ ligeiro.

DEUORANTE.

Eu taõ ayroso. Mas tu naõ me perguntas por nada?

BRIOBRRIS.

Ó meu amigo grande , como quem defcanfa sobre ti.

DEUORANTE.

Naõ he pera as ruas coufa de tal segredo , & preço.

BRIOBRRIS.

Entremos em casa , lá faberas marauilhas , & eu tambem contarey das minhas,

DEUORANTE.

O demo diz a este que haõ de fer mentiras por mentiras.

A C T O III.

PETRONIO DOCTOR.

SE nosoutros passamos tão afinha , que podemos fazer que dure muito ? *Tempus edax rerum tuque à inuidiosa vetustas , omnia consumitis.* Aquella tão antiga , & tão nobre cidade de Pifa em que nasci , he como posta por terra pois perdeo a sua liberdade , & os seus cidadãos

dães espalhados pello mundo antes que fe-
rem feruir aos Florentis seus inimigos. Fize-
mos todos o que podemos , & o que de-
uiamos , agora que temos de Pifa sennaõ par-
dieiros , & campos , *ubi Troja fuit* ; como diz
aquelle diuino Poeta ? A mim coubeme em
forte este Palermo , onde me magoão estas lem-
branças muitos annos ha , mas que farey ? fem-
pre assi ey de andar gemendo ? Ora quem vi-
uer verá tambem a Florença a sua pancada
que quanto vay mais crescendo , tanto será mais
cobiçada. Não se começáraõ em nos , nem
acabarão em nos , estes jogos da fortuna. Com
isto me vou consolando , os homens da minha
calidade per si se hão de curar , & sennaõ em
balde embranqueci sobre os liuros , *Patria est
ubicumque benè est*. O bom jogador eménda o
lanço mao quanto pode co saber , porque naõ
farey o mesmo ? fezme o mao lanço estrangei-
ro a estes , eu me lhe farey natural co'as boas
obras , co'a mansidaõ , & co saber , e mais se
acabamos este casamento como cuydo , cada
dia espero por meu irmão , dizem-me que he
arribada hũa nao de Poente , affentarnos he-
mos aqui ambos. Certo os homens naõ deuião
de fallar nas cousas do mundo sennaõ despois
de muita infinda experiencia , que segundo o
Philosopho , *est mater rerum*. Quantas contas te-
nho nesta vida feitas que me agora cumpre de
riscar ! O casamento a que tantas vezes chamey
cativeiro acostumado , torno agora a ver que
he cousa sanctissima , & necessaria. Os filhos de
que

que tantas vezes ri c'os mefimos pays de como naõ sabem fallar , faluo nas suas graças , dey de nouo volta , & acho que faõ todo o gosto da vida , & da fazenda , & bem fouberaõ as leys o que diziaõ em chamarem feus proprios herdeiros ponto alto , *e de apicibus iuris*. Quanto a casar por amores , & mais nesta idade , digo nella me he mais necessario algum contentamento , quando me os outros todos vaõ defamparando. Que diferenças de costumes ! Aqui me deraõ dote honrado com Lucrecia , & logo defronte em Africa compraõ as molheres quemí as quer , parece que naõ he má razaõ. Mas vejo eu a minha criada ? Si vejo , no-uas teremos.

SARGENTA. PETRONIO.

SARGENTA.

Duas sortes de homens ha no mundo que se possaõ feruir , ou muito paruos , ou muito namorados , e ainda os namorados tem grande ventagem. Quanto tempo ha que siruo meu amo sem me dar hum vestido , nem hũa boa palaura que custa menos.

PETRONIO.

Que dar de lingoa ! grã caso este das molheres.

SARGENTA.

Vem o velho , & namorase , logo fuy vestida , & priuada.

PETRONIO.

Naõ a posso bem entender.

SARGENTA.

Nunca vistes taõ boa gente , nem que assi se vos deixe enganar taõ leuemente.

PETRONIO.

Enganar , ou como ? naõ ey aquella por boa palaura.

SARGENTA.

E mais Dorio fora ja do trato.

PETRONIO.

Nem tratos taõ pouco.

SARGENTA.

A verdade he apanhar.

PETRONIO.

Pior que pior.

SARGENTA.

Muitas merces á fermosura de Lucrecia.

PETRONIO.

Todo estremeci ouuindo aquelle nome , de lá deue de vir , assi com elle na boca a quero chamar. Sargenta , Sargenta.

SARGENTA.

Huy aquelle he nosso amo. Se me ouuiria, mas elle naõ ouue ja muito bem.

PETRONIO.

Vem ca , Sargenta , chegate mais a mim que te quero perguntar donde vens.

SARGENTA.

E logo te o coraçãõ disse donde ?

PETRONIO.

Que marauilha ? se elle sempre por lá anda.

SAR-

S A R G E N T A .

E a mim me parece que o vi.

P E T R O N I O .

Folgo com isso muito. E pois que anda a minha alma fazendo por lá?

S A R G E N T A .

Espalhando trouoadas como sino de virtudes.

P E T R O N I O .

E parecete que fica o ceo despejado de todo?

S A R G E N T A .

Limpo como hum espelho.

P E T R O N I O .

Nem lá contra o Poente não enxergas nada?

S A R G E N T A .

Húa pouca de neuoa , & vento.

P E T R O N I O .

Dahi se leuantaõ as vezes grandes trouoadas , mas que entendeste della?

S A R G E N T A .

Muytos fisos , & muytas virtudes.

P E T R O N I O .

De quem Sargenta?

S A R G E N T A .

De Lucrecia.

P E T R O N I O .

Assi faze , nomeama muitas vezes.

S A R G E N T A .

Nunca se tal graça vio , nem tal fiso.

P E T R O N I O .

Tal affento , nem tal fermosura.

S A R G E N T A .

O que todo mundo vé para que he dizerte mais ?

PE-

P E T R O N I O .

Ora vem cá Sargenta que te quero agora perguntar por hum ponto , coufa em que te nunca falley. Ouuiſte algũa ora fallar n'um mancebo Eſpanhol , que ſegundo dizem , anda aqui perdido d'amores por ella ?

S A R G E N T A .

Qual ? hum capa em colo , que á primeira parecia algũa coufa , ja agora não terá que despende , & parece que cahio da forca.

P E T R O N I O .

Ha , ha , ha , como o pintaste tambem.

S A R G E N T A .

Coufa he iſſo pera te ſómente lembrar ?

P E T R O N I O .

A mim não , mas a Lucrecia.

S A R G E N T A .

Que riſo , não he iſſo ſenaõ pera a nomeares muytas vezes.

P E T R O N I O .

Ao homem ſefudo tudo ha de lembrar , e mais iſto , das idades releua muyto.

S A R G E N T A .

E bem que diſpoſiçãõ he aſſi a tua ?

P E T R O N I O .

Da diſpoſiçãõ , Deos ſeja louuado , não ey enueja a ninguem , a idade polla ventura parecerá mais do que he c'os nojos , & c'os trabalhos com que ſe as cãs adiantaõ.

S A R G E N T A .

Quem não ſabe que as cãs não fazem velhice ?

P E T R O N I O .

E mais segundo o Philosopho , no casamento , o homem ha de ter boa auentagem d'annos á molher.

S A R G E N T A .

Muito releua o que quer o Philosopho pera o que ellas querem.

P E T R O N I O .

Ao homem he necessario mais siso , & mais experiencia como quem ha de gouernar. Mas aqui temos Deuorante acolhete Sargenta , que este sempre anda em espreita pera leuar nouas d'uns pera os outros.

S A R G E N T A .

Que dita tamanha vir quem nos espartifse. Naõ sey porque dizem tantos males da mentira , digaõ o que quiserem. Como ? & bom siso fora contar eu a nosso amo mui verdadeiramente donde vinha , & tudo o que fizera ? Ó que prazer pera elle , & pera mim que proueito ! e assi co'est'outra mezinha , elle fica dou-do de prazer , & eu vou em paz.

D E U O R A N T E . P E T R O N I O .

D E U O R A N T E .

Naõ aja hi mais tal paruoyce , nem se enforque ninguem por paixãõ que lhe venha.

P E T R O N I O .

De boa tempera parece que vem.

D E U O R A N T E .

Como eu oje andaua joya ? com todos que-
ria

ria auer brigas. Bem dizem que fome , & frio, mas o frio he ventó. Esperarey quanto frio ha em Alemanha com esta capa çafada , não me falle ninguem em fome.

PETRONIO.

Fome , ou que ? não he perá o esperar , que se inuiaria aos dentes.

DEUORANTE.

Em fim quisine Deos dar sofrimento , quando cheguey , achey tudo prestes. O soldado bebera ja á minha reuelia , entaõ começou a contar das suas façanhas , matou , venceo , captiuou , eu tambem entretanto por não estar ocioso dey faco á mesa.

PETRONIO.

Bem está , farto deue de vir. Saybamos nouas. Onde se vay o grande meu amigo Deuorante ?

DEUORANTE.

Onde mais cumprir aos seus senhores , & amigos.

PETRONIO.

Que nouas correm ?

DEUORANTE.

Muitas , & pouco certas como em Palermo acontece cada dia , saluante se he verdade hũas que me deraõ pouco ha.

PETRONIO.

Que taes Deuorante ?

DEUORANTE.

Que es ja dos nossos.

P E T R O N I O .

E isso has por coufa noua ?

D E U O R A N T E .

Si que d'antes tinhamoste como emprestado.

P E T R O N I O .

E agora como ?

D E U O R A N T E .

Por mais que noffo.

P E T R O N I O .

Assi quiz a fortuna.

D E U O R A N T E .

E o amor tambem.

P E T R O N I O .

Ah , ja te entendo , e nisso auerá mil sentenças.

D E U O R A N T E .

Antes a todos ouço fallar por hũa boca , deixemos algũs dedos queimados fóra.

P E T R O N I O .

Ah , ah , ah , & effes faraõ a mim inda mais velho , & a ella inda mais moça.

D E U O R A N T E .

Como que naõ viffemos por aqui moças sefudas , & velhas doudas que farte , & se muito te cumprirem de minha casa podes ser feruido.

P E T R O N I O .

Eu t'o agradeço muito , mas por agora na praça estaõ ás moscas.

D E U O R A N T E .

Tomay lá ? assi fazem , pagaõ hũa graça com outra.

P E T R O N I O .

Que dizes ?

D E U O R A N T E .

Que tudo se acha em ti, sífos, graças, & galantarias.

P E T R O N I O .

De ti me vem que me aleuantas os espiritos, mas fallando de sífo, grandes priuilegios tem as molheres dos Doctores, se os ellas entendessem.

D E U O R A N T E .

Que negra consolação principalmente pera as bellas mal maridadas. E assi os outros homens em voffo respeito: certo que se podem chamar corpos sem almas.

P E T R O N I O .

Donde singularmente vaõ inferindo os nossos Doctores que se não pode dóctorar hum homem morto.

D E U O R A N T E .

Iffo he certo ?

P E T R O N I O .

Certissimo.

D E U O R A N T E .

Que mais queres ? eys o que se diz de cabra morta não diz mé.

P E T R O N I O .

Espantas-te ? Pois nota mais, que cabendo nas molheres taõ altos titulos como he Condeffas, Duquesas, Raynhas, Imperatrizes, &c. Mas doctoras iffo não por mais letras que tenhaõ.

DE-

DEUORANTE.

E effas não tem espirito.

PETRONIO.

Subtiliter Deuorante , mas respondendo *breviter* , declarome , que o do espirito que disse , procede *negatiuè* , *non affirmatiuè*.

DEUORANTE.

Todayia a molher do caualleiro , tampouco se chama caualleira , nem escudeira a do escudeiro.

PETRONIO.

Porque não são Amazonas que tragaõ armas , & escudo , & por isto logo das noffas disse , por mais letras que saibas , que te parece?

DEUORANTE.

Naõ sey , lá vos entendeis , grande vida leuais.

PETRONIO.

Assi podemos dizer co'aquelle noffo grande Justiniano : *Noctes ducimus insomnes* , &c.

DEUORANTE.

Pois desse voffo Iustiniano não sei que eu ja ouui dizer.

PETRONIO.

E que ?

DEUORANTE.

Que não fora elle dos mais Catholicos.

PETRONIO.

Ó lingoas de serpentes , escreuendo elle tão altamente de *Summa Trinitate* , & *Fide Catholica*.

DEUORANTE.

Taõ enfadonho he este , & taõ vaõ como o meu soldado , e naõ conuida tambem. Que faço aqui ? Mandas de mi algũa cousa mais ?

PETRONIO.

Não al senãõ que sou teu , eu , e quanto tenho.

DEUORANTE.

Eisime rico , & bemaumenturado. Assi viua elle , & assi medre , & despois sabeis que vos respondem por suas leys ? Que palauras de cortesia naõ obrigaõ. Nunca taes direitos visteis. Achaõ que hũa só palaura obriga , e muitas naõ : naõ ajaes vós medo que co'estes taes eu faça muita farinha.

PETRONIO DOCTOR SÓ.

Desque homem nasce té que morre , não trata cousa de mór peso , que a do seu casamento , que cada dia rematamos tão leuemente. Grande feito , que se te vendem hum rocim manco , ou hũa mula maliciosa , logo hi faõ mil leys a te ajudar , & tem procuradores tanto que dizer , & allegar , & na tua molher , por quem deixamos os pays , e as mãys , alli nos desampara tudo , & sò a morte pode ser boa. Pello qual estiuue tanto tempo solteiro , vim aqui , com sós as letras , de que me a fortuna naõ pode roubar : co'ellas me remediey , que a estes nossos direitos naõ se lhès pode negar o senhorio de todas as outras sciencias. Os Theologos jazem por todos estes mosteiros mendicantes como se elles chamaõ. Phi-
lo-

lofophos ja passaraõ mal auindos hũs c'os outros , com suas barbas , & grauidade. Poetas tudo põe em flores , pollo fruyto não espe-reis. Os Oradores nós os tiramos das suas ve-zes. Os Astrologos sempre tratão do por vir , de que elles , nem ninguem sabe pouco , nem muito. Físicos ganhão bem de comer , porem he co ourinho na mão. Artistas debatem sem-pre sobre a laã da porca , & antre todos estes não ha hum homem de negocio : sómente o Iu-risconsulto he o que pode tratar , & rematar duuidas de substancia. Todavia frades entre-metterse queriaõ mas não tem asã com que voem , que a vontade não lhes fallece. Só o Jurista pode andar co'peito alto , & satisfeito do seu saber , quer seja para concertar as cou-sas desta vida , quer da outra. Isto he o que te releua , e creme que te não busca ninguem se-não o que te ha mister.

GUIDO , E PETRONIO , IRMAÕS.

G U I D O .

Ainda me não parece que ponha os pés em coufa firme.

P E T R O N I O .

Hum estrangeiro vejo , quero ver se traz nouas.

G U I D O .

Este mar tamanho , taõ brauo , taõ muda-uel , taõ espantoso , quem ousou primeyramen-te de accommetter ?

PE-

PETRONIO.

Naõ fey fe me engana o defejo: mas este me parece Guido, meu irmaõ, porque esperaua.

GUIDO.

E mais neste tempo, em que homem que no mar entra, o menos que teme he o mesmo mar.

PETRONIO.

Sem duvida este me parece.

GUIDO.

Quem sempre anda cuberto de nossos inimigos, & da fé.

PETRONIO.

Sem duuida algũa este he: ó meu irmaõ Guido, boa seja a tua vinda.

GUIDO.

Meu irmaõ, & pay, es tu este?

PETRONIO.

Pois tu es vindo a saluamento, este sou, & tudo he saluo.

GUIDO.

Se ainda o bem foubesses, segundo se os tempos tornaraõ aos nauegantes. Ah peccador de mim, que bem deueraõ de abastar os seus males proprios de mar.

PETRONIO.

Qui ascendunt mare, in nauibus, viderunt opera eius, & por isso as nossas leys seis meses do anno defendem a nauegaçaõ.

GUIDO.

Todos doze a deueraõ de defender.

PE-

P E T R O N I O .

Inda agora vens; como effiueres em terra dous dias , tornarás outra vez a bradar pollo mar.

G U I D O .

Bem sey que alli fomos feitos.

P E T R O N I O .

E todavia eu bem folgo de vires alli aborrecido destes caminhos , senão he com grande perda da fazenda.

G U I D O .

Tudo passou tormenta , & porem fomos em Palermo , & achote viuo , & saó.

P E T R O N I O .

E daquella nossa minina descobriste noua algúa ?

G U I D O .

Dirtehei o que pude saber. Em Serdenha achei hum nosso payfano , & conhecemte , este me contou que a vira depois em Florença , & depois em Roma.

P E T R O N I O .

Em Roma ! ora a dá por perdida de todo.

G U I D O .

Naó sabes que as duas partes de Florença saó passadas com este seu Papa a Roma ?

P E T R O N I O .

Naó me falles naquelles clerigos taó ricos , & taó ociosos , que eu naó cuydo que Deos com toda sua paciencia os possa soffrer muyto tempo.

G U I D O .

Inda entaó polla idade era cousa impossivel.

PE-

PETRONIO.

Tanto mais feito Romaõ.

GUIDO.

Contava mais que dera em Roma a peste em casa daquelle mercador Florentino, onde a minina estava, & que hum Dom Abbade feu irmaõ delle, homem Religioso, & bom, a trouxera para esta terra, onde elle tinha renda, agora com estes finais naõ te pode errar.

PETRONIO.

Daqui por diante busquea quem quiser.

GUIDO.

Porque?

PETRONIO.

Porque as molheres naõ haõ de andar muito caminho, que saõ hũa perigosa mercadoria, quebraõ como vidro.

GUIDO.

Em tempo de tantos trabalhos, & tamanhas mudanças, que menos se podia acontecer?

PETRONIO.

Eu t'õ direy, perderse de todo, que nunca della mais souberamos.

GUIDO.

Tu m'õ encomendaste.

PETRONIO.

Desejava de ter nouas que escreuer a seu pay, & essas quem lhas escreuerá?

GUIDO.

Iremos por estes sinaes mais auante, pola ventura naõ será o mal tanto. Tenho necessidade de repouzar que inda me a cabeça dá voltas.

PE-

P E T R O N I O.

Vamos , & lá te darey muytas outras contas.

A C T O III.

C A S S I A N O só.

DE me não poder mais ter ás lagrimas , me láyo cá pera fora : não sey que faça a este moço , entrou defatinadamente em casa em busca de sua carta , eu dissimuley , fazendo que entendia em outras cousas , elle como a achou , tornou em sua cór , & acordo , fallou , rio , finalmente jentamos em paz : mas despois que passeou , & cuydou , recolheose á camara , alli fez suas lamentações , eu que o espreytaua , e que o criey não no pude soffrer mais , venho fugindo á minha fraqueza , chore á sua vontade , & defabafará , que a sangria destes males taes , são lagrimas. Despois que chorar muito tornará a rir. Mas que doudo he o que vem correndo ? não lhe erraua eu ora muito o nome , que este he Callidio : que cabeça !

C A L L I D I O . C A S S I A N O .

C A L L I D I O .

Aparta , aparta , que prouo estes meus pés , pera quanto são , quero ver o que tenho nelles , nas pressas se conhecem os amigos.

Guar-

Guarda de diante , guarda , que vay sobre aposta.

CASSIANO.

Isto passa ja de doudice , e deue ser vinho.

CALLIDIO.

Naõ se me ponha ninguem diante , fenaõ quer saber como encontro.

CASSIANO.

Ora nunca vi bebado taõ defeuolto dos pés , quero o chamar , Callidio , Callidio.

CALLIDIO.

Aquelle he Cassiano , assi somos neste mundo , & eu buscava Amente.

CASSIANO.

Ó doudo , que te mingoa pera tirares pedras á gente ?

CALLIDIO.

E disse que me mingoa me pesa.

CASSIANO.

Porque ?

CALLIDIO.

Naõ sabes tu aquelle dito taõ verdadeiro , que o homem , ou auia de ser Rey , ou doudo ?

CASSIANO.

Pois quanta de doudo eu te asseguro. Mas porque corrias assi ?

CALLIDIO.

Dos doudos todos se rim , & naõ se espanta ninguem.

CASSIANO.

Mal se podem rir os a que elles fazem mal.

CALLIDIO.

E eu que mal te fiz ?

CASSIANO.

Quantos passamos em Palermo , que são muitos.

CALLIDIO.

E assi o dizes a todo mundo ?

CASSIANO.

E ainda essa má vingança não queres que tome ?

CALLIDIO.

E assi o has de dizer a nosso amo.

CASSIANO.

Quando ferá isso ?

CALLIDIO.

Cedo.

CASSIANO.

Onde ?

CALLIDIO.

Nesse mesmo Palermo.

CASSIANO.

Douo , que nunca homem sabe quando falla de verdade.

CALLIDIO.

Agora.

CASSIANO.

Quem t'o disse ?

CALLIDIO.

Estes meus olhos bellos.

CASSIANO.

Em que lugar ?

CALLIDIO.

Na ribeira.

CASSIANO.

Porque o não acompanhauas ?

CALLIDIO.

Vim diante a dar recado.

CASSIANO.

Torna apos mim. Vay.

CALLIDIO.

Por agora só. Folguey de me despejar deste por buscar Amente pera lhe dar estas boas novas, com que aja seu conselho, que eu auido tenho o meu d'apanhar os pés. Andaua o triste pera perder o fiso co negro casamento, agora que fará com tal ajuda? ay mimosos, criados em vossos appetites, que em fim vem a fer o que não quereis crer, nem ouir, então esmorecer. Mas pay, & filho saó. A mim só cumpre buscar meu remedio, & mais com tal valedor como tenho no Ayo. Mas eu esta conta faço, que taõ pouco tenho aqui como em Valença, bons pés tenho, & arrezoadada lingua, do mais (como dizem) sobre a terra anda o auer. Quem fae de nossa casa?

A MENTE. CALLIDIO.

A MENTE.

Cassiano não apparece, nem Callidio, onde fugirey d'um, & onde acharey o outro?

CALLIDIO.

No pior não fallas que he teu pay?

A MENTE.

Oje co'a pressa da carta não tiuemos tempo.

CAL-

C A L L I D I O .

Cada vez se elle vay encurtando mais ,
Amente.

A M E N T E .

Quem me chama? Ó meu Callidio que a
ti buscaua eu.

C A L L I D I O .

E eu a ti?

A M E N T E .

Desuiemonos , & vamos buscar algum lu-
gar em que fallemos á nossa vontade.

C A L L I D I O .

Ó Amente á nossa vontade não podemos nos
fallar.

A M E N T E .

Porque Callidio?

C A L L I D I O .

Despois que me deixastes , dey comigo na
ribeira que me temia muito do mar , e velaua-
me delle , em fim tantas vezes fuy lá até que
arrecadey.

A M E N T E .

E que Callidio?

C A L L I D I O .

Achei nouas de teu pay.

A M E N T E .

Triste de mim he elle morto ? que assi te
demudaste.

C A L L I D I O .

Tu , & eu Amente somos os mortos , que
elle viuo he , & saó.

A M E N T E.

Iffo he bem.

C A L L I D I O.

E dentro em Palermo.

A M E N T E.

Iffo he mal.

C A L L I D I O.

Naõ ves quaõ perto estaua o mal do bem?

A M E N T E.

Contasme tu verdade, Callidio?

C A L L I D I O.

Muito contra minha vontade.

A M E N T E.

Que te parece desta sua vinda a tal tempo?

C A L L I D I O.

A meu parecer o Ayo o mandou chamar,
& assi quando lhe agora dey a noua, naõ du-
uidou della muito.

A M E N T E.

Fallastelhe?

C A L L I D I O.

Fallar dizes? Valeome que o vi primeiro
que elle a mi. D'outra maneira (como dizendo
do lobo) tolherame a falla de todo.

A M E N T E.

Que conselho, amigo meu Callidio?

C A L L I D I O.

Amente, o espaço he pouco, as palauras naõ
podem ser muitas. Teu pai bem o conheces,
ha de trazer suas contas repartidas em duas par-
tes naõ iguaes, s. a ti reprenderte, & a mim
castigar-me. Bem sabes que se criou em Gáies,
aquele-

aquelle amor de pay , que o cátraz te ha de valer , não te encomendes a outro sancto , a mim he necessario encomendarme aos meus pês. Oulá , quem he aquelle ? todo homem me agora parece Valenciano.

A M E N T E .

Affi me deixarias em tal defamparo ?

C A L L I D I O .

Tu mesmo me deuias de aconselhar que fugisse , se te lembrasse o perigo em que me vees , pois he tanto mór que o teu.

A M E N T E .

Lembra , mas não ves em que tempo me este mal toma ?

C A L L I D I O .

Se visse em que te podesse fer bom , tudo o mais me esqueceria.

D E U O R A N T E . A M E N T E . C A L L I D I O .

D E U O R A N T E .

Em Doctor me fallais em tempo de paz ? bem me parecia a mim que auia o negocio de dar a traues.

A M E N T E .

Aquelle he Deuorante , que ja tambem foy dos meus em mais bonança , todos me vos his hum , & hum.

D E U O R A N T E .

Quando elle aqui veo ter de Pifa , não trazia aquella barriga , porque naquella sua terra acostumauase entaó o ferro , & aqui agora costumase mais a pena.

A M E N -

A M E N T E.

Que diz.

C A L L I D I O.

Mil sentidos que tiueffe, todos traria occupados com teu pay.

D E U O R A N T E.

Em fim que ouue de leuar a moça? agora enforcar feruidores.

A M E N T E.

Entendeste?

D E U O R A N T E.

Mancebos barbipoentes, bem despostos. Vem hum doçtor velho com seus habitos longos, & derribalhes a lebre diante.

A M E N T E.

Parece que falla no Doçtor.

D E U O R A N T E.

E o meu soldado muy posto em sayr Domingo com húa inuenção de labyrinthos por Lucrecia.

A M E N T E.

Ó meu coração.

D E U O R A N T E.

Esta noite teremos festas, & cea.

A M E N T E.

Que te parece?

C A L L I D I O.

Calaceiro, que nunca sonha em al, salvo em conuites.

D E U O R A N T E.

Fortemente atalharaõ a minha negociação, que eu andaua por alongar, & encurtaraõma;

ago-

agora quero buscar o dos labyrinthos , e tiral-
loey daquelle trabalho em que anda.

A M E N T E . C A L L I D I O .

A M E N T E .

Tu vés a que termo eu sou chegado ? se-
gundo as nouas que tu d'uma parte , & De-
uorante d'outra me dais ? Cuydey que tinha de
ti algũa necessidade : mas pois as coufas assi
vão , té a vida me sobeja , procura polla tua.

C A L L I D I O .

Vosoutros mimosos logo quereis morrer.

A M E N T E .

Naõ se ajuntaraõ embalde tantos males a
hum tempo.

C A L L I D I O .

Taõ pouca confiança tens em Lucrecia ?

A M E N T E .

Ah Callidio.

C A L L I D I O .

Que ah Callidio.

A M E N T E .

Que esperança taõ fraca !

C A L L I D I O .

Queres dizer como de foão.

A M E N T E .

E de foã , & de foã.

C A L L I D I O .

Naquillo tem razaõ , & mais nesta terra ,
em que o poeraõ muy asinha em cantar Ceci-

liano , como dizem. Vem cá Amente , feras homem pera me ajudares a hum feito ?

A MENTE.

Em tal desesperação , que posso eu arreçar ?

C ALLIDIO.

Ora bem vés que esta vinda de teu pay embaraça tudo , pello qual aqui cumpre de acudir, se queres remedio.

A MENTE.

A maneira he a que não vejo.

C ALLIDIO.

Dirtoey. Façamos que não conhecemos teu pay , por mais Valenciano que falle.

A MENTE.

E em tamanha agonia podes estar gracejando ?

C ALLIDIO.

Naõ gracejo , mas antes te dou hum cavallo na batalha , se tu fores pera o tomar.

A MENTE.

E a meu Ayo que lhe faremos ?

C ALLIDIO.

Como que ? Diremos que effe he o que faz todas estas calabreadas , e que traz este velho falso aqui com nome de teu pay , e assi não recolhemos em casa hum , nem outro.

A MENTE.

Nisso bem vejo eu o erro , o remedio não o vejo.

C ALLIDIO.

Eu t'õ direi. Podemos acudir ao negocio do casamento , como dantes , & se cumprir , di-

diremos duas palauras ao Doctor , que não se-
jão de libellos dar , nem lides contestar.

A M E N T E .

Chamar-se-haõ á justiça.

C A L L I D I O .

Que fraco remedio huns , & outros ; &
quanto ao Doctor deixalo reuoluer seus Bar-
tholos.

A M E N T E .

Affi que tambem queres que erre a Lu-
crecia ?

C A L L I D I O .

Por amor da mesma Lucrecia.

A M E N T E .

Al quifera eu fazer por ella.

C A L L I D I O .

Naõ pode por agora. Es moço , enffinate a
acudir sempre ao mór perigo.

A M E N T E .

Naõ tenho rosto contra a verdade.

C A L L I D I O .

Acharás logo muitos que o tenhaõ , & fi-
carte-haõ com grande auentagem *in agibilibus* ,
como dizem estes praticos.

A M E N T E .

Logo a mentira se estreina da verdade.

C A L L I D I O .

Antes se vieraõ a párecer tanto , que cada
dia se passa por outra.

A M E N T E .

Triste de mim que farey ?

CALLIDIO.

Se queres conselho nega , & fenaõ entregate.

A M E N T E .

Como ey de negar coufa tão fem duuida ?

CALLIDIO.

Negando (dizem elles) se faz tudo duuidoso.

A M E N T E .

Mas naõ se faz por isso torto do direito , nem direito do torto.

CALLIDIO.

Antes que isso se declare , hum juiz he sospeito , outro occupado , outro vagaroso. Isto naõ he tempo de mimos , teu pay naõ pode tardar.

A M E N T E .

De que me valerey em tamanho aperto ?

CALLIDIO.

Do defauergonhamento sobre todas as coufas. Brada , jura , esbrauea , queixate , chama por justiça , olha para o Ceo.

A M E N T E .

Morreome o coração de todo.

CALLIDIO.

A mau tempo te deixou , mal o fez contigo.

A M E N T E .

Naõ me ficou outra coufa , fenaõ mãos pera me matar.

CALLIDIO.

E a mim pés para fugir ; e vello que aparece.

AMEN-

A M E N T E.

Aquelle he , não o posso esperar.

C A L L I D I O.

Que fazes ? onde te vas ? torna , que eu era o que auia de fugir.

A M E N T E.

Perdoame Callidio , & lembrate de mim , que se não pode soffrer o rosto do pay a que tens errado.

C A L L I D I O.

Foyse , & deixame a mim c'os combates. Que farey ? Que ey assi de fazer , senão ter-lhe companhia com fugir ? estes moços fouueiros são muito molles dos cascos. O homem ha de ser callejado pera correr o molle , & o duro. Quanto folgára de nos vermos co velho aos itens. Que nos ouuera assi de fazer ? por justiça ? teria procurador ? E nós procurador ; diria o feu , & nós o nosso. Pois ainda ey d'espreytar mais deste negocio , que não estamos agora em Valença , pera auermos tamanho medo a este velho , que virá enojado.

G A L B A N O V E L H O . V I D A L C R I A D O . C A L L I D I O .

G A L B A N O .

Em que idade estaua eu j'agora , pera tornar a soffrer o mar , & os marinheiros ?

V I D A L .

Certo regestete nisso pollo amor de pay , & não por razaó.

C A L

CALLIDIO.

Aquelle he Vidal, homem de bem, criado feu antigo, os outros não conheço, roym gente me parece; hũa por hũa não vem com elle Cassiano, de que muito folgo.

GALBANO.

Iffo assi he, mas que remedio?

VIDAL.

Deixalo lutar hum pouco co'a fome, & frio, que elles t'o castigaraõ.

GALBANO.

Ouve medo algum mau recado, que nesta terra aposentaraõ os Poetas as suas Sereas,

VIDAL.

Ia he algũa maneira de desculpa.

GALBANO.

Naquelle idade taõ cega, & sobre tudo tais conselheiros?

CALLIDIO.

Aqui fomos.

VIDAL.

Quais conselheiros?

GALBANO.

Os que aqui tal vida leuaõ ás minhas custas.

VIDAL.

Coytados dos feruidores que inda haõ de fazer mais que feruir.

CALLIDIO.

Oh que homem! sempre assi foi desengano.

GALBANO.

A mim eraõ obrigados a feruir , que naõ a elle.

VIDAL.

'Teu filho he ja homem , & afora Cassiano feu Ayo , o officio dos outros era feruir , que naõ aconselhar.

CALLIDIO.

Ó bom procurador , & mais sem dinheiro. He hum milagre. Aquelles outros carrancudos , naõ ajais vós medo que ajudem , nem c'uma só palaura , nunca os ajude Deos.

GALBANO.

Ao doente naõ se lhe ha de fazer a vontade, & que elle por entaõ o naõ conheça ; despois o conhecerá , & agradecerá.

CALLIDIO.

Aquelle he forte ponto , vejamos que alli responde o nosso procurador.

VIDAL.

Nesse caso que dizes , o que jaz doente , jaz fraco , & naõ pode fazer mais que ameaçar, n'est'outro poemte logo as mãos , & vingaçãose.

CALLIDIO.

Isto naõ he ja procurador , mas hum pay.

GALBANO.

Ia te disse que a mim ouueraõ elles de ter respeito.

VIDAL.

Estauas longe , acudirias tarde , entretanto o espancado andára espancado , o roto roto, o aggrauado aggrauado.

CAL-

CALLIDIO.

E mais que peça he andar aggrauado? que fogem de ti húa legoa, como de caõ doente.

GALBANO.

Mas foy bem feito deitar assi a perder hum moço taõ bem principiado?

CALLIDIO.

Ia se o velho affanha, assi fazem quando os atalhão per razaõ.

VIDAL.

Estamos em tempo em que ninguem quer ouuir conselho. Ora achas Amente viuo, & saõ, tudo o mais se fará bem.

GALBANO.

Assi o queira Deos.

CALLIDIO.

Digovos que este Vidal me curou de todo do meu medo. A razaõ o velho a conhece já, do mais que me pode fazer? sey que naõ estamos em Valença d'Aragaõ.

VIDAL.

Por aqui me differaõ que poufaua, naõ vejo a quem preguntar.

CALLIDIO.

Quero accommetter o velho, que pode ser mais?

GALBANO.

Cá vem hum, e he ora este o bom de Callidio?

CALLIDIO.

Que he isto, milagre, ou sonho?

GALBANO.

De que te espantas ?

CALLIDIO.

De não saber se estou em Valença , se em Palermo.

GALBANO.

Quero dissimular co'este roym. Estais cá todos de faude ?

CALLIDIO.

Todos por agora.

GALBANO.

Guia pera a pouxada , que venho cansado, queria repoufar.

CALLIDIO.

Aqui he. Oulá , abri. Esta gente não ouue : abri digo.

GALBANO.

Em quanto este falla c'os de casa , fallo eu com vosoutros , trazeyme este raposo diante de vós , & se reuelar , entre por força.

VIDAL.

Ah senhor.

GALBANO.

Callate , boa parece a casa , e em bom lugar.

CALLIDIO.

Dizemme que não são cá Amente , nem Casfiano , voume em sua busca.

GALBANO.

Agafalha os hospedes primeiro.

CALLIDIO.

Não tenho com que.

GAL-

GALBANO.

Co'a boa vontade.

CALLIDIO.

Oulá, que quer isso dizer? quereis pro-
uar forças comigo? Olhay que chamarey por
justiça: Oh, Oh.

GALBANO.

Tapalhe essa boca Grifaó, & tu, Feramonte,
desapegalhe essa mão da porta, & fecha so-
bre ti.

A C T O V.

R E Y N A L D O S Ó

NO cabo desta minha taó longa, & traba-
lhosa jornada, quando os outros descansão co-
meça o mór cansaço meu, co'a duuida que
tenho se acharei aqui húa filha em cuja bus-
ca venho. Tégora na minha esperança hia
passando meus males, sem ella como passa-
rey isso que fica de vida? O mór bem que
neste mundo tiue que foi a mãy desta moça,
a morte m'o leuou dias ha, o da filha que me
em seu lugar ficaua, se m'o tambem tem le-
uado, fello cruelmente comigo, que me não
deixou nesta vida a que possa aleuantar sómen-
te os olhos. Aquelle foy o meu primeiro
amor aquelle ferá o derradeiro, a grande dór
da sua morte me lançou entaó de toda Ita-
lia, o desejo da filha me torna agora cá.
Dei-

Deixeya encomendada a hum Doctor grande amigo meu em Pifa , onde entaõ estudava , entretanto que aquella nobre cidade estive em pé sempre tinha novas , desque ella cahio fiquei ás cegas , tégora que venho a Palermo onde me disseraõ que acharia o amigo em cuja busca ando ha dias. Assi venho com taõ pouca certeza , & quanto mais me vou chegando a esta minha esperança tanto se me faz ella mais pequena. Oje he o dia da sentença , eu apercebido venho pera tudo , todavia ao abaixar do golpe a carne he fraca , e estremece toda. Achase ja o amigo , velohia , & saberia da filha em que parte m'a come a terra , se ja la he , e entaõ determinarey de mim , & do meu o que me parecer. Que fortes brados vem aquelle homem dando , os pés pera cá o trazem , os olhos parece que lhe ficaõ atras naquella casa pera onde olha.

CALLIDIO. REYNALDO.

CALLIDIO.

Regedores , Cidadães , homens de bem , os grandes , & os pequenos todos me acodi , todos me valêi que a todos releua , se aqui ha algũa lembrança de liberdade , & justiça.

REYNALDO.

Tamanhas duas cousas cuydavas tu d'achar assi pollas ruas ?

CALLIDIO.

No meyo do dia , no meyo de Palermo .
 não

naõ me ouue ninguem , naõ me acode ninguem.

R E Y N A L D O .

Callate ora com teu mal.

C A L L I D I O .

Que fazem aqui tantas varas de justiça ?

R E Y N A L D O .

Que rifo ?

C A L L I D I O .

Todo o mundo dorme ?

R E Y N A L D O .

Dormes ? tu sonhas ? tu trefualias ?

C A L L I D I O .

Ah cidadãos que todos somos escrauos.

R E Y N A L D O .

Ia vay entrando em seu acordo.

C A L L I D I O .

Assi ha isto de passar ? Esfoloume , açoutoume , matoume , se me a justiça naõ acode acaberey de entender que faz cada hum nesta terra o que lhe vem á vontade , e farey tambem o que me a minha mais der que faça.

R E Y N A L D O .

Olha naõ vas , como dizem , de mal em pior.

C A L L I D I O .

Velho falso , dissimulado , como me acolheo , bem empregado foý em mim. Mas vejo vir Deuorante com seu soldado , a que tempo ? quando eu buscaua quem ouuesse de mim dó , e me aconselhasse , outra gente me cumpre de buscar.

BRIOBRIS SOLDADO. DEUORANTE. REYNALDO.

BRIOBRIS.

Naõ acharemos oje este Doctõr , & faremos esta demanda mais curta , que a das suas audiencias.

DEUORANTE.

Nunca homem acha o que busca.

REYNALDO.

Mande Deos naõ seja eu assi.

BRIOBRIS.

Naõ acabaremos com este Doctõr ? co' este Petronio.

REYNALDO.

Assi se chamaua aquelle amigo que aqui busco.

BRIOBRIS.

Ia reuolui toda a cidade.

DEUORANTE.

Aprenderia quando era escular a se fazer inuisiuel.

BRIOBRIS.

Cumprelhe logo andar sempre mettido na sua serpente.

DEUORANTE.

Ha , ha , ha.

BRIOBRIS.

Tu riste ?

DEUORANTE.

Quem se terá ás tuas graças ? mas dart'ia hum conselho d'amigo.

BRIOBRIS.

Que tal ?

DE-

DEUORANTE.

Pois não podes alcançar o que desejavaus ,
que desejes o que podes.

BRIOBRRIS.

Como me enfadaõ estes fisos que todos tra-
zem na boca , & ninguem por obra.

REYNALDO.

E Lucrecia auia a minha filha nome.

BRIOBRRIS.

E fenaõ nunca mais cingiria a espada. On-
de tem este Doçtor a poufada ?

DEUORANTE.

Iunto daquella Igreja alta.

BRIOBRRIS.

Bem está , perto tem logo outra poufada
pera mais dias.

DEUORANTE.

Naõ no has agora d'achar em casa.

BRIOBRRIS.

Esperarey até noite , não tem onde se me
acolha , sete braças entrarey de pos elle polla
terra dentro como pedra de corisco,

DEUORANTE.

Sançta Barbara Virgem , cuydey que era
merto , *Pater noster* polla alma do Doçtor.

REYNALDO.

Estou em Palermo , ouço fallar em Petro-
nio Doçtor , ouço fallar em Lucrecia , que cui-
darey ? quero fallar ao que fica só no terrei-
ro. Amigo Deos te salue.

DEUORANTE.

Sejas vindo nas muytas das boas horas.

REY-

REYNALDO.

Por cortesia , que Petronio he hum em que fallaueis ?

DEUORANTE.

Porque o perguntas ?

REYNALDO.

Por bem.

DEUORANTE.

Naõ he natural desta terra.

REYNALDO.

Donde veyo aqui ter ?

DEUORANTE.

De Pisa nobre cidade de Toscana.

REYNALDO.

De que idade pouco mais , ou menos.

DEUORANTE.

D'arredor dos sessenta.

REYNALDO.

Casado , ou solteiro ?

DEUORANTE.

Entre hũa cousa , & a outra.

REYNALDO.

Pois a idade naõ he já muito pera esposado. Tambem fallaueis em hũa Lucrecia.

DEUORANTE.

Muytas cousas quer este saber de mim , que sey eu onde isto irá ter ?

REYNALDO.

Naõ me respondes ?

DEUORANTE.

O outro foy que fallou em Lucrecia.

REYNALDO.

Si, mas fallaua em fom como que a co-
nhecias.

DEUORANTE.

Naõ fey mais que ouuila por ahi gabar de
fermosa.

REYNALDO.

Natural, ou estrangeira?

DEUORANTE.

Muyto anda este apos as naturezas. Ami-
go, & senhor meu, tudo saberemos, se nisso
te vay algũa cousa.

REYNALDO.

E aquelle teu amigo, porque ameaçaua
tanto o Doçtor?

DEUORANTE.

Amigo, ou como? nunca outro tanto com
elle falley como agora.

REYNALDO.

Parecia que tinha d'elle algũa payxaõ.

DEUORANTE.

Lá fe auenhaõ co'as payxões, dos praze-
res queria parte, das paixões lá fe auenhaõ.

REYNALDO.

E este teu amigo he taõ merencorio como
parece?

DEUORANTE.

Que forte perguntador! Cuida que me tem
alugado, por pouço que me peites eu to fe-
gurarey desta vez.

REYNALDO.

Este me parece d'uns truhães que sempre
ha

ha nos lugares grandes. Voume em busca de Petronio.

DEUORANTE.

Vistes o grande preguntador donde me agora sabia de traues? Que sey eu quem este he? nem que por aqui andar  espreytando? Hũa por hũa muytas cousas queria saber de mim. Outro vejo dos mesmos trajos, vejamos se he outro tal; mas eu vos direy, o meu cabedal tudo he palauras, isso auenturo.

GALBANO. DEUORANTE.

GALBANO.

O bom Callidio partio naõ polla fria (como dizem) mas pella quente, como cuydo que elle vay: vá, & leue nouas aos outros.

DEUORANTE.

Velhos, & mais de má graça, naõ está aqui muyto certo o ganho.

GALBANO.

De quanto bom tempo tem aqui leuado, descontem.

DEUORANTE.

E sobre tudo contas, & descontas, naõ me apraz.

GALBANO.

Seruidores todos se tem huns c'os outros, naõ m'õ açoutáraõ bem, mas ja he começo de paga.

DEUORANTE.

Dayo ao demo, em pagas anda, & naõ

me deue nada , que sey se lhe deurey eu , e andará arrecadando ? mas tudo he prouar. Deos te salue Senhor meu , parecesme estrangeiro , & eu sey que coufa he andar por terras alheas, offereçote o meu seruiço.

GALBANO.

Muito t'o agradeço.

DEUORANTE.

Tens negocio na terra ?

GALBANO.

Naõ de mercadorias , como pola ventura cuidarás : mas busco hum filho mancebo , que se me perdeo por aqui.

DEUORANTE.

Terra he pera isso , mas os finais ?

GALBANO.

Hum mancebo Valenciano , que ja lhe começará de vir a barba , sohia de ser gentil-homem.

DEUORANTE.

O nome ?

GALBANO.

Amente , se o elle cá naõ mudou , como fez a outras coufas.

DEUORANTE.

Como , & tu es Galbano seu pay , em que tantas vezes ouui fallar ?

GALBANO.

Eu por meus peccados.

DEUORANTE.

Aqui poufa , & por final que tem hum
Ayo ,

Ayo , que se chama Cassiano , & hum seruidor por nome Callidio ?

G A L B A N O .

Conheces bem toda essa gente ?

D E U O R A N T E .

Como minhas mãos : mas como não estão aqui contigo ?

G A L B A N O .

Estamos defauindos.

D E U O R A N T E .

Afinha isso foy.

G A L B A N O .

Naõ pôr minha culpa , que em chegando logo conuidey Callidio de boa entrada.

D E U O R A N T E .

Trarias fruitas de Valença , que está homem pasmado de tanta gentileza , & perfeição.

G A L B A N O .

Tempo foy , ja tudo isso he passado a Portugal.

D E U O R A N T E .

Taõ conuidador vinhas ?

G A L B A N O .

Auia muito que nos não viramos.

D E U O R A N T E .

Affi haõ de ser os homens da tua calidade. Ora dizeme que iguarias aueis lá entre vós por mais saborosas ?

G A L B A N O .

A vingança.

D E U O R A N T E .

Eu fallo em iguarias , não em allegorias.

GALBANO.

Queres que te diga o claro : vingueyme em chegando desse ladrao , que mandey aqoutar , nunca me coufa assi soube , entendesteme ?

DEUORANTE.

Agora si , isso chamo eu fallar ao pé da letra.

GALBANO.

Ora ja aquelle pagou , os outros pagarao .

DEUORANTE.

Outros , ou como ?

GALBANO.

Truhães malvados , que tanto do meu aqui tem comido , & bebido.

DEUORANTE.

Comigo o ha.

GALBANO.

Mas eu volo farey amargar.

DEUORANTE.

Ia me a mim começa o mao fabor da boca.

GALBANO.

Comer , beber , jugar , franquear.

DEUORANTE.

Que mais claro quereis que hum homem falle ? com que negros conuidadores vou topar oje. Querome acolher com minha honra , se poder.

GALBANO.

He aquelle Cassiano ?

DEUORANTE.

Aquelle he , hum bom homem. Ora me contay c'os conuidados , se mais aqui espero.

Quan-

Quantas cousas tereis ambos de fallar , pois vos ainda não vistes. Quero despejar.

GALBANO.

Espera , cearemos todos.

DEUORANTE.

Naõ curo de conuites.

GALBANO.

Que he isso , porque corres ? deue de ser algum defasifado , & deulhe o vento na corda. Voume esperar Cassiano em casa , & assentarmey , que inda não tiue vagar.

CASSIANO SÓ.

Venho pasinado dos acontecimentos , andando em busca de nosso amo fuy dar com Reinaldo nosso natural , que agora tambem chegou. A hum trouxe cá hum filho perdido , ao outro hũa filha que perdera muito ha. Ó filhos desejados , & estes são os vossos descansos ? D'outra parte tendo o Doctor concertado seu casamento , chega Reynaldo , e acha neste proprio dia , nesta hora , neste ponto , que Lucrecia , aquella que a todos nos tem dado tanto trabalho , he a sua propria filha , que andaua buscando por mar , & por terra , e sobre tudo que he a filhada do mesmo Doctor , assi lhe podera ser inda mais. E não se saber a tempo. O coitado que não via ja o dia , nem a hora , & que estaua co'a boca aberta pera papar a moça , ficará assi co'ella ás moscas. E pollo contrario meu criado Amante que lhe era lá posto o cutelo na garganta,

es-

esperando só pollo pregaõ , vem a fortuna melhor casamenteira muito que Dorio , & nego-
cealho tudo a pedir de boca. Que diremos ás
coufas deste mundo ? hũas parece que se al-
cançaõ a poder de negociaçaõ , e viua dili-
gencia , outras por só dita , & boim acerto.
Ia acharey noſſo amo em casa , voume lá dar-
lhe estas nouas , & passaraõ as paixões , &
tormentas que taõ armadas estauaõ.

DEUORANTE SÓ.

Venho espreytando o Ayo por ver se o
convidará tambem o velho em chegando , co-
mo fez a Callidio , & quifera fazer a mim ,
mas Deuorante naõ dorme. Como me quifera
acolher aquelle velho falso , nunca se outro tal
vio. Cuida que he senhor de Palermo , assi
ameaça , & assi affopra. Custado me oueſſe
do meu muito , & pegasse outras poucas ao
Ayo com toda sua grauidade. Ou quem vem
lá ? cuidei que me atalhauaõ por est'outra par-
te. Estes saõ Amente , & Callidio , & ainda
naõ ley o que será , que este maluado tem
já o seu quinhaõ , & andarã ajuntando mais
convidados. Mas que me naõ vingo eu do
truhaõ que me assi oje queimou o fangue ,
vejamos que trouas agora faz de improuiso.

AMENTE. CALLIDIO. DEUORANTE.

A M E N T E .

Tais nouas me trazes tu Callidio com tal
ros-

rosto? Não te pude ser bom no teu mal, perdoame, & ajudame a soffrer tanto bem, que não tenho ontrem com quem o parta.

CALLIDIO.

Do mal partistes comigo bem, do bem partirás mal.

A MENTE.

Não me doeo nada menos que a ti.

CALLIDIO.

Não fey, mas bem te punhas em saluo.

A MENTE.

Lá me coube o meu quinhaõ.

CALLIDIO.

Mostrame ora em ti algum final dos meus açoutes por este corpo.

A MENTE.

Não teriaõ menos os meus se os poderdes ver.

CALLIDIO.

Pois eu não recebo pagas inuifueis.

DEUORANTE.

Quanto que sabe este maluado co'elle me tenho.

A MENTE.

Affi me contas de Reynaldo, & que he Lucrecia sua filha, e filha tambem espiritual do Doctor?

CALLIDIO.

Affi passa.

DEUORANTE.

Hum destes anda sóra de si com dór, outro com ciumes, não lhes creio nada.

AMEN-

A M E N T E.

Ó Callidio amigo da minha alma , que te direy ? que te darey ? que te farey ? por taes nouas , & a tal tempo ?

C A L L I D I O .

Outras taes aluicaras como as de teu pay , que em fim estes são os vossos galardões.

D E U O R A N T E .

Ó falso como os conheces bem.

A M E N T E .

Ey medo que me dé o miolo volta c' o prazer.

C A L L I D I O .

E a mim c' o pefar.

A M E N T E .

Promettote que eu te agalardoe como tal obrigação merece.

C A L L I D I O .

A vofoutros mais vos lembra hum feruiço por fazer , que cento feitos.

D E U O R A N T E .

Dayo ao diabo , que inda falla a proposito.

A M E N T E .

Como se póde defempear tal meada em taõ pouco tempo.

C A L L I D I O .

A verdade logo vay por diante , e foy grande ajuda a velha que oje achei com Alda.

A M E N T E .

O Doçtor estaria finado.

CALLIDIO.

Todavia elle fallava.

A MENTE.

E que?

CALLIDIO.

Huns poucos dos seus latins.

A MENTE.

Que taes?

CALLIDIO.

Alevantou dous dedos nos quaes repartio seus direitos naturaes , & espirituaes , concludyndo todavia que naquelle caso cabia dispensação.

A MENTE.

Como dispensação.

CALLIDIO.

E ainda te digo que soltou hũa má palavra.

A MENTE.

Que tal triste de mim.

CALLIDIO.

Disse que por dinheiro não ficasse , & bateo na bolsa.

A MENTE.

A effa não chamas tu mais que má palavra? Chamolhe eu mortal!

CALLIDIO.

Mas sabes quem defatou todos aquelles empeços , & razões Doctoraes.

A MENTE.

Quem Callidio?

CALLIDIO.

Lucrecia.

A M E N T E.

Como ?

CALLIDIO.

Diffe que não queria que toda sua vida fora orfaã , & estrangeira , agora que lhe deixaffem ir feruir aquelle pay , a que tanto deuia , & logralo algum tempo.

A M E N T E.

O feito de Lucrecia ?

D E U O R A N T E.

Estaua recolhendo nouas pera o meu soldado , agora ellas todas entornadas , que deixará logo o Doctor , & ha de querer por toda Valença á espada.

A M E N T E.

Como podestes saber tanta couza em taõ pouco tempo ?

CALLIDIO.

Tiue cuydado.

A M E N T E.

E eu terey lembrança.

CALLIDIO.

Pera quando.

A M E N T E.

Bem ves tu que eu agora não posso.

CALLIDIO.

E despois não quererás.

D E U O R A N T E.

Euangelho. Mas porque me não vingou eu
def-

deste roym de Callidio , & que lhe tardo mais ?
Deos vos salue , & a ti Callidio prol faça.

CALLIDIO.

Paffo que fallamos segredo.

DEUORANTE.

Naõ hias tu oje de taõ má graça , quando
trouauas de improuiso.

CALLIDIO.

Nem tu de taõ boa. Seraõ milagres do
vinho.

DEUORANTE.

Iffo se poderá dizer mais por ti , pois te
conuidaraõ em chegando.

CALLIDIO.

E tu em conuites.

DEUORANTE.

Durate ainda aquella vea de trouar , rom-
peremos aqui hum par de lanças por festa dian-
te de Amente.

A MENTE.

Deixao pera outra hora Deuorante , que te-
mos al em que entender.

DEUORANTE.

Ia ey de ver pera quanto he , que naõ me
valeo co'elle ereita , nem sopee.

DEUORANTE.

Callidio j'eu vi outro homem
Mais faõ das costas que ti ,
Porque te torces assi ?
Pulgas sey que te naõ comem ,
Vergões pode ser que si.

CAL-

CALLIDIO.

Deuorante que se tanja,
 Que se cante em parayso,
 Naõ he aquella a tua granja,
 Pois se lá falla de fiso,
 E naõ he terra de manja.

DEUORANTE.

Naõ valha que naõ foy polos consoantes.

A M E N T E.

Naõ seja mais, ambos o fizestes bem.

DEUORANTE.

Tudo se faça oje á tua vontade, & tudo
 seja festa.

CALLIDIO.

Donde auentou este coruo carniçal a car-
 niça?

DEUORANTE.

E errey oje a tua que foy arrezoadá.

A M E N T E.

Naõ lhe respondas Callidio. E tu Deuoran-
 te naõ falles mais sobpena de te ser aquella
 porta cerrada em quanto aqui estiuermos.

DEUORANTE.

Naõ me verás mais boquejar.

A M E N T E.

Ora nós vamos cear com meu pay.

DEUORANTE.

Elle mesino me convidáua pouco ha.

CALLIDIO.

Eu naõ vou por agora a essa casa, per-
 doarmehas.

AMEN-

A M E N T E .

Como , & tu só me has de falecer , em quem eu tinha toda minha esperança ?

D E U O R A N T E .

Vem cá Callidio , dáme essa mão , sejamos amigos , e diroy como fazamos , que eu tambem não me fio ora muito de ninguem. Acompanhemos Amente até a porta , dahi espreitaremos , & assi como veremos , assi aueremos nosso acordo. Ia sabes o que se diz , não te fies , e não te enganarão.

A M E N T E .

Ditos de gente baixa , & desconfiada. Hi comigo seguramente.

O REPRESENTADOR.

Naõ foraõ necessarios rogadores , nem arengas , o filho lançouse por terra aos pés do pai , elle c'os olhos cubertos d'agoa aleuanto , de húa parte , e da outra as lagrimas soprião por palauras. A cea fezse prestes. Ao Doctór , & ao soldado não faleceraõ outros amores , as outras festas haõ se de fazer em Valença de Aragaõ.

OS VILHALPANDOS,
COMEDIA.

OF ALPHABETICAL
COMEDIA.

A F A M A

FAZ O P R O L O G O.

E V não venho a vós voando , aue noua bem empenada , tantos olhos , quantas penas , tantas linguas , & ouvidos : que joguem por debaixo como artelharia , assi como me pintaraõ estes chocarreiros dos Poetas , que sempre querem gracejar. Mas assi como todos me chamaõ Fama , assi venho nestes habitos de molher. Aqui no cabo do mundo he agora o meu assento , & não no meo . onde os mesmos bons dos Poetas me aposentaraõ em hũa casa toda aberta , & descuberta : (por certo mal ao menos pera o inuerno.) Daqui carrego pera todas as partes de graciosas victorias , todas contra os infieis. De torna viagem, ás vezes não acho senaõ patranhas (como agora.) Que quereis que faça ? quereis que torne com as mãos vazias. Ao menos farey nisto verdadeiros aquelles mesmos Poetas , meus amigos , que de mim differaõ , que assi conto o que he , como o que não he. E elles lula (como diz o nosso rifaõ antigo). Quereis que esté sempre esperando polo coxo : o qual quando vem não acha senaõ arrependimentos ? Quantos exercitos tenho eu só por mim desbaratados , quantas fortalezas rendidas c'os meus medos ? quantas defendidas co'as minhas esperanças ? Sabeis de que manha vsey estes dias

passados naquella grande affronta de Dio ? quando vos não pude espantar c'os Turcos : espantey os Turcos com vosco. Em tempo que vos tudo falecia , saluo o coração , e agora em Tollão , como me metti entre as galés dos mefinos Turcos , tantas que cobriaõ o mar. E hi comecey de murmurar da gente nobre , que se juntaua em Ceita ao parecer da primeira Andorinha : & ellas desappareceraõ todas , que não sabiaõ ja o dia , nem a hora. Deixo o que fiz em Tunez , onde eu logo descubri aos contrarios , quem era o verdadeiro capitaõ da gente Portugues , que logo fez tremer aquella barba roxa. Quantas destas obrigações tenho eu espalhadas polo mundo , que m'as reconhecem mal. E deixando a guerra a de parte : em quantos perigos socorro eu aos que escreuem ? os chronistas a cada passo não sabem por onde vaõ sem mim. Os Poetas andaõ sempre polos ares , nem tem outro valhacouto , se a mim não. Té estes que governaõ o mundo , com seus cartapacios (eu digo os que oje sobre tudo chamaõ Doctores.) Como remataõ elles suas razões , senaõ c'o meu nome , & authoridade : dizendo por derradeiro : & desto he publica voz , & fama ? E depois com que grauidade acodem nas suas praticas encadarrados : *Fama malum , & re.* Ora todos estes pontos a de parte , fallemos cá entre nós. E dizeyme das cousas passadas que tendes , senaõ a fama ? das presentes quanto vedes ? & ainda das que vedes , de quanto dais fé , tudo o mais a quem

o deueis , fenaõ a mim ? Do por vir naõ fallemos , que o referuou Deos pera si. De todo em todo , naõ vos fieis em sonhos. Ó como aquelles bons antigos morriaõ por mim , com tam bom rostro ! E eu tambem que assi lho pagaua : vós outros pondesme asma diante (& assi he razão) todauia bom quinhaõ me dais de vós. Basta , que eu som contente , naõ feruis a pessoa defagardecida. Finalmente quereis saber , em quanta obrigaçaõ me todo o mundo he : olhay bem , que de quantas cousas em todo elle ha , nenhuma responde igualmente á sua fama : nem em Paris effa Cidade , nem effa Roma lá fancta. Muito me vos gabo oje , diruos ey som (como vos ja disse) vezinha , & moradora , obrigada som a guardar vossos costumes ? Ora venhamos ás patranhas. Nós estamos em Roma , naquellas duas casaf viuem dous velhos Cidadãos. Cujos nomes vedes , cada hum sobre a sua porta. O Pomponio tem hum filho a que chamaõ Cefariaõ , o qual filho , o pay , & a mãy andañ por tirar de captiueiro , d'hũa destas suas cortesãas , (que assi lhe chamaõ .) O pay por razão , & aũthoridade , a mãy por deuações. A cortefa sem razão , & sem aũthoridade , & sem deuações : faz delle tudo o que quer. Sobre este negocio sayraõ a vós logo estes velhos , ~~em~~ sua pratica vos irá abrindo caminõo pera o mais. Ouui repousadamente.

FIGURAS DA COMEDIA.

AFAMA.

POMPONIO , VELHO.

MARIO , VELHO.

FAUSTA, MATRONA ROMANA COM HÛA COMPANHIA
DE BEGUINAS.

MILUO , ALCOUITEIRO.

ANTONIOTO , CRIADO.

CESARIAÓ , MANCEBO ROMAÓ.

GUISCARDA , VELHA , E MÃY D'AURELIA.

VILHALPANDO , PRIMEIRO SOLDADO.

VILHALPANDO , SEGUNDO SOLDADO.

APOLONIO , HERMITAÓ.

EABIANO , MANCEBO ESTRANGEIRO.

TREFO , MOÇO.

TORQUEMADA , MOÇO.

RUBERTE , PAGE FRANCES.

A C T O I.

S C E N A I.

POMPONIO. MARIO , VELHOS.

P O M P O N I O .

BOA seja a vinda Mario , que em tua busca
hia.

M A R I O .

Ó Pomponio , & eu na tua. Que me disse-
raõ em chegando , que jazias em cama.

P O M P O N I O .

Naõ te enganaraõ. Mas soube como eras vin-
do , & isso me leuanteu.

M A R I O .

Fezeste mal , que o corpo enfermo , queresse
na cama , & naõ polas ruas.

P O M P O N I O .

Si , mas tambem o spirito cansado queresse
com quem descanse.

M A R I O .

Eu viera a ti , que era mais razaõ. Mas co-
mo te sentes ?

P O M P O N I O .

Fracõ : principalmente destas pernas , que
me naõ podem trazer.

M A R I O .

Naõ te espantes , que ha ja muito que te
trazem. Que doença foy a tua ?

P O M -

P O M P O N I O .

Nunca o pude bem saber.

M A R I O .

Que te diziaõ os físicos ?

P O M P O N I O .

Muitas , & muy notaueis razões.

M A R I O .

E tu quiferas antes poucas , & certas ?

P O M P O N I O .

Foraõ , & vieraõ alguãs vezes , antes que se concertassem. Finalmente capitularaõ a doença : & tendo eu muy grandissimo fastio , mandaraõme que não comeffe.

M A R I O .

Perigoso remedio : & mais em tal idade,

P O M P O N I O .

De maneira , que se a natureza me não tolhia alguã cousa , assi por desejos : tolhiaõma elles.

M A R I O .

Mat artemiam.

P O M P O N I O .

Pouco menos : entaõ contauaõ as vezes das nouas correntes , & dos milagres que ja tinhaõ feitos em outros , a qual mais.

M A R I O .

E pera ti não deixaraõ hum só.

P O M P O N I O .

Naõ , porque a fallar verdade , té do estamago veyo hũa velha que aproueitou mais : Disse , que era a tauoleta.

M A R I O .

Souberaõno elles ?

POM-

P O M P O N I O .

Naõ antes a poder d'aforisinos tudo tribuy-
raõ aos seus remedios.

M A R I O .

Sangraraõte ?

P O M P O N I O .

Sabe Deos a sua vontade : cada dia affiauaõ
as lancetas. Porem eu naõ quis , como quem
fabria o conto dos meus annos , & que o meu
fanguie peccaua mais de queimado , que de fo-
bejo.

M A R I O .

Ah , que a nos ja nesta idade deuiaõnos de
tornar a curar como meninos , & naõ com
beberagẽs das boticas : que da só vista sua se
arrepia o corpo todo.

P O M P O N I O .

Mexidas por cifras , que elles fìsicos fõs en-
tendem , & os boticarios seus fecretarios.

M A R I O .

Affi faõ mais estimados : & os das outras
sciencias tambem quando os entendem menos.

P O M P O N I O .

Finalmente affi os soffri hum tempo. De-
pois cobrey fiso , & despedios.

M A R I O .

Ó como fizeste bem.

P O M P O N I O .

Como dizem , milhor foy tarde , que nunca.
Entaõ deixeyme ir mais de vagar espreitando
fempre a natureza , & ajudandoa com bom re-
gime nto.

MA-

M A R I O.

Naõ soube tanto Hypocras.

P O M P O N I O.

Aprendi á minha custa : & como soube da tua boa vinda , leuanteyme sobre este bordaõ que me ajuda mais , & me custou menos.

M A R I O.

Por amor de mim que repoufes.

P O M P O N I O.

Que farey se me naõ deixaõ ?

M A R I O.

Preza sobre tudo tua faude , naõ te mates por ninguem. Que ao do negro , e ao choro dos erdeiros chamaõ os antigos riso , & prazer conhecido , em trajo de lagrimas.

P O M P O N I O.

Oueme , & depois me conselharas.

M A R I O.

Dize o que quiseres.

P O M P O N I O.

Bem te deue d'alembiar o que ja fallamos antes da tua idade , sobre noffos filhos.

M A R I O.

Naõ faõ os tais negocios para esquecer.

P O M P O N I O.

Depois tu absentastete , & eu adoeci , tudo ajuda o que ha de ser.

M A R I O.

Pera que he mais ? danousenos Cesariaõ , que bem o sey.

P O M P O N I O.

Naõ auiaõ de falecer melleiros.

MA-

M A R I O .

Queres que não vejaõ os homens , nem ouçaõ.

P O M P O N I O .

Porem não correm elles assi ao bem.

M A R I O .

Não lhe achaõ tanto sal.

P O M P O N I O .

Veyo logo aqui ter , a esta nossa rua , hũa velha Bolonhesa , com hũa filha fermosa.

M A R I O .

Perigosa vezinhança.

P O M P O N I O .

Se o ainda bem souberes com quanta treyçaõ , & arte.

M A R I O .

E elles tambem que se deixaõ enganar levemente.

P O M P O N I O .

Logo á primeira parecia aquella casa herma.

M A R I O .

Vem pobres , não trazem que affoelhar.

P O M P O N I O .

Mas he tamanha a fermosura da virtude , que querem primeiro enganar com ella , que com a sua propria.

M A R I O .

Quanto agora não ha passo em Roma mais aguardado. Ao menos dos nossos maucebos Romãos: os Brutos , & os Decios morremse pola republica.

P O M P O N I O .

Bem fazes de te guardar d'est'outro estado Ecclesiastico.

M A R I O .

Em que fenaõ pode sómente boquejar.

P O M P O N I O .

Ora eu em quanto me Deos dá tempo naõ o queria perder. E cuidando , naõ acho melhor remedio a meu filho que o casamento , o qual té os Gentios chamaraõ prisaõ segura da mocidade.

M A R I O .

Quantos exemplos ves tu oje neste dia por aqui ao contrario ?

P O M P O N I O .

O amor , & as graças dos filhos : os bons costumes das nossas molheres proprias , chamaõ muito o meu pera suas.

M A R I O .

Ao estamago damnado naõ lhe sabe bem nenhũa cousa boa.

P O M P O N I O .

E mais em lugar de hum pay teria elle dous.

M A R I O .

Antes a meu parecer em lugar de hũa fazenda , a tal tempo , meterlheias duas nas mãos que destruyffe.

P O M P O N I O .

Naõ que a isso venho , darte conta da boa disposiçaõ , em que agora tinhamos o negocio por huma grande offensa , que estas molheres

fi-

fizeraõ a Cesarião , de que está indignado estremadamente.

M A R I O .

Quanto ha ?

P O M P O N I O .

A noite passada.

M A R I O .

Taõ pouco ?

P O M P O N I O .

Porque ?

M A R I O .

Porque aquelle conselho sancto , o qual nos taõ mal cumprimos , que se naõ ponha o Sol sobre a nossa ira : estes o cumprem muito bem.

P O M P O N I O .

Naõ he o sentimento taõ pequeno.

M A R I O .

Naõ te fies disso , que quebraõ as mais das vezes em mayor amor de que procede. Polo qual antes quisera que estiuera rindo.

P O M P O N I O .

Porque se diz logo , que esquiuança parte amor.

M A R I O .

Parte , mas naõ assi ás primeiras razões : principalmente co'estas que os homens tomaõ com todas suas tachas.

P O M P O N I O .

Naõ era de perder tal occasiaõ.

M A R I O.

Creime , que j'agora teu filho lança todas as culpas sobre a má da velha.

P O M P O N I O.

Si , se a moça se desculpasse.

M A R I O.

Pera que , que elle mesmo a desculpará : entaõ ao fazer das pazes mal polos terceiros.

P O M P O N I O.

Quantos inimigos que tem estas nossas fazendas.

M A R I O.

Por isso dizem que anda o ouro taõ descorado como temido de tantos.

P O M P O N I O.

Té os cachorros , que faltaõ por amor del Rey de França.

M A R I O.

Escandalizado ficaste dos físicos corporais.

P O M P O N I O.

E dos spirituaes tambem , que tu não dizes. Ó Senhor Deos , como nos apalpaõ , & a que tempo : lançados fóra todos os outros competidores como vencidos.

M A R I O.

Foy tempo que mandauaõ lauar os peccados com lagrimas.

P O M P O N I O.

Agora todos com aquella agoa que chamaõ da moeda. E he assi necessario pera gente taõ cobiçosa do alheo como fomos. Quem não tivera filhos pera se partir , rindo de tao

mão

máo mundo. Mas do nosso negocio , que conselho me das ?

M A R I O .

Dirtey o que me parece. O casamento he a mayor couza que o homem faz em toda a vida : peçote que o não siemos de payxões de mancebos.

P O M P O N I O .

Como faremos ?

M A R I O .

Sobrestemos assi alguns dias , entretanto trabalha tu , que teu filho se emende por si só he razaõ , não por aggrauos da Bolonha , que comigo não. são necessarias outras mais negociações.

P O M P O N I O .

Não fora máo correremos daqui estas más mulheres.

M A R I O .

Pera que j'agara ; pois onde quer que forem haõ de levar o coração de teu filho apos si.

P O M P O N I O .

Bom he sempre afastar os azos.

M A R I O .

As couzas da vontade não querem força , que entaõ as deseamos mais.

P O M P O N I O .

Filhos de Adaõ , & de Eua.

M A R I O .

Finalmente tem sobre tudo cuydado da faude. E como te ja disse , a tudo vay pé ante pé. Entre tanto vernoshe:mos muitas vezes , & hús lanços iraõ descubriendo os outros ,
que

que não façamos cegueira em cousa que tanto releua. Deixote a Deos , que me chama outro negocio , tu tornate a casa.

P O M P O N I O .

Elle vá contigo. O descanso com que me este manda ir de vagar , como se eu teueffe os dias de contado , o canto d'arca pera as necessidades. Trago (como dizem) a alma no papo , & vejo cada dia partir outros mais sãos , & mais moços : & este diz que esperemos. Assi nos vay empondo o mundo d'oje para de menhaã , té que vem aquella derradeira ora , em que tanto ha que fazer. Quisera em tamanha tormenta ter meu filho a mais amarras : esta pressa me fez levantar da cama ante tempo : Mario está tão descansado bocejando. Ó cuidados vãos dos homens ! pera isto ajuntey eu , & guardey com tantos trabalhos , & perigos , pera deuaíffos , e deuaíffas ? Não consentirá Deos tal. Cesarião se quiser auer siso , & responder ao sangue donde vem , será meu filho : quando não , a dor não se escusa : mas em fim toda a perda ha de ser sua. Minha molher senão fizer outro tanto , deixará cá bons herdeiros : tres dados , e estas boas donas. Cuydais que vê ella os erros deste filho ? & se lh'o digo , logo hi faõ as desculpas. E quando ja al não pode ser , antes eu ey de ficar por culpado , ou por aspero , ou por estreito : afora aquelle dito geral dê todas , que outro tanto faria eu em meu tempo. Sobr'isto não se escusaõ contendas cada hora quando nos mais necessário era o descanso , nos veyo fa-

lecer de todo. Quem fae de minha casa? Oh Fausta he, miinha molher, grande companhia lhe vejo, toda de beguinias: nove faõ, quam certo he, que naõ auiaõ de fer pares. Negocio he de devações sobr'este filho. Quero as escutar, vereis que rasões taõ concertadas.

S C E N A II.

FAUSTA. POMPONIO.

FAUSTA.

SE algũa hora, amigas de Deos, e minhas, tomaste cargo de lhe encomendardes algũa pessoa necessitada: seja desta vez, que assim fereis vós encomendadas sempre nas vossas necessidades.

POMPONIO.

Muito se lhes offerece, tudo será ás minhas custas.

FAUSTA.

Ora cada huma tome seu ramal de nós: cento e cincoenta por cada ramal.

POMPONIO.

Boa soma fazem.

FAUSTA.

Tantas vezes ha cada húa de dizer aquella oraçaõ que vos dei escrita em pergaminho. Virgem, que he muito experimentada.

POMPONIO.

Como mezinha de velhas.

FAUS-

FAUSTA.

E assi tereis accesas as nove candeas que vos dei tambem de cera virgem.

POMPONIO.

As beguinas quer o sejaõ quer naõ.

FAUSTA.

E a cada nó beijar a terra, sem fallar palavra neste meyo tempo.

POMPONIO.

Forte ponto pera molheres.

FAUSTA.

No cabo de tudo aveis de dizer: assi como isto he verdade, assi de cór e de vontade faya (nomeailho) livre, e saõ desta infirmitade, quer seja malicia, quer maldade, de máo homem, ou má molher, quer outra fortuna qualquer.

POMPONIO.

Que pode logo Deos al fazer se vai por consoantes?

FAUSTA.

Entretanto eu fallarey com a conuertida. E assi espero em Deos, & nas palauras de muyta virtude, & na ajuda das peffoas deuotas, que meu filho torne á graça de Pomponio, o qual com paixãõ he posto em cuidados novos, & naõ de pay.

POMPONIO.

E polasha em obra; se teu filho se naõ emenda. Já lá vaõ: tarde se me ordena oje o jantar. Quero entretanto dar vista aos banqueiros, naõ cuidem os deuedores que sou já morto.

SCE-

S C E N A III.

M I L U O. A N T O N I O T O.

M I L U O.

PERA que faõ mais palauras , pede por boca, a escolher como em lauor d'amigo.

A N T O N I O T O.

Taõ boa nouidade houue este anno ?

M I L U O.

Que naõ ha onde a recolher , & sobre tudo boa mercadoria , boa.

A N T O N I O T O.

Hi vai o feito todo : Miluo meu amigo , no preço me enganem , a mercadoria seja defenganada.

M I L U O.

Estás em teu fiso. Que o rico pera que quer o que tem ? o pobre vá pedir por amor de Deos , & naõ ande d'amores.

A N T O N I O T O.

Dizes verdade.

M I L U O.

Ora esse teu enfermo de quaes he ?

A N T O N I O T O.

Auiate em Roma de andar pedindo piedades , & com que esperança ?

M I L U O.

Fraca por certo , que em terra estás , onde naõ faraõ pobres nenhuns , com quantos hospitais nella ves.

ANTONIOTO.

E quem farassem: ao menos tu não eras o hospitaleiro.

MILUO.

No cabo estás. Ora me dize que tal a que-
res.

ANTONIOTO.

Boca aprazerada sem ponta de miolo.

MILUO.

Freira nem casada?

ANTONIOTO.

São muito trabalhofas.

MILUO.

E auiate d'estar vendendo a dinheiro perigos, & trabalhos: a minha gente toda he manfã: mas tenho de muitas fôrtes, assi como aqui ha muitas fôrtes d'appetitos.

ANTONIOTO.

Ah, esqueciame que estauamos em Roma.

MILUO.

Virgem te não offereço, porque es tu. Que a hum nouel esse fora o primeiro offerecimento.

ANTONIOTO.

A que preposito, pois me já lembraсте onde estamos.

MILUO.

Que he outra boa mercadoria: punhadãs, & lagrimas.

ANTONIOTO.

E mais onde a descobriamos?

M I L U O .

Por aqui se fazem.

A N T O N I O T O .

Naõ entremos nellas emburulhadas : queria coufa certa , & desoccupada.

M I L U O .

Que dizes ?

A N T O N I O T O .

Que naõ tiueffe muytos negocios.

M I L U O .

Ora naõ mais , das engeitadas queres.

A N T O N I O T O .

Naõ assi , mas das que naõ faõ ainda taõ conhecidas.

M I L U O .

Que barbarias vaõ pollo mundo , andaõ-se mortos com seus ciumes , aquelle olhou , aquelle rio , aquelle acenou ; & ainda isto naõ basta , mas até o que sonhaõ cuydaõ que he verdade , & de tudo tem paixãõ : sapos cuydaõ que lhe ha de falecer a terra : os nossos cortesãos , todos cortesfes , todos galantes , todos postos em razaõ , ajuntaõse cinco & seis a hũa amiga , & de aprazimento de partes partem antre si o custo , & prazeres. Ella a todos grangea , & agafalha : cuja acerta de ser a noyte esse fica. Os outros naõ se vaõ por isso com pior rosto , outro dia lhe viraa a sua vez : ah nem ha ciumes , nem inuejas , que mais parayso queres neste mundo ?

A N T O N I O T O .

Estaã bem , mas os filhos como os repartem.

MILUO.

Naõ he gente muyto afruitada.

ANTONIOTO.

E porem quando acontece?

MILUO.

Em tudo ha de fer o que ella differ.

ANTONIOTO.

Quer o faiba , quer o naõ faiba.

MILUO.

Que cuydas que vay nisso , enfim quereimhe bem como a filhos.

ANTONIOTO.

O Diabo se enforque. Mas este nosso ainda que he Romão , ey medo que nisso queira fer barbaro.

MILUO.

Vaa fer o Sol , naõ ves tu a pompa d'estas nossas cortesãas ? Quem bastaraa soo por si a seu custo : donde cuydas tu que se ellas haõ de manter ? que afora de estes certos que digo , ainda lhe ficaõ de fóra outros aventu- reiros , & naõ bastaõ.

ANTONIOTO.

Demoslhe algúa nouiça.

MILUO.

Demos , mas seja porem Italiana , que tudo o mais he vento. Francezas , & Alemãas com quanto vinho bebem saõ mais frias que hũa pouca de agoa , Espanhoes todas vem ja coroadas de Calez , & de Valença d'Aragão : & sempre o bruquel do risiaõ ha de reluzir em algum canto da casa como por posse. Ora que

ros-

rosto he o de húa Romãa , que graça das Polonhezas , Francezas , Mantuanas ?

A N T O N I O T O .

Nisso , & em tudo he essa vossa Italia hum jardim do mundo.

M I L V O .

E assi acertou a natureza de huma parte de montes altos , & de todas as outras de mar.

A N T O N I O T O .

Com tudo defendemola mal dos estrangeiros.

M I L V O .

Que tanto nola desejaõ.

A N T O N I O T O .

Tambem as cousas todas vaõ a reuezes , muyto tempo mandou , & agora he mandada.

M I L V O .

E roubada , faqueada , & esfolhada. Mas deixemola estar , se me oueres mister bufcame , & seja como deue , que naõ percamos tempo como agora.

A N T O N I O T O .

De que maneira ?

M I L V O .

Com aquelle ramo , com que passoutodos os perigos do inferno.

A N T O N I O T O .

Entendo , mas onde te acharey que certo sejas ?

M I L V O .

Em toda a parte que estiueres meya hora quedo : que eu tudo reuoluo , naõ guardo do-
min-

mingo , nem festa , ardo sempre de dia , & de noyte como hum forno de vidro : dias ha que não perdi outro tanto tempo como agora. Deixote a Deos.

S C E N A III.

ANTONIOTO só.

O DOUDINHO de Antonioto como auias mister curado desta tua cabeça. Cuydaas pola ventura que estauas em Portugal , onde todo o negocio he sospirar , & dizer saudades ? Torna em ti , & lembrete onde estás. Antonioto busca dinheiro , & não busques Miluo , nem outrem ninguem. Que farey ? quanto podemos ajuntar com tanto trabalho taõ pouco ha , tudo Guiscarda engulio de hum bocado sem deixar pera hũa corda com que se homem enforcasse. Ó má velha pior que hum caõ faminto em engulir , & logo os olhos por mais certo , que não tem memoria nenhuma , como dizem dos galos , que por isso cantão tanto a miudo. Quem vir as suas festas ao receber do dinheiro cuydará que ja alli tempera hum tempo , dando hũa grãa volta não a conheceis com quanto a vedes sem narizes como dantes. Estamos bem auidados , a velha sem vergonha , Cesariaõ sem corregimento , ó velho escassissimo , & que anda ja sobre auiso : quem commetterá nenhum delles ? Ó que inueja ey tamanha aquelles Dauos , & srios das

comedias que tão bons lhe ^{erao} serão de enganar os seus velhos babofos. Com tudo tenho ja commettido este noſſo, com a alquimia: diz que quem ſabe fazer ouro, & prata, que não ha miſter prata, nem ouro: aos veadores dos theſouros, diſ que lhe não quer moſtrar o ſeu. A quantas deſtas inuencões ha polo mundo, reſponde deſcanſadamente, que não compra eſperanças por dinheiro: & ſobre tudo não quis morrer como cuydauamos. Agora ſão em pratica com noſſa ama per via de deuações, te-nholhe muyto gabada hũa conuertida Grega, grande minlia oradora, e ſe por aqui não fa-zeemos algũa entrada no coſcorrinho do velho, eſcuſadas ſão mais praticas de Miluo.

A C T O II.

S C E N A I.

CESARIA Ó SÓ.

ESTE meu coração enlheeeyro em que praticas começa entrar comigo, não me queria elle pouco ha ſaltar do peito fóra que o não podia eu ſoffrer? Deixoume elle mais dormir, nem aſſoſſegar? Agora que aconteceo de nouo, mandouſelhe por ventura deſculpar alguem, ou chora, & ſospira alguem de todos nós ſenaõ eu como? & tamanha injuria, & tam rezente, podelhe lembrar outra nenhuma couſa? Ainda
 não

naõ quer , ainda naõ canfa. Em quanto ouue que dar durou o amor , voou a fazenda , voou elle juntamente. Ah , isto he o que pintaõ ao amor com afas , voou , fugio , defappareceo , fem nenhúa lembrança de mim fe fom vivo fe morto. Como ? & taõ pouco dura o amor ? cuytado de mim , que fazia fundamentos del-
le pera toda minha vida , affi fe põe tudo atras abrindo as mãos , & çarrando ? bem seria fem nenhum sentimento este corpo tamanho , fe em tal occasiaõ faleceffe a si mefimo , & naõ fe pofeffe em faluo a pesar do coraçãõ. Cheguey a noite passada áquella porta , que todas as horas me foya estar aberta de par em par áquella portas , que tambem parecia que ja me conhecia , & que se me abria de feü. Apalpeya , fiz meus finaes acostumados : que aproueita-uaõ ? bati , bradey , tampouco : que mais que-reis ? Entrey em duuida , fe errara a porta polo escuro que fazia : torney para tras , reconheci tudo de nouo. Aquella era a porta , aquellas as casãas , & janellas : mas o tempo naõ era ja aquelle que fohia. Ah como me tomou este mal taõ descuidado ! Doudo de mim , que cuydaua que tinha aquellas vontades por minhas de juro , & de erdade : & naõ ha coufa no mundo que taõ asinha paffe. Que se fez de tantos fofpiros , de tantas lagrimas , que se fez de tantas palauras , que se fez de tantas más palauras , que me ainda enganauaõ mais ? Como ? & fingidas podem fer tantas coufas ? Enfim que fingidas foraõ , aquella só hora foy

foy defenganada , aquella ^{se eu} feu entendimento tiueffe , deuia eu de estimar muyto. Que tanto aperfhey até que a defnarigada ouue finalmente de chegar a huma janella , donde me fallou estes amores que vos direy. Quem he o vaganaõ importuno , descortes , que a tais horas assi bate ás portas alheas? Ouindo eu tal , o fangue me fugio de todo o corpo , & me deixou como hũa pedra fria : o que ella sentindo , seguiu adiante , vá dormir onde ceou quem quer que he , ou se anda em busca de alguma má ventura , pode ser que a achará aqui. E assi a tornou a çarrar com tamanho golpe , que tambem a mesma janella parecia que ameaçaua. Aqui que desculpa podéauer? não me conheceriaõ ? inde mal muitas vezes , que a outrem poderey enganar com esta rezaõ , mas não a mim. Era tarde , estariaõ pelejadas ? embebedarsehia a velha ? Ah , quantas desculpas , que não bafsaõ. E o pior he , que m'as não dá ninguem , senaõ eu que não deuia. Bem empregado seja em mim , que ja este não foy o primeiro final , se eu ver , & entender quifera. Ora sus será logo o derradeiro , a ofadas que bem me curaraõ das minhas cataratas. Quem fae de casa ? a velha he porque me não enuiu a ella ? mas quero primeiro ver como se desculpa.

SCENA II.

GUISCARDA. CESARIA Ó.

GUISCARDA.

SEGURAYME bem esta porta , que se não abra a ninguem até que eu torne : quem algũa cousa quizer falle de fóra.

CESARIA Ó.

Ia me vio esta aleiuosa , a mentira.

GUISCARDA.

Quem sospirar sospire , quem se queixar queixe , a minha porta como digo está a bom recado , que me custou muyto , & bom dinheiro.

CESARIA Ó.

Ó maluada , estas haõ de fer as desculpas.

GUISCARDA.

Gentis seruidores , todo seu feito he rodearuola casa , espreitar ás janellas , espreitar os que entraõ , & os que ãem.

CESARIA Ó.

Que falece alli ja , senaõ nomearme polo meu nome.

GUISCARDA.

E todauia ás vezes te daraõ hũa boa musica de noite.

CESARIA Ó.

E outros amigos dentro , em quanto os encartados andaõ por fóra.

GUIS-

G U I S C A R D A .

E porteám o Mayo á porta , com mais ver-
fos que mestre Pasquino , correrão a argola dian-
te das janellas , & faraõ aquellé dia húa muy-
to boa inuenção de mascara.

C E S A R I A Õ .

Esta desnarigada tudo queria que lhe me-
teffem na bolsa.

G U I S C A R D A .

Nó meu bom tempo tal cortesaã ouue aqui,
que a pedraria dos chapins era de mais preço ,
que a da garganta de grandes , & ricas do-
nas.

C E S A R I A Õ .

As custas de hum amigo , que por ventura
promettia pobreza , & castidade.

G U I S C A R D A .

Aquelles chamaria eu feruidores , estes
d'agora não se deuem chamar fenaõ empor-
tunadores.

C E S A R I A Õ .

Ó velha falsa , ainda te Deos chegue a tem-
po , que ninguem te importune.

G U I S C A R D A .

Aqui estauas Cefariaõ , & eu não te via?

C E S A R I A Õ .

Pois Guiscarda dia claro he , que não de
noite.

G U I S C A R D A .

E que quer isso dizer?

CESARIA Õ.

Porque ás vezes fenaõ conhecem os amigos pollo escuro.

GUISCARDA.

Eu naõ digo que te naõ conheço, mas que te naõ via.

CESARIA Õ.

E eu que me naõ conheces.

GUISCARDA.

Desde quando ?

CESARIA Õ.

Desde que me roubaste da alma, do corpo, & da fazenda.

GUISCARDA.

Fazes mal de me assi injuriar, que eu naõ roubo ninguem.

CESARIA Õ.

Mas roubas injurias, & sobre tudo ameaças.

GUISCARDA.

A quem ?

CESARIA Õ.

A mim.

GUISCARDA.

Ah, que a isso vem as mais das vezes os muitos mimos.

CESARIA Õ.

Mimos dizes : roubado, injuriado, & lançado fóra.

GUISCARDA.

Pois assi queres, venhamos a todas essas
tuas

tuas contas , & seja por a tua ordenança. Primeiramente ao roubado , de que ?

C E S A R I A Ó.

De quanto tinha.

G U I S C A R D A.

Se por não teres mais , queres que seja muito : vas arguindo mais spiritualmente do que deuias. Eu não conto senão por tres , & dous fazem cinco.

C E S A R I A Ó.

Pois , porque não contas assi quantas boas obras de mim recebeste ?

G U I S C A R D A.

Assi seja , mas as que tu recebeste desta casa , porque tambem te não lembraõ , & as não contas ?

C E S A R I A Ó.

Em quanto me sentistes que dar , não me fallaueis assi : que foy daquelle tempo ?

G U I S C A R D A.

Passou , como ves que faz : disso te queixas ?

C E S A R I A Ó.

Quem vos tanto deu como podia durar ?

G U I S C A R D A.

Quem tanto de nós queria , que fundamento era o seu ?

C E S A R I A Ó.

Deyuos quanto tinha.

G U I S C A R D A.

E de nós oueste tudo quanto querias.

~~almarias~~ CESARIA Ó.

Até as almarias brutas fica algum sentimento das boas obras que recebem : este he o amor das molheres ?

GUISCARDA.

E o dos homens ? ah que certo emprego : fois como as andorinhas , vindes com bom tempo , & com elle vos partis.

CESARIA Ó.

Que se fez de quanto vos dey ?

GUISCARDA.

He gastado , tu querias que ainda durasse ? até quando ?

CESARIA Ó.

Até que me eu podera remedear.

GUISCARDA.

Naõ faças a tua conta só , & nós entre tanto de que viuiremos ?

CESARIA Ó.

Nunca te lembra fenaõ o teu interesse.

GUISCARDA.

Peccadora de mim , & a ti que te lembra fenaõ o teu ?

CESARIA Ó.

O meu interesse vem todo d'amor , & o teu de defamor.

GUISCARDA.

Renego de tal amor , que nos quer deitar a perder.

CESARIA Ó.

Iulgayo polas obras.

G U I S C A R D A .

Duremnos ellas , & durartehemos nós.

C E S A R I A Ó .

Ó má velha como te não inato.

G U I S C A R D A .

Farias hum feito Romão.

C E S A R I A Ó .

Desapressaria a terra de taõ má coufa.

G U I S C A R D A .

Bem o podes fazer se quizeres , que isso se ganha nestas praticas escusadas.

C E S A R I A Ó .

Foyse sem me dar nenhũa outra esperança. Olhay as suas desculpas ? olhay se ao menos, se lhe fez algũa toruação , ou final de vergonha , do erro tamanho que tinha commettido contra mim ? Ella he ainda a que quer que se lhe desculpem : qual he o coração que tal soffre ? que farey ? enfim tambem o passear he máo remédio. Quero buscar Antonioto , que he ido a buscar outros amores novos. Mas triste de mim onde m'os achará ? molheres não falecem , mas amor , & contentamento são os que falecem : pera que he perder tempo andando ? vejamos o que por oje se pode auir , tanto que não , hi está esse Tibre que tem mortas outras muytas sedes neste mundo , assi faraa a esta minha.

S C E N A III.

FABIANO. CESARIA Ó.

FABIANO.

Não me fujas Cesariaõ, que tenho grande necessidade de ti.

CESARIA Ó.

De pessoa taõ necessitada?

FABIANO.

Que quer dizer, que estás taõ demudado?

CESARIA Ó.

Disso te espantas, vendome lançado aos Liões?

FABIANO.

Que te fazem.

CESARIA Ó.

Pedeme mais dinheiro Fabiano amigo.

FABIANO.

Ay cuitado de mim, ja o outro he gastado.

CESARIA Ó.

E esquecidos tambem que he peor.

FABIANO.

E não ha hi mais rezaõ?

CESARIA Ó.

Antes tem trezentas mil.

FABIANO.

Nem mais vergonha?

CESARIA Ó.

Leuaraõlha com os narizes.

F A B I A N O .

Grande feito.

C E S A R I A Ó .

Naõ te benzas , que te defenderá sua rezaõ contra toda tua philofophia.

F A B I A N O .

A isto me chamas tu molheres ?

C E S A R I A Ó .

Naõ sey , mas muyto se parecem hũas com as outras.

F A B I A N O .

Ah , que te naõ acontece isto sennaõ por grande culpa tua.

C E S A R I A Ó .

Que posso fazer ?

F A B I A N O .

Naõ te aueres contigo , como mãy com filho mimoso , que o deixa fazer tudo o que quer.

C E S A R I A Ó .

E que remedio.

F A B I A N O .

Fazelo querer o que cumpre com ensino , sennaõ com castigo.

C E S A R I A Ó .

Renego destes ditos curtos , taõ bons de dizer , & taõ máos de pór por obra.

F A B I A N O .

As mezinhas todas amargaõ.

C E S A R I A Ó .

Que farey ao coração ?

FABIANO.

Hum coração , que a tal tempo te defempara , pera que o queres ?

CESARIA Õ.

E tu nos teus amores , assi te has taõ valerofamente.

FABIANO.

Mal fazes de cotejar taes amores , que naõ tem outra coufa huns dos outros , fenaõ o nome só que lhe vosoutros posestes forçadamente.

CESARIA Õ.

Deixate deffas tuas fofistarias , que naõ posso em hum mesmo dia pelear com tantos.

FABIANO.

Quaes tantos ?

CESARIA Õ.

Andey tégora em braços com aquella serpe de Guiscarda , & tu saefine agora de refresco com tuas razões.

FABIANO.

Que , naõ podes , nem sómente ouuir ?

CESARIA Õ.

Outra ora me tomarás mais folgado , entaõ combateremos , que por agora naõ me falecem razões , mas forças , & tempo , deixote a Deos. Fabiano ainda naõ sabe da preffa em que meu pay anda pera me casar com Hippolita , que aos olhos deste he a mais fermosa coufa que ha no mundo , a mijn he ella boa filha , alua , grande , & loura : fermosa he só Aurelia. Ó danças , ó jogos deste mundo ,

como ey de ver eu , & não pollos meus olhos!

S C E N A III.

FABIANO SÓ.

QUE grande poder he o do costume , que fez nesta terra ao amor soffrer praçaria, como em qualquer outro trato , e desamarrou-o a si daquelles seus pontos tão perigosos dos ciumes , porque cada dia em outras partes ferem , & mataõ. Quem poderia isto crer em outra parte ? que vem ir as suas amigas com outros a seus prazeres , & passaõ adiante com bom rostro , & graça , & que estes tambem sospiraõ , tambem choraõ , tambem tangem , & cantaõ os seus versos piadosos. E o de que mais me espanto he , que acontece isto a grandes eugenhos , que não posso entender , como empregaõ assi tão baixamente cousas de tanto preço. Vedes este Cefariaõ mancebo desposto , máhoso , hum só filho a seu pay tão rico , que máo pezar he feyto d'elle em tão pouco tempo. Encabrestoulo assi aquella desnarigada , com hũa filha que tem bonita : que he hũa piedade velo , andalhe sempre a d'arredor da casa com a boca aberta como encantado : em fim outro Cefariaõ de todo em todo , & não he o que soya. Eu som aqui estrangeiro & seu amigo : quiserame oje achar em sua companhia a ver Hyppolita , que he fóra de

cafa em hũa deuação , podera assi ver melhor. Mas eylo que torna em grandes debates , vem com Antonioto , todos feus caminhos faõ pera esta parte , andaõ em busca de dinheiro , dura negoceaçaõ trazem , naõ os posso esperar.

S C E N A V.

ANTONIOTO. CESARIAÕ. MARIO.

ANTONIOTO.

AISTO auiaõ de vir aquellas tuas brauuras , & aquelle teu lançar de fõgos ?

CESARIAÕ.

Assi se engana homem configo muytas vezes.

ANTONIOTO.

Que vergonha tamanha , que es pera pe-leijar com hum Liaõ.

CESARIAÕ.

Ó meu Antonioto , que eu naõ som já o Cefariaõ , que tu conheceste ! Se estas molheres me mandarem debar , & fiar , fiarey , & debarey. Inda hoje tinha algum sentimento do homem , cuidey que tinha coração , & mãos quando veyo ao tempo do mister , nem lingua tiue.

ANTONIOTO.

Como ?

CESARIAÕ.

Achey Guiscarda , viemos arca por arca ,

ca , que queres mais que te diga ? em fim
venceome.

A N T O N I O T O .

Naó me digas tal.

C E S A R I A Ó .

He como te conto.

M A R I O .

Errey em me mostrar taó frio ao requeri-
mento de Pomponio , que anda doente , &
apayxonado. Torno em sua busca.

A N T O N I O T O .

Onde achaste?

C E S A R I A Ó .

Ante a sua porta.

M A R I O .

Mas vejo Cefariaó c'o seu Antonioto.

A N T O N I O T O .

Isto si , a este tal chamaria eu homem que
foy buscar o amigo a sua casa.

C E S A R I A Ó .

A payxaó me leuou lá , & o desejo da vin-
gança.

A N T O N I O T O .

E pois que fizeste?

C E S A R I A Ó .

Estiue pera me enuiar a ella.

A N T O N I O T O .

Milhor foy assi , que era caso de proposito.

M A R I O .

Estas saó as suas defauenças.

C E S A R I A Ó .

Tolheraóseme os pés , & as mãos.

AN-

ANTONIO TO.

Ó Cesariaõ, pior he ja a vergonha que o damno.

CESARIA Õ.

Tomoume esta defa Ventura muito descuidado, ajudame desta vez a salvar, & pera a outra ajudame a matar.

MARIO.

Entre tanto mal pola fazenda.

ANTONIO TO.

Que gosto podes ja ter naquella casa?

CESARIA Õ.

Mas em qual outra posso eu ja achar nenhum?

MARIO.

A tempo vim.

ANTONIO TO.

Isso falece em Roma, moças fermosas, & chocorreiras, que m'as daua Miluo a escolher.

CESARIA Õ.

E queres que andemos assi, de Miluo pera Guiscarda, & de Guiscarda pera Miluo?

ANTONIO TO.

Naõ sabes o que dizem? quem se muda Deos ajuda.

CESARIA Õ.

Quem pudeffe?

ANTONIO TO.

Daqui a dous dias quererás morrer outra vez, antes morre agora: pera que he comprar taõ caro, taõ pouco tempo, & mais de tal vida?

CE-

CESARIA Ó.

Affeguremos melhor nossas cousas desta vez.

ANTONIOTO.

Que segurança de Guiscarda?

CESARIA Ó.

E eu tambem da minha terey mais comedimento.

ANTONIOTO.

E da sua , que não aja nenhum?

CESARIA Ó.

Tambem que faraó? veslhe tu outras rendas?

ANTONIOTO.

Ah , ah , ah , vens afiado das mãos de Guiscarda : quem se tomará contigo?

CESARIA Ó.

Naõ te busquey pera desputarmos : mas pera buscarmos remedio.

ANTONIOTO.

Naõ conheces teu pay como he duro? & mais anda já sobre auiso. Sabes quanto? disse ja a tua mãy , que não auia Guiscarda de ser sua herdeira.

MARIO.

Nem minha a poder que eu possa.

CESARIA Ó.

E eu Antonioto , que ey mister pera depois de minha vida?

ANTONIOTO.

Hum grande epitaphio de morte taõ honrada.

MARIO.

Tem razão.

CESARIA Õ.

E tu zombas , & ris : mal por quem não pode.

ANTONIOTO.

Com quanto me segurauas oje , que nunca mais , bem me parecia tudo vento , por isso deixame ir dar vista a alguns laços , que tenho armados. E mais não queria que a tal tempo nos acertasse teu pay de ver juntos , mandame ás más oras , & caçarey.

CESARIA Õ.

Vay , & não tardes.

S C E N A VI.

MARIO SÓ.

QUE sospeitosos juyzes fomos todos nos nossos interesses : parece agora muyta razão a Pomponio , que metta eu em tal fogo a filha juntamente , & a fazenda : ainda se os nossos casamentos fossem como os antigos , menos mal: que se faziaõ , & desfaziaõ taõ breuemente. Mas agora que só a morte os póde apartar , digouos que me requiere dura coufa. E mais não me deixando a fortuna al , em que possa salvar esta casa , se aquella filha não. Hum filho me leuou na sua meninice : & polos acontecimentos em que se perdeo , huns annos tiue algũa esperança : mas j'agora a filha me

con-

conuem d'agafalhar o melhor que poder , & polo filho deixar de sospirar mais , & que seja o esteo fraco pera o tal peso , que fará quem naõ tem outro ? Antonioto torna com sua ama, affaz tenho sabido do negocio , naõ quero saber mais.

S C E N A VII.

ANTONIOTO. FAUSTA.

ANTONIOTO.

MOLHER sanctissima.

FAUSTA.

Muito mais ainda do que dizias.

ANTONIOTO.

Eu vou sempre assi attento , & queria que se achasse antes mais que menos.

FAUSTA.

Menos dizes? como se tiveras dito de cem partes hũa.

ANTONIOTO.

Em que fallastes tanto?

FAUSTA.

Tanto? & a mim pareceme que foy hum sonho.

ANTONIOTO.

Sabes que sonho? que se foraõ as beguinhas , & disseraõme que ellas teriaõ cuidado.

FAUSTA.

Estaua como fóra de mim.

AN-

ANTONIOTO.

Grandes segredos faberias, que nós outros cá não alcançamos.

FAUSTA.

Nunca tal cuidey de ouvir neste corpo peccador?

ANTONIOTO.

Em que fallastes, se he pera dizer?

FAUSTA.

Em muitas cousas sanctas: se as comadres conheciaõ hũas ás outras lá no outro mundo.

ANTONIOTO.

Que te disse?

FAUSTA.

Que era coufa muito certa.

ANTONIOTO.

E a mãy ao filho não, nem o filho á mãy?

FAUSTA.

Que me dirás a isso?

ANTONIOTO.

São segredos grandes.

FAUSTA.

Porém prometteo de me ensinar hũa de-
vação pera conhecerem tambem os parentes.

ANTONIOTO.

Bemaventurada tu, & polla ventura fabe-
rá outra pera os amigos?

FAUSTA.

Pois que cuydas:

ANTONIOTO.

Ficarieis grandes amigas:

F A U S T A.

Mais que irmaãs :

A N T O N I O T O.

He verdade que vaõ as almas em romaria
a Sanctiago.

F A U S T A.

Huy , muyto certo : as que lá naõ foraõ em
vida.

A N T O N I O T O.

Affi dizem aqui estes Iudeus , que haõ d'ir
a terra da promissaõ em morte por debaixo da
terra , foçando como topeyras.

F A U S T A.

Por isso quem lá poder ir na vida.

A N T O N I O T O.

Antes a meu parecer ferá melhor depois.

F A U S T A.

Porque cuytada de mim ?

A N T O N I O T O.

Porque , aquella estrada que vemos de noi-
te , naõ tem tantas encruzilhadas , nem tantos
ladrões.

F A U S T A.

Bom he pagar co'as diuidas.

A N T O N I O T O.

E farseha com muyto menos custo , & tra-
balhos : sem passar pollo máo gasalhado de Por-
tugal , nem polas çugidades de Galliza.

F A U S T A.

Tudo isso sam trabalhos do corpo.

A N T O N I O T O.

Que te disse da caldeira de Pero Botelho ?

FAUJ-

FAUSTA.

Deos nos guarde, que estão ahí sempre tantos inimigos com ganhados.

ANTONIOTO.

Como tripeiras na praça, & frades na enuolta?

FAUSTA.

Guardeos Deos de mal.

ANTONIOTO.

Affi os pintaõ com suas coroas. E Ioaõ despera em Deos?

FAUSTA.

Vio, & falloulhe: parece-me que em Grecia, & nunca mais ria.

ANTONIOTO.

He verdade do pesadelo, que tem a maõ furada?

FAUSTA.

E pois que cuydas? muyto mal se faria logo, se tal naõ fosse: tambem me ensinou a sua deuaçaõ.

ANTONIOTO.

Degradaõ lá pera o mar colhado?

FAUSTA.

Ay Antonioto em vida, & em morte.

ANTONIOTO.

Em vida tambem? Fazme isso cuidar em teu filho, que naõ parece aquelle dias ha.

FAUSTA.

Muyto fallamos sobre isso. Diz que pode muyto bem ser; quanto á villa, andar aqui,

&

& estar lá degradado : delles mettidos até a cinta , delles até o pescoço.

A N T O N I O T O .

Ey medo segundo teu filho anda.

F A U S T A .

Prometteome de fazer sua oração por elle.

A N T O N I O T O .

Por te dizer a verdade , isso não me satisfaz muyto.

F A U S T A .

Porque Antonioto?

A N T O N I O T O .

Porque he costume destes priuados , podendo quanto querem , dizerem sempre eu fallarey.

F A U S T A .

Ella m'õ disse com tal graça que eu fiquei contente.

A N T O N I O T O .

Dáo logo por feito. Somos em casa.

F A U S T A .

Depois fallaremos mais de vagar , não desconta disto a ninguem.

A N T O N I O T O .

Descansa. Ó graças deste mundo , não sey como me pude ter ao riso por vczes fuy abalado de maneira , que dey a negociação toda por perdida , mas ella não atentaua , nem via , nem ouuia , que tão occupada vinha do espirito. Essas vos digo eu que são graças , que não as dos truães frios , qu'estão toda a noite estudando em tuas sensaborias. Ó que leue cousa he,

he , enganares a quem defeja de te crer. Guar-
deme Deos daquelle cabeçudo de noſſo amo ,
que por mais que lhe digais , & jureis , ſem-
pre eſtá dando á cabeça. Eſta ſi que não du-
uida. Ó que dias agora ha de leuar , nos ſeus
ajuntamentos com aquellas ſuas comadres , que
ha de conhecer no outro mundo. Deos nos
valha , que as outras não ha taõ pouco de
querer trazer alli ſuas lingoas ocioſas. Ó ſe-
nhor , que ajuntar de cabeças , que reuoluer
d'olhos , que bolir de beiços , que affiar de lin-
goas , que hũa não dá lugar á outra. Cuydais
que ſe eſcuytaõ ? a prepoſito , eſtaõ ſempre
eſperando tempo pera tomarem a maõ , depois
não a querem perder taõ aſinha. E aquella
vem alli mais rica , que traz mais fortes caſos
pera contar. Que couſas dirá agora noſſa ama ?
& que enueja lhe haõ d'auer as outras ? En-
taõ eſtes ſeus maridos que nos governaõ , mais
barbudos que os hermitãos dos montes hermos,
ſaõ enfim governados por ellas. Quantas cou-
ſas tenho oje pera fazer.

ACTO III.

SCENA I.

MILUO. VILHALPANDO CAPITAÕ.

MILUO.

QUE o naõ digo por me estar gabando,
mas quem as manda todas, & as gouer-
na fenaõ Miluo?

VILHALPANDO.

Assi me dizem, que ja venho a ti por fa-
ma.

MILUO.

Que te differaõ de minha fé, e diligencia.

VILHALPANDO.

Milagres.

MILUO.

Naõ poderas topar em toda Roma com ho-
mem que te assi auiaffe, & defenganasse.

VILHALPANDO.

Nem tu com quem te assi pagasse: que estes
clerigos todos saõ auarentos.

MILUO.

Naõ pera estas obras de misericordia corpo-
raes.

VILHALPANDO.

Enfim naõ te has de queixar de minha com-
panhia.

MIL-

MILUO.

Sabes em que as senhoreo ? feylhes todos seus segredos.

VILHALPANDO.

A la fé que li vay o ponto : susponhamos-lhe as mãos , do mais remetamonos ás obras.

MILUO.

Que não ay tais testemunhas.

VILHALPANDO.

Aquellas são as casãs , mas vejo tudo fechado.

MILUO.

Oh em Aurelia a Bolonhesa me fallas.

VILHALPANDO.

Que olhos ? que chameirão mais de dia que as estrellas de noite.

MILUO.

Taõ boas são as mãos ?

VILHALPANDO.

Diuinas , aluas como a neve , compridas , as vnhas longas , & coradas.

MILUO.

Assi cação ?

VILHALPANDO.

Queriafeme outem lançar da janella abaixo : oje vejo tudo fechado.

MILUO.

'Tem suas occupações , nas cousas das mo-theres não has de ser muyto especulatiuo.

VILHALPANDO.

Ó que boca , ó que riso , ó que graça,

MILUO.

Em superlatiuo gráo , mas a lingoa?

VILHALPANDO.

Como ?

MILUO.

A da mãy digo , que damna tudo , he hũa
ferpente.

VILHALPANDO.

Encantemola.

MILUO.

Assi he necessario. Mas com que ?

VILHALPANDO.

Com palauras brandas , & auifadas.

MILUO.

Cerralhe os ouvidos.

VILHALPANDO.

Seja com algũa feytiçaria.

MILUO.

Traz defensiuos.

VILHALPANDO.

Ou com muyto de comer , & beber.

MILUO.

Faz todos seus partidos em jejum.

VILHALPANDO.

Com dadiuas ?

MILUO.

Esse ponto me lee , e toda a casa he nos-
sa.

VILHALPANDO.

Sobr'isso farei inda hũa gentileza com ellas.

MILUO.

Que tal ?

VILHALPANDO.

Mandarthey húa Esparfa de perlas.

MILUO.

Segundo a velha he toda gentil.

VILHALPANDO.

Esta vossa Roma toda se reuolue em dinheiro.

MILUO.

Somos assi partios.

VILHALPANDO.

Quebrarey dez lanças d'armas no canto daquella sua casa.

MILUO.

Hum Roldaõ.

VILHALPANDO.

Lançarmey em terra , & erguermey armado de ponto em branco.

MILUO.

Quem fez nunca tal !

VILHALPANDO.

Saltarey em hum cauallo sem pór pé na estribeira.

MILUO.

Ligeireza.

VILHALPANDO.

Bafordarey por cima daquella torre.

MILUO.

Galantarias ?

VILHALPANDO.

Correrey a cavallo em pé na sella.

MILUO.

E se elle embicar ?

V I L H A L P A N D O .

Lançarmey fóra como húa aue voando.

M I L U O .

Graças que Deos dá às pessoas.

V I L H A L P A N D O .

Mas pois não querem fenaõ dinheiro , que lho demos.

M I L U O .

Creme , que este he o mais certo caminho.

V I L H A L P A N D O .

Parecete esta boa moeda ?

M I L U O .

Muytos destes me podiaõ fazer grande fenhor.

V I L H A L P A N D O .

No spiritual , & temporal. Mas espera pedirey aqui papel , & tinta , & irá tambem a Esparfa de companhia.

M I L U O .

Aqui te espero , que as matarás d'amores.

S C E N A II.

A N T O N I O T O . M I L U O . V I L H A L P A N D O .

A N T O N I O T O .

FALLEY com a conuertida , não se pode crer o seu spirito. Vrdimos nossa tea , agora ha de vir hum hermitaõ darlhe os fios , não me parece elle muito sufficiente , mas não ti-

O ii

nha-

nhamos outro : he este Miluo ? Deos te salue.

MILUO.

De homens ociosos , & sem proueito.

ANTONIOTO.

E tu que fazes agora assi estando ?

MILUO.

Mais do que tu cuydas.

ANTONIOTO.

Sempre fazes casos.

MILUO.

Espreita , & veloshas , se me não cres.

VILHALPANDO.

Naõ te fiz perder muyto do dia.

MILUO.

Naõ acharias auimento.

VILHALPANDO.

E tu cuydauas que era eu como estes Poetas , que andaõ sempre fallando configo , & carcareaõ mais hum verso , que hũa galinha o seu ouo.

MILUO.

Es prestes d'engenho.

VILHALPANDO.

Naõ faõ deffes , em dizendo , & fazendo está prompto.

MILUO.

Com quantos sentidos me Deos deu.

ANTONIOTO.

Maluado que me está dando d'olho.

VILHALPANDO.

Hercules que la Serpienta
Hidra mató sin temores,
Tuuiera gran sobreuienta
En vos requestar d'amores.

MILUO.

Que alto , que heroyco começo , inuen-
tiuio , rodante , accommodado ao proposito.

VILHALPANDO.

Quan fuera de cartas , y coplas para reque-
rir nuevos amores , torno do começo.

MILUO.

Dize que estou fóra de mim.

VILHALPANDO.

Hercules que la Serpienta
Hidra mató sin temores,
Tuuiera gran sobreuienta.
De vos requestar d'amores.

MILUO.

Ay , ay , ay , ay , ay. Que farey.

VILHALPANDO.

Jupiter el falso Dios
Amor transformolo en Toro ,
Amor transformolo en oro
Como agora a mim por vós.

MILUO.

Altissima , fantissima , argutissima. Aludin-
do por derradeiro ao nome de Aurelia.

VILHALPANDO.

Quanto folgo de me assi entenderes.

MILUO.

Estou fóra de mim.

VILHALPANDO.

Mas tudo isto he perdido em Roma.

MILUO.

Porém em Roma ha Aurelia.

VILHALPANDO.

Bem disseste. Ora estás auiado, negocioea, que eu vou entender em certas differenças.

MILUO.

Vay, & descanfa : mas dasme licença que tome o treslado ?

VILHALPANDO.

Naõ por agora, depois bem se fará tudo.

MILUO.

Que te parece Antonioto ? perdia estando tempo ?

ANTONIOTO.

Grande homem tens entre as mãos.

MILUO.

Naõ vias como se entoaua.

ANTONIOTO.

Todos os Poetas assi são enfeitigados com suas coufas.

MILUO.

Ténhome com este ouro, que a todos contenta.

ANTONIOTO.

A bons são os escuydos. Voume, que naõ he tempo de ter pontos contigo, que tens tais armas d'avantagem.

MILUO.

Foife, que me matem se este tambem naõ jaz nas redes de Guiscarda. He ella que vem acol-

acollaa ? effa mefina : aquell'outro he Cefariaõ, rofto fazem hum pera o outro.

S C E N A III.

G U I S C A R D A . C E S A R I A Õ . M I L U O .

G U I S C A R D A .

PASSAREI fegura ?

C E S A R I A Õ .

De quem Guiscarda ?

G U I S C A R D A .

D'aquellas tuas ameaças.

C E S A R I A Õ .

Tudo me esquece quanto deuo de fazer naõ fey , porque m'õ lembrás.

G U I S C A R D A .

Naõ queres que teina de quem me affi ameaça ?

C E S A R I A Õ .

Naõ he por iffo , mas polo muyto que me tens errado.

G U I S C A R D A .

Senaõ queres al de mim , voume , que fe-naõ negoceaõ affi as coufas , que muyto releuaõ. Digote que dormes , & naõ dormem outros.

M I L U O .

E mais com tal moeda na maõ.

CESARIA Õ.

Dormir dizes? não sabes tu que tens mudado o costume aos meus olhos?

GUISCARDA.

De que maneira?

CESARIA Õ.

Que todo aquelle tempo que fohiaõ de dormir, agora choraõ.

GUISCARDA.

E de que serve? vigia, e negocea.

MILUO.

E mais pera que medranças.

CESARIA Õ.

Sempre hei de negocear? té quando?

GUISCARDA.

Sempre has de querer mais de nós? té quando? Se te não aprazemos já, amigos como d'antes.

CESARIA Õ.

Que pouco mais ou menos, toda he hũa mesma amifade.

GUISCARDA.

Enfim es casado, vaite pera tua molher.

CESARIA Õ.

Casado? e quem me quererá a mim desta maneira?

GUISCARDA.

Mancebo, gentil homem, hum filho só d'um pai muito rico, & muito velho: es pera engeitar.

CESARIA Õ.

E porém assi sou engeitado, & lançado fóra dessa casa.

GUIS-

G U I S C A R D A .

A qual casa fazes conta , que se não pode ter de sospiros.

C E S A R I A Ó .

Os meus appetitos vos poseraõ neste estado.

G U I S C A R D A .

Que passem abrindo a mão , & çarrando.

M I L U O .

Pratica coffaira.

C E S A R I A Ó .

Depois que me ouvestes as mãos a triste da minha alma , & o triste de meu coração , engeita sine o corpo , & quere sine assi deixar morrer.

G U I S C A R D A .

Tu fararás.

M I L U O .

Como falla ousada , porque não tem narizes.

C E S A R I A Ó .

Assi que me não dás remedio nenhum.

G U I S C A R D A .

Pedesme o que não tenho pera mim.

C E S A R I A Ó .

Nem esperança.

G U I S C A R D A .

Enfim dirtei huma verdade , a nós comprehenos viuer como nossas visinhas , que todas tem amigos certos , himos ja çarrando nossa conta , no lugar que ainda fica não engeitaremos a ti tanta por tanto polo amor que te temos. E oje aja tua reposta , que não que-
re-

remos mais estar por este partido de bem te farei.

CESARIA Ó.

E muito menos por de bem te fiz , segundo me ora parece.

GUISCARDA.

Sabes , aquella necessidade que tenho me não daa vagar , nem o posso dar a ninguem.

MILUO.

A tempo vem logo os escudos do Sol.

GUISCARDA.

Estamos assi a ventura , não ves tu tantas fermosas polas janellas , & tantos ociosos pelas ruas ?

CESARIA Ó.

E a todos esses tu queres metter em casa ?

GUISCARDA.

Mas a todos esses tu queres que çarremos a porta por amor de ti.

MILUO.

Naquillo tem razaõ , a fallar verdade.

CESARIA Ó.

Ora dize , pois minha mofina assi o quis , que quinhaõ ferá o meu concertandonos.

GUISCARDA.

Terás tua noyte na semana.

MILUO.

E naquillo tambem comeo muito , que lo metter em dieta.

GUISCARDA.

Se fores nesse conhecimento.

CESARIA Õ.

Do que me queres vender como a mouro ,
ou a judeo , ou de que.

GUISCARDA.

Ainda tu es taõ aprendiz , que naõ enten-
des as auantagens dos feruidores novos : que
saõ taõ apraziueis , a toda a casa querem con-
tentar , até os cães , & os gatos.

CESARIA Õ.

Enfim o vencido , por força , he que viua
polas leis do vencedor , pois assi he que aue-
mos de entrar ao escote , carniceiro alça o cu-
tello , & reparte.

GUISCARDA.

Olha naõ me chames depois carniceira de
verdade.

CESARIA Õ.

Foyse ? voume enforçar , estes foraõ os per-
dões.

MILUO.

Como Cesariaõ he moço : quero dizer como
Cesariaõ he paruo , que ainda naõ sabe que
era o que auia de pedir os perdões. Que presta
a velha leua , voume depos ella.

S C E N A III.

G U I S C A R D A . M I L V O . A U R E L I A .

G U I S C A R D A .

AINDA a porta não era bem çarrada ja batem ,
que máo officio ferá o de porteiro dos frades.

M I L U O .

Ta , ta , ta.

G U I S C A R D A .

Ou he algum doudo , ou algum priuado.
Ah bem diuinhou eu.

M I L U O .

Que ençarramento he este.

G U I S C A R D A .

Não sabe homem quem lhe quer mal.

M I L U O .

Quem ha de querer mal , a quem não faz
mal a ninguem.

G U I S C A R D A .

Affi he elle se nos valesse , mas que man-
das ?

M I L U O .

Com que preffa te macolheste , ainda tu tens
boas pernas.

G U I S C A R D A .

Trazemme como dizem as raparigas de
cantaro. Mas cumprete de nós algũa cousa ? que
ja sabes como tudo he teu.

MILUO.

Renego deste tudo , que nunca segura nada : mas ay por ventura occupaço , ou como te me atraueffas alli diante.

GUISCARDA.

E mercadoria te parece a desta casa pera estar as moscas.

MILUO.

Vou logo auante , que não ha hi peor negoceaço que a sem tempo.

GUISCARDA.

Naõ me tens aqui ?

MILUO.

Eu buscaua Aurelia.

GUISCARDA.

Que lhe querias ?

MILUO.

Nada , não sey que trazia nesta manga quifera conuidar.

GUISCARDA.

Es feruidor de capello.

MILUO.

Esse máo , tirte lá que não he pera ti.

GUISCARDA.

Ah , ladraõ , que bons escudos : onde os furtafte ?

MILUO.

Na casa da moeda.

GUISCARDA.

Nouos d'agulha , queres que a chame.

MILUO.

Naõ , se está occupada.

GUIS-

G U I S C A R D A.

Huy , que occupação pode auer pera ti ?

M I L U O.

Ferida vay , estes faõ os tiros do ouro
que dizem os Poetas de feu Deos do amor.

A U R E L I A.

Quem he este meu seruidor , que nas boas
horas seja. Tu eras ? olhay os amores , que
ha mil annos que me naõ vio , naõ te quero
fallar.

M I L U O.

Entaõ de que viuirey eu ?

A U R E L I A.

Si , tolhesme a vista tantos dias ha , razaõ
feria que te tolheffe eu agora a falla.

M I L U O.

Ora por passar estes aggrauos , lancemos
hũas sôrtes.

G U I S C A R D A.

Que tais ?

M I L U O.

Tenho neste punho hũa peça , neste ou-
tra.

A N T O N I O T O.

Naõ aja bulra.

M I L U O.

A fé que naõ , quem acertar á melhor a
sua ventura lhe valha.

G U I S C A R D A.

Esta seja a minha.

A U R E L I A.

E a minha es'outra.

MIL-

M I L U O .

Primeiro vejamos a que tomaraõ primeiro.
Esparfa feita em louvor da senhora Aurelia por
hum grande seu feruidor.

G U I S C A R D A .

Seja logo sua : vejamos es'outra.

A U R E L I A .

Isto si , esta he a minha.

M I L U O .

Espera , que ainda sobr'isso ha muyto que
fazer.

A U R E L I A .

Faze conta que os viste.

M I L U O .

Estás logo bem , que tens por onde pagar.

A U R E L I A .

Naõ faõ mais de dez escudos , quanta ora
por taõ pouco. Vejamos a Esparfa.

G U I S C A R D A .

Que iguaria pera enfastiados.

M I L U O .

Lá fallaremos dentro.

A U R E L I A .

Entra minhas barbinhas d'ouro , minhas per-
las , que vem gente.

S C E N A V.

APOLONIO HERMITAÕ. ANTONIOTO.

A P O L O N I O .

POR aqui ha de ser segundo a informaçaõ, ey de esperar piloto que me nauegue.

A N T O N I O T O .

Torno a guardar aquelle Hermitaõ , o que azemel taõ pesado da redea , de quaõ prestes he a grega.

A P O L O N I O .

Dominum , Dominum , Dominum .

A N T O N I O T O .

E porém as vezes assi carrancudos , & de má graça enganaõ mais.

A P O L O N I O .

Dominum , Dominum meum , Dominum meum .

A N T O N I O T O .

E os agudos que querem dar razaõ a tudo , as vezes se perdem.

A P O L O N I O .

Conturbatus , conturbatus .

A N T O N I O T O .

Este he bom vem , como dizem , em habito , & tonsura.

A P O L O N I O .

Abrenuntio , abrenuntio , abrenuntio .

A N T O N I O T O .

Apolonio deixa de rezar , & escuta.

APO-

A P O L O N I O .

Naõ pode homem em Roma acabar hũa oraçaõ em paz , por isso he melhor estar soo na minha lapa.

A N T O N I O T O .

Ah , ah , ah , que tambem me quer enganar a mim.

A P O L O N I O .

Ó ! tu eras : naõ te conhecia ; como está a casa ?

A N T O N I O T O .

Vosso amo repousa , nossa ama te espera.

A P O L O N I O .

Bem está.

A N T O N I O T O .

O que logo poderes recadar , naõ o deixes pera depois.

A P O L O N I O .

Mas deixalohia pera dia de Sã Circijo.

A N T O N I O T O .

Espanta , apanha , & despachate.

A P O L O N I O .

Bem te ouço.

A N T O N I O T O .

Se te enquererem muito , fazete agastadiço , & de poucas palauras.

A P O L O N I O .

Tudo me lembrará.

A N T O N I O T O .

Aquella he a casa , vay muito em hora maa.

A P O L O N I O .

Maa seja pera ti.

ANTONIO TO.

Quem anda neste mundo em seu habito, nem em seu proprio rosto ? de alguns Religiosos sahem enganos, dos Regedores as desordenanças, dos letrados as cautelas, assi como das boticas as peçonhas. E como dizem, os beleguines são os que roubaõ a cidade. De que fazem em Roma os officiaes taeis quintas ? quem sabe de nossa casa ? o velho he em outro posto, esperarey o Hermitaõ a tornada, que ja sabe onde ha d'acudir.

S C E N A VI.

P O M P O N I O S Ó.

ESTA minha casa toda anda trouada, a mulher dentro em puridades, fóra em deuações, não sey que negoceaõ todos, que assi se velaõ de mim, em parecendo logo mudaõ a pratica, & todos se acenaõ. Quando auiamos mister mil olhos, & mil ouuidos pera nos valermos de tanta gente, entaõ perdemos o ver, & ouir. Quando nos eraõ mais necessarios os pés, & as mãos, entaõ, nem os pés vos podem trazer, nem defender as mãos; sobre tudo crescem os negocios; & trabalhos, falecem os passatempos. Soya a ser, que ao erguer da cama pedia de vestir, pera ver, & conuersar, & agora tremo, & parece-me que peço armas pera sayr a pelejar. Ó grande natureza como foste taõ bandeira por parte dos começos das
cou-

coufas , com os meninos todo mundo folga , té as fuas fenfaborias se lhes tornaõ em graças. Ao contrario com os velhos , todos se enfa-daõ , todos se carregao , antes que passemos desta vida já começamos d'assombrar. As men-hãs de seu natural são graciosas , as tardes tristes. E como disse aquelle grande nosso Ro-mão as mais das gentes fazem sua oração pera onde o Sol nasce. O porque ás vezes me fale-ce a paciencia , assi he ver os meninos em tao pouco tempo duas vezes dentes , & a nos que nos desemparem assi em tempo de tanta neces-sidade , valnos alguma experiencia que alcança-mos com os dias , por onde assi passo , como andamos trilhamos longe : por ventura serey eu oje tal com meu bordao , que por isso di-zem que sabe o diabo muyto.

S C E N A VII.

MILUO só.

A VERDADE , & mais no teu officio te enco-mendo sobre todas as coufas , os tafuis rouba-raõ em outra parte , por pagarem fielmente o que fizeraõ bom sobre sua palaura. Logo a ti torno , ja çarrou a porta , não vejo ninguem , que farey ? com quem fallarey este segredo tamanho que me não descubra ? Onde acharey eu agora hum mudo , & que ouuisse , pera que pudesse desabafar com elle. Ó velho paruo de Miluo , que te nasceraõ os dentes em Florença , & ago-

ra te caem cada dia em Roma, tornares affi de nouo a engatinhar. Cuydey, que ao menos neste mister das molheres, pola longa experiencia, que ja tinha descuberto tudo. Velho tollo, outra vez, & muytas: que oje neste dia tornas a entabolar o teu jogo de nouo. Cuydey hum tempo que valia com ellas inocidade, auiso, nobreza, boas manhas, bom parecer. Naõ tardou muyto que mudey a opiniaõ, & cri outros dias que tudo estaua em diligencia, azos, conuerfaçaõ, terceiras ás orelhas. Fuy mais auante, affirmeyme: que o segredo estaua em dadiuas, & que tudo o mais era o vento, & nisto affentey. Entaõ tinha grande passatempo com estes requebrados, mortos d'amores, aqui cayrey, alli cayrey sem hum só real na bolsa. Agora ja no cabo da vida venho fóra de mim, com a nossa Aurelia, moça ferinosa, taõ estimada nesta corte: olhay quem escolheo em toda ella? des que rimos, & chocarreamos deylhe todas minhas contas sem me terem de nada, fenaõ quando supitamente finto na moça mudança de cores, e de palauras, posto que diffimulaua a todo seu poder, nisto a velha deyxounos, ella contra mim toda demudada disse. Miluo a estreyteza do tempo naõ soffre mais, mas se algũa ora ouueste d'algũa coufa piedade, seja agora de mim. Moça cuytada, morta d'amores em poder de taõ cruel mãy como sabes, sem oufar de o descobrir nunca a ninguem fenaõ agora a ti. E dizendo isto, as lagrimas que

cõrriaõ em fio dos seus olhos como de hũa fonte : finalmente morre d'amores por hum rabanas Espanhol , negro , crespo , narigaõ , que hum destes dias andou ás cutiladas diante da sua porta com outros tais , em que ferio , & foy ferido. Diz que nunca vio cousa taõ fermosa , como andaua cheo do seu sangue , & do alheo. Ó Senhor Deos , a mim que o conheço , mas aprouelhe : hi lá , & pondeuos em razãõ com os appetites , era aquella a sua ora entãõ concluyo assi. E pois agora a boa dita trouxe tal occasiaõ , naõ sejas tu só o que me faleças. Minha mãy naõ conhece este teu Vilhalpando , nem est'outro taõ pouco , ambos saõ Espanhoes , leuemente pode passar hum polo outro. Vay a este meu , & de minha parte dalhe todas estas contas : dizelhe que faça muyto por ser esta noite o primeiro ao entrar, do mais deixe o cuidado a mim. E se alguns passos te foraõ neste mundo bem pagos , estes seraõ como resgate de minha vida , que te ponho nas mãos. Mas se fores taõ cruel , que te naõ vençaõ meus rogos , & lagrimas , lembrete a que defatinos as vezes obrigam as tamanhas magoas. A este ponto a mãy que tornaua : ella toda risonha , alimpou o rosto como de fuor ; entãõ metteome o lenço no seyo como gracejando , eu tambem dissinuley. Este he o lenço , ainda com os sinaes das lagrimas : mas que vem nesse atado ? ó que galante anel melhor muito que as lagrimas. Ó maluada pera me mais obrigar. Pareceuos se o diabo em cujo

jo feruiço ando me arma boas armadilhas. Se cumpro com o meu Capitaõ , logo o acutiladiço hê comigo , se com elle que farey a est'ou-tro ? que ey assi de fazer sennaõ guardar muy bem o anel a elles enuiallos lá esta noite am-bos , sua ventura lhes valha dos negocios taõ empeçados , naõ se pode homem desenuol-uer limpamente , se bons caldos mexem , que tais os bebaõ. Ás molheres tudo se lhe soffre , a nós nada : cá vejo vir o meu Vilhalpando garganteando todo requebrado , prestes alem.

S C E N A VIII.

VILHALPANDO. MILUO.

VILHALPANDO.

AELHOS compadre a ellos , que ellos xabo-neros fone.

MILUO.

Ia cuyda que os leua todos de vencida.

VILHALPANDO.

Que nunca vi xaboneros vender tambien su xabone.

MILUO.

Querolhe fallar : & mais ainda fobre tudo tal melodia de garganta.

VILHALPANDO.

Ó Miluo onde estaua eu que te naõ via.

MILUO.

Em outra parte.

VILHALPANDO.

Dizes verdade. Pois ainda este ençarramento dura?

MILUO.

Eu quebrarey todos estes encantamentos: mas que xaboneros eraõ aquelles.

VILHALPANDO.

Ah, ah. Ouviſte? vay homem assi ás vezes cuydando em al.

MILUO.

Eu te olho com tais olhos, que naõ fazes, nem dizes couſa ſem fundamento.

VILHALPANDO.

Bem me tomaste o pulſo, hia cuydando neſtes clerigos perfumados, que ricas aljubas vestiaõ.

MILUO.

Que taes rendas comem?

VILHALPANDO.

Quererem tambem Clerigos ter corte, & damas!

MILUO.

E tudo o mais tem por hum pouco de vento.

VILHALPANDO.

Nosoutros com arcabuzes ás costas aqui ficamos dez mil, alli os vinte mil, & Roma ſempre em ſeus prazeres. Deixa que ſeu dia lhe virá como a ſeus vezinhos.

MILUO.

He hum couto do mundo.

VILHALPANDO.

Nós o deuaßaremos cedo : sem tanto efcreuer cá , efcreue lá , cursores vaõ , cursores vem , com fuas varinhas na maõ de mais que as que chamaõ de condaõ.

MILUO.

He huma cidade de paz.

VILHALPANDO.

Tanto melhor achalaemos chea como colmea , & crestalahemos.

MILUO.

Milhor o fará Deos?

VILHALPANDO.

E visitaremos Roma a noua , & Roma a velha outra boa gente , onde naõ vedes mais de Romãos que o nome , e a soberba da barba alçada : deixa que nós lha abaixaremos.

MILUO.

Naõ curemos ora do por vir , fallemos do presente.

VILHALPANDO.

Atraueßoufe est'outra pratica , que me leuantou a colera : mas que tens feito?

MILUO.

Tudo está por ti,

VILHALPANDO.

Naõ podia menos ser segundo o que nella ontem vi.

MILUO.

Como lhe dey os finais , naõ ouue mais que fazer.

VILHALPANDO.

Parece que lhe não esquecerão ?

MILUO.

Té do penacho que era branco.

VILHALPANDO.

Logo vos os olhos dizem o que tendes nas molheres.

MILUO.

Diz que nunca vio homem a que tambem estiueffe espada na cinta.

VILHALPANDO.

Qué diria se m'a visse na mão , & que disserão da Esparfa ?

MILUO.

Essa acabou de fazer o campo franco.

VILHALPANDO.

Que certo atalho , he o bom auiso em todas as cousas.

MILUO.

Mais certo foi o das cutiladas do outro.

VILHALPANDO.

Que diziaõ ?

MILUO.

Gabauaõ aquella entrada taõ alta.

Hercules que la serpienta , &c.

VILHALPANDO.

Naõ ha cousa que mais obrigue , que os exemplos : que apontou mais ?

MILUO.

Mil primores.

VILHALPANDO.

E porém nomeadamente ?

MIL-

MILUO.

Aquelle passo diuino , amor transformolo en oro , como agora a mim por vós.

VILHALPANDO.

Logo te ficou na cabeça.

MILUO.

Pera que te ey eu de negar a verdade , seja de cór?

VILHALPANDO.

Que xaque te pareceo esse em descuberto ao nome de Aurelia.

MILUO.

Com que ganhaste a dama.

VILHALPANDO.

Ah , ah , ah. Pois que lhe aguardamos mais ? não sabes que as molheres são vianda de fartaã , sopar , & comer ?

MILUO.

Façamos primeiro nossas coufas a recado , tu es appetitoso , & liberal , a velha falsa , & cobiçosa.

VILHALPANDO.

Eu curarey tudo como for em casa.

MILUO.

Deyxame por agora capitanear.

VILHALPANDO.

Que entendes fazer?

MILUO.

Hum contrato desaforado , porque viuamos : eu farey aquella velha ver as estrellas no meyo dia.

VILHALPANDO.

Logo assi no começo.

MILUO.

Deyxa effas culpas a mim , ja me declarey com ella. Que menino Miluo , o tempo ao dar do dinheiro he nosso , ajudemonos delle.

VILHALPANDO.

Parece outra mercadoria ?

MILUO.

Esta he a mais duuidosa em Roma , por isso faze que não entendes , que eu vigiarey , vou fazer meu contrato.

VILHALPANDO.

Vay , & torna com tempo.

MILUO.

Logo faõ contigo. Agora me cumpre ainda mais este contrato que nunca , por me salvar de sospeitas : voume em busca do das cutiladas , que não he pera brincar com o enfiamento , & determinação daquella douda. Assi começarey de andar de Vilhalpando em Vilhalpando.

A C T O III.

SCENA I.

FABIANO só.

VI Hippolita , mas que he aquillo que eu vejo nos seus olhos , certo isso que elle he ,
naõ

naõ o vé outrem ninguem fenaõ eu , & assi eu só som o que viuiria de sua vista sem outro mantimento nenhum. Todos sabemos que as esmeraldas saõ de grande preço , mas poucos alcançaõ suas differenças. Estas estatuas antigas quanto que as prezaõ aqui , & em toda Italia : as outras gentes naõ querem sómente olhar pera ellas. Donde podemos julgar , que outra vista ha mais certa em nós que a dos olhos. Quem acaba de ver aquella diuidade de Hippolita ? quem o seu spirito em quanto ella diz , e faz ? quem a sua mansidaõ , de muyta mayor força que todas as armas do mundo ? quem o seu calar taõ cheo de entendimento ? Finalmente aquillo que eu naõ sey dizer , quem he o que vé ? & mais em terra de vistas taõ occupadas. Certo quanto a mim mais me faz crer Hippolita que senhoreou esta sua terra o mundo todo , que naõ o que lemos della , nem o que vemos deffes seus theatros. Thermas , arcos triunfais , o que tambem me faz mais espantar destes mancebos Romãos lançados assi todos os amores das cortesaãs , que enfim saõ molheres publicas , deyxando as suas naturaes taõ fermosas , & honestas como desprezadas. Ó torpeza , ó descaymento daquelle sangue Romão , que taõ caras comprou as suas Sabinas. Mas vejo Antonioto , affadigado anda : como naõ andarã , se busca cousa taõ fugitiua como he o dinheiro.

SCENA II.

ANTONIOTO. FABIANO.

ANTONIOTO.

DIAS ha li que os homens não podem ir
auante com coufas que comecem.

FABIANO.

Estes são os mais neste tempo.

ANTONIOTO.

Isto chamaõ nadar, & nadar, & morrer á
Beira.

FABIANO.

Que em tais bancos de Frandes nauegas.

ANTONIOTO.

Té Cefariaõ, que busco pera lhe dar no-
uas, não o posso achar.

FABIANO.

Iará naquella casa.

ANTONIOTO.

Ó Fabiano, sabermehas dizer de Cesa-
riaõ?

FABIANO.

Oje o vi: & deue d'estar onde te disse.

ANTONIOTO.

Ia he de lá degradado, & não sey ainda
se pera todo sempre.

FABIANO.

Assi o fizesse Deos: que he hũa grande
quebra, e vergonha sua andar como anda.

AN-

ANTONIOTO.

Com tanta dór de feu pay , & de sua mãy.

FABIANO.

E dos seus amigos

ANTONIOTO.

Tendoo seu pay casado tambem por tantas vias.

FABIANO.

Em que parte ?

ANTONIOTO.

Elle t'o dirá , se t'o ainda não disse.

FABIANO.

Segredo he que todo mundo saberá cedo , se assi he.

ANTONIOTO.

Naõ he ainda coufa muyto certa.

FABIANO.

Assi duuidosa m'a has de dizer.

ANTONIOTO.

Leyxame , que vou de pressa.

FABIANO.

Naõ leyxarey , contama , e irás mais leue.

ANTONIOTO.

Isto he força ? chamarey aqui del Rey.

FABIANO.

Está longe , não te ouvirá.

ANTONIOTO.

A fé que me não descubras ?

FABIANO.

Como se fizeres húa coua na terra a que o dissestes.

AN-

A N T O N I O T O.

Nem effas não mantem segredo, olha que fio de ti.

F A B I A N O.

Dize seguramente.

A N T O N I O T O.

Com húa filha deste noſſo vezinho.

F A B I A N O.

Qual vezinho?

A N T O N I O T O.

Mario, que deues de conhecer.

F A B I A N O.

Com Hippolita?

A N T O N I O T O.

Não tem mais de húa, & aſſi cuido que ſe chama. Deyxame paſſar. Encostouſe Fabiano, & fica como paſinado.

F A B I A N O.

Antonioto não parece? cayraõme as mãos, foyſeme a viſta dos olhos, entretanto elle partito, & deyxoume morto, como dizem dos partos: ah fé boa, e ſancta amizade tão má de achar neste mundo, todo falſo, todo cheo de enganos, & maldades! Os ſegredos da minha alma, Ceſariaõ os ſabia todos: os ſeus ſabeos todo mundo ſenaõ eu, elle que m'os encubrio não foy ſem cauſa. Poderaõ tal ſofrer os tristes dos meus olhos? & ainda que daqui fuja, poderá o triste do meu coração ſofrer tal? Onde quer que elle vá eſtá ſó, he a dor que o pode matar, & ella me matará. Ah triste de mim, que nem aquelles meus

amores taõ limpos poderaõ ser sem fel , & sem lagrimas. Onde as irey encobrir que me assi descobrem ?

S C E N A III.

P O M P O E I O . S Ó .

QUE farey , onde me acoutarey ? aos amigos ? donde os acharey eu ? as casas d'oraçaõ ? & ahi que ha muyta hipocrefia ? a minha , & ella he toda posta em poder de meus inimigos. Estes eraõ os conselhos , & puridades ? nisto auiaõ de vir parar as deuações de minha molher ? té os hermitães do hermo me faqueaõ a casa ? se foraõ soldados aquelle he o seu officio , mas hermitães ? d'um descalço , barbudo , todo cuberto de seu capello , quem se auia de temer ? Despois culpaõ os velhos de sospeitosos. Que faremos a tanta maldade como cada dia vemos ? acertei de ver oje aquelle encapotado ao fayr de minha casa , logo disse antre mim. Naõ abastaua a este dia noue beguinias fenaõ ainda tal hermitaõ ? naõ me repousou o coração mais ; voume apos elle que taõ pouco naõ era muito defenuolto dos pés , a payxaõ me deu tambem boa ajuda. Finalmente entrou em hũa tenda de hum ouriuez , e começaua a tratar do preço de hum firmal de minha molher , que eu conheci de hũa legoa. Naõ tiue mais paciencia , lançome tambem dentro , & empolguey logo o firmal ,

bra-

bradando por justiça : magoado som porque me fugio o ladraõ , que a presa nas vnhas me ficou , caymos ambos na terra , naõ pude mais fazer. O ouriuez diz , que nunca tal hermitaõ vio , saluo aquella hora. Eu tambem se me dera mais de vagar , tresmalharaõme o firmal , entaõ citay , & demanday : antes naõ quero saber tanto do negocio. Porém se eu naõ erro em minhas contas , Antonioto he o trugimaõ. Mas por agora quero dissimular , & cobrar follego , que venho morto.

S C E N A III.

T R E F O . A N T O N I O T O .

T R E F O .

FALLANDO vay o velho consigo. Cefariaõ naõ parece , nossa ama reza : querome lograr do dia.

A N T O N I O T O .

Pera cá me disseraõ que vinha hum perdido , quem o achará ? vejo Trefo que sae de casa.

T R E F O .

Irey ver a justiça que se oje faz pomposamente , dizem que vay em hũa carreta rodeada de suas victorias pintadas : vejo Antonioto , o diabo o agora traz.

A N T O N I O T O .

Trefo , á Trefo : naõ ouues ?

TOM. II.

Q

TRE-

T R E F O .

A palauras loucas , orelhas moucas.

A N T O N I O T O .

Faz que não ouue , fabermeas dar nouas ?

T R E F O .

De quem , filho de dous roins.

A N T O N I O T O .

Deumas , mas foraõ de meu pay , & de
minha mãy. Torna cá.

T R E F O .

Teu auó marmelo torto : tenho al que fa-
zer.

A N T O N I O T O .

E de meus auós tambem. Ainda se está
rindo.

T R E F O .

Não rio , mas arreganhome.

A N T O N I O T O .

Como hum caõ que es.

T R E F O .

Mas como a caõ que es.

A N T O N I O T O .

Que dizes roym ?

T R E F O .

Que fallo com oútro.

A N T O N I O T O .

Por esta d'um rapaz , olha que a beijo.

T R E F O .

Não por muito bem que lhe ora queiras.

A N T O N I O T O .

Por esta que me aqui Deos pos.

TRE-

T R E F O.

Por esta em que vosoutros o posestes.

A N T O N I O T O.

Ah d'um porco.

T R E F O.

Por isso te aborreço tanto!

A N T O N I O T O.

Má carne.

T R E F O.

Por tanto ora me chamas Trefo , ora porco.

A N T O N I O T O.

Viste Cefariaó?

T R E F O.

Muytas vezes.

A N T O N I O T O.

Sabes onde o acharey?

T R E F O.

Por este direito.

A N T O N I O T O.

Está amostrando cornos , por onde vay caõ perro.

T R E F O.

Caminho da praça judea : vemse chegando.

A N T O N I O T O.

Espera má coufa.

T R E F O.

Naõ he tempo.

A N T O N I O T O.

Vejamos quem corre mais.

T R E F O.

Quem mór medo ouuer.

SCENA V.

VILHALPANDO. MILUO.

VILHALPANDO.

ORA vejamos este contrato em que tanto te confias.

MILUO.

Temos negocio com o mesino diabo, mas deyxame que eu te affegurarey daquella velha.

VILHALPANDO.

Creme que não ha de brincar comigo.

MILUO.

Ora prouaõ forças, ora manhas : ás forças acudirás tu, ás manhas eu.

VILHALPANDO.

Nesta vossa Roma tudo he papel, e tinta.

MILUO.

E nem assi pode homem sayr de duuidas.

VILHALPANDO.

Assi acontece onde ha pouca verdade.

MILUO.

Escuta, & leo sómente as forças : tal dia de tal mes, & tal anno.

VILHALPANDO.

Entendo.

MILUO.

O Capitaõ Vilhalpando.

V I L H A L P A N D O .

O senhor te ficou no tinteiro.

M I L U O .

O senhor Capitão Vilhalpando de hũa parte , & Guiscarda da outra fizeraõ , concertáraõ , & contratáraõ , defavoradamente.

V I L H A L P A N D O .

Espera que me não parece cousa conueniente contratar eu com Guiscarda.

M I L U O .

Diremos logo assi , & d'outra parte Miluo polo senhor Capitão.

V I L H A L P A N D O .

Naõ ves quanto melhor está assi ?

M I L U O .

Como de branco a preto. Digo mais , que elle dito senhor Capitão desse á dita Guiscarda trinta escudos d'ouro do Sol.

V I L H A L P A N D O .

Dos que neste anno lhe renderaõ os Franceses.

M I L U O .

Porey , ou não ?

V I L H A L P A N D O .

Estou gracejando contigo , vay adiante.

M I L U O .

Dos quaes trinta escudos acima declarados , a dita Guiscarda logo hi confessou que tinha recebidos dez por maõ do dito Miluo , feytor d'elle dito senhor Capitão.

V I L H A L P A N D O .

Este nome de feitor he muito mercantil.

M I L U O .

MILUO.

Por maõ do dito Miluo seu procurador.

VILHALPANDO.

Pedirtehaõ logo conta da procuraçaõ.

MILUO.

Por maõ do dito Miluo, do qual elle dito senhor Capitaõ se quis feruir neste caso. A ver se acabaremos.

VILHALPANDO.

Affi está mais cortesaõ.

MILUO.

Os outros vinte lhe dará, entregará, pagará.

VILHALPANDO.

Emenda, lhe mandará dar, pagar, & entregar.

MILUO.

Ia emendey.

VILHALPANDO.

Adiante.

MILUO.

A cada quinze dias seguintes outros dez escudos.

VILHALPANDO.

Dize hi mais por lhe fazer graça, e merce.

MILUO.

Por lhe o dito senhor Capitaõ fazer graça, & merce.

VILHALPANDO.

Profigue,

M I L U O .

Isto durante o tempo do seu contrato , como se declara.

V I L H A L P A N D O .

Está bem , dize mais.

M I L U O .

E logo assi mesmo da outra parte a dita Guiscarda em seu nome , & de Aurelia sua filha.

V I L H A L P A N D O .

Naõ guardes o decoro.

M I L U O .

Como ?

V I L H A L P A N D O .

Naõ ves tu que he ella minha senhora.

M I L U O .

Saõ no cabo : em seu nome , & da senhora , a senhora Aurelia Bolonhesa sua filha.

V I L H A L P A N D O .

Está como deue , dize mais.

M I L U O .

Prometeo , concertou , & declarou , que dos primeiros dous meses seguintes , contando trinta dias por cada mes , todas as terças feiras , & as quintas de cada semana , ellas lhes despejem a casa.

V I L H A L P A N D O .

A minha , ou a sua ?

M I L U O .

Bem apontas , que saõ aues de rapina , mister ha declarado : que ellas lhe despejem as casas em que ora viuem de toda viua pessoa.

VI-

VILHALPANDO.

Naõ digas taõ pouco assi , que eu naõ ey-
mister as paredes.

MILUO.

Onde dizia de toda viua pessoa , ponho de
toda pessoa de fóra ?

VILHALPANDO.

Naõ ves quanto releua hũa só palavra ?

MILUO.

As vezes mais do que a razao quer , por
isso naõ lhe ajamos dó dellas.

VILHALPANDO.

Dize mais.

MILUO.

De fórte , modo , fórma , & maneira.

VILHALPANDO.

Iure , via , & causa.

MILUO.

A que proposito ?

VILHALPANDO.

Tudo achaõ que aproueita.

MILUO.

Muyto embora. Iure , via , & causa : que
sendo o dia seguinte terça feira : como será de
menhá ; logo á noite d'oje faça por elle dito
senhor Capitaõ com seu dia , & outro tanto
ás quintas feiras de cada semana , durante o
termo dos dous meses , como dito he.

VILHALPANDO.

Como o cuydaste agudamente em obriga-
res primeiro as noytes ; dormiremos as ma-
nhaãs,

MIL-

M I L U O.

Estes são os meus pontos que se fora pera cauar , e roçar , primeiro metterá os dias.

V I L H A L P A N D O.

Ah , ah , ah. Como es salgado , vay adiante.

M I L U O.

E acabadas as ditas noites o sobredito Capitão lhes tornará a despejar a sua casa.

V I L H A L P A N D O.

Declara por sua cortesia.

M I L U O.

Por sua propria , & liure vontade , & pura cortesia.

V I L H A L P A N D O.

Depois que te homem põe no caminho muito bem affentas tudo.

M I L U O.

Nos primores de honra não som tão usado , do mais descansa.

V I L H A L P A N D O.

Vay por teu contrato adiante.

M I L U O.

Nos quais dias assi obrigados , das portas dentro não auerá nenhum negocio.

V I L H A L P A N D O.

Praticamente.

M I L U O.

Puridade , nem acenos , nem outro mystério algum.

V I L H A L P A N D O.

Muyto bem.

MIL-

MILUO.

Remoques , nem palauras com dous entenderes.

VILHALPANDO.

Nem diriuações.

MILUO.

Bem lembras , que apprazem ainda mnyto a certa gente. Não aja ciumes , nem achaques.

VILHALPANDO.

Os ciumes todauia não se escusaõ nos amores.

MILUO.

Refaluando sempre os ciumes a que se não pode poer ley.

VILHALPANDO.

Galantemente profigue.

MILUO.

Não terá a dita senhora Aurelia aquelles dias amigo , ainda que seja de boa amizade , nem parente ainda que seja irinaõ.

VILHALPANDO.

Bem te seguraste dos primos.

MILUO.

Seraõ assi mesino os sobreditos dias forros , liures , & isentos : de todo jejum , voto , romaria , & de toda deuação.

VILHALPANDO.

Muito bem , promettaõ do seu se quiserem.

MILUO.

Por isso não ves que dias te escolhi ? que

em hum delles cae sempre o entruído , & no outro a quinta feira das comadres.

VILHALPANDO.

Festas corporaes , que se fazem guardar por si.

MILUO.

Naõ fustpire , nem ande cuidadosa , naõ lhe venha dor de coração.

VILHALPANDO.

Nem dé olhado , que he muyto de ferrosas.

MILUO.

Nem lhe vieraõ cartas de sua terra.

VILHALPANDO.

Como dizes bem , que tresandaõ toda hũa pessoa , & nunca a deyxãõ como a tomaraõ d'antes.

MILUO.

He muyto grande verdade. Naõ sayba ditos , nem motes.

VILHALPANDO.

Tem hi ponto : nem contos de seus monceores.

MILUO.

Ah , ah , ah.

VILHALPANDO.

De que te ris.

MILUO.

Deixame primeiro matar de riso. Ora ves aqui porque me ria ?

VILHALPANDO.

He verdade que assi o tinhas affentado.

MIL-

MILUO.

Polas mefinas palauras.

VILHALPANDO.

Ora dize mais.

VILHALPANDO.

Naõ laue aquella noite a cabeça , nem ande de rodilhado.

VILHALPANDO.

As moças fermosas faõ assi mais frescas.

MILUO.

Em tua escolha he , eu queria arredar inconuenientes.

VILHALPANDO.

Em fim dizes verdade , seja tudo obra chaã.

MILUO.

Naõ tangerá , nem cantará taõ alto que possa ser final aos de sóra.

VILHALPANDO.

Quantas vezes me ja isso aconteceu com as amigas alheas.

MILUO.

Aquelles dias , tudo seja musica de camara.

VILHALPANDO.

Delicado ponto.

MILUO.

Naõ aja menino em casa , que ella tome nos braços , & beyje á janella de beyjos chupados.

VILHALPANDO.

Que ás vezes se ouuem no cabo de toda a rua.

MILUO.

Os conuidados , & amigos d'elle dito fenhora Capitaõ , trataloshá a dita fenhora igualmente.

VILHALPANDO.

Si , que saõ muyto de bandos mais que os Catalães.

MILUO.

E assi feja a mesa larga , & aja sempre muytas candeas , naõ fiquemos todos ás escuras.

VILHALPANDO.

Bem te acautelaste dos pés ao claro , & das mãos ao escuro.

MILUO.

Por se homem acautelar naõ perde nada. Digo mais. Naõ ensine por aquelles dias o feu papagayo a dizer meus olhos , minha alma, minha vida beijayme.

VILHALPANDO.

Matasme d'amores.

MILUO.

Naõ consinta que se lhe chegue ninguem a ver as suas joyas , gabemilhas de longe , o que quizerem comprar busquemna nas tendas.

VILHALPANDO.

Fallas como hum Seneca.

MILUO.

Assi mais durante o tempo , não mudará nome , nem casa.

VILHALPANDO.

Dizem-me que muyto o costumaõ estas vof-
sas cortesaãs.

MILUO.

Por leuarem muytas nouidades. Ora fao Aurelia , ora Faustinas , ora Dianas. Falece al-
gũa coufa ?

VILHALPANDO.

Tudo está de maõ de mestre.

MILUO.

E por aqui ouueraõ seu contrato por aca-
bado , promettendo d'auer tudo por rato ,
grato , firme , & valioso : renunciando juiz ,
& juyzes de seu foro.

VILHALPANDO.

Naõ cuydey que eras taõ pratico.

MILUO.

E rogáraõ a mim sobredito Miluo.

VILHALPANDO.

Iffo he muyto destes notayros , que dizem
sempre no fim rogado , & requerido.

MILUO.

E assi mandáraõ ao dito cabraõ de Miluo
que o escreueffe.

VILHALPANDO.

Parece que te anojaste ?

MILUO.

Antes te digo que topaste com hum ho-
mem muyto pontofo.

VILHALPANDO.

Naõ pode estar milhor. Vay, & affina.

MILUO.

Que enfadonho pontofo, o acutiladiço naõ ha tambem de querer perder ponto de diligencia. Lá se auenhaõ, a noite he como dizem cama d'orfaõs, cubramse co'ella; ah com quanta fadiga ganhamos este inferno!

S C E N A VI.

CESARIAÕ. ANTONIOTO.

CESARIAÕ.

Assi me contas?

ANTONIOTO.

Affi deitou a perder aquelle bilhardaõ tantos trabalhos, & esperanças.

CESARIAÕ.

E a minha vida tambem d'enuolta.

ANTONIOTO.

Que faremos á fortuna quando ella naõ quer? por oje escusado he mais negocio, virá amenhã entaõ pera todos amanhece.

CESARIAÕ.

Hum velho cepo como he meu pay: olha naõ nos engane effe hermitaõ tambem a nós.

ANTONIOTO.

Naõ queres que me fie dos meus olhos?

CESARIAÕ.

Com hum vilaõ robusto.

AN-

ANTONIOTO.

Affi se a differença fora sobre o seu capello, ou lho leuara, ou não.

CESARIAO.

Que viste da batalha?

ANTONIOTO.

De huma parte ir fugindo o hermitaõ desgrenhado, a barba no ar, o bater dos taboleiros, & apupada apos elle, da outra parte teu pay todo çujo da tenda bradando por justiça.

CESARIAO.

Quantos hi ririaõ do meu mal tamanho.

ANTONIOTO.

Té Antonioto fenaõ podia ter.

CESARIAO.

Ó que somos descubertos, que faremos?

ANTONIOTO.

Se o proprio ladraõ escapou, não escaparemos nós? & mais dando fiador não nos valerá em casa, o qual val polas audiencias.

CESARIAO.

E de Guiscarda quem me liurará.

ANTONIOTO.

Por esta noite encomendate áquelle derradeiro remedio da paciencia.

CESARIAO.

Onde passarey tamanha noite.

ANTONIOTO.

Em tua casa, a mim que a não tenho! Deixame passear por estas ruas.

C E S A R I A Õ.

Passa , que a mim escaffamente me podem ja trazer as pernas.

A N T O N I O T O.

Todavia recolhete não faça al. Eu vigiarey , & apanharey novas ; vayse , quero espiar o que faz.

S C E N A VII.

O SEGUNDO VILHALPANDO SÓ.

SE me esta ventura fae como eu espero , quem he oje mais bemaumenturado que eu ? de hũa parte estou em Roma , onde homem não sabe de quem se fie. Tenho inimigos , o negocio he de noite , & ey d'ir só , d'outra parte Miluo. Porque me enganaria ? que lhe fiz ? dame finais certos do dia das cutiladas , em que me ouueraõ alli de matar. Muyto bem me lembra , que veo á janella : & agora entendo , que a sua vista me saluou. Ó ay cegueyras deste mundo ! onde os meus inimigos cuydaraõ de me matar , hi me deraõ a vida. Enfim baralhados saõ os dados , cayaõ como quizerem : agora he muyto mais tempo de lhe aprazer o meu esforço : por isso antes quis perder por cedo , que portarde. Andarey por aqui aguardando o escuro , vista deu á janella , não sey que disse : j'agora muyto ha de saber quem me tomar a porta ?

S C E N A VIII.

ANTONIOTO. OS DOUS VILHALPANDOS.
TORQUEMADA. PAJE. GUISCARDA.

ANTONIOTO.

CUYDEY que se me fosse Cefariaõ lançar no rio, & elle pera lâ fez hũa ponta: mas finalmente tomou meu conselho, & acolheose a casa. Eu por agora naõ quero entrar c'o velho em campo çarrado, antes quero cá andar por fóra ás minhas auenturas.

VILHALPANDO II.

Determino de accommetter a porta affoutamente, que sempre valeo muyto a segurança do coração, & das palauras. Ta, ta, ta. Ia vem. Cuydado auia em casa.

ANTONIOTO.

Entrada he a fortaleza sem muita bateria, mais bateo Cefariaõ a noite passada.

VILHALPANDO I.

Sempre o diabo a tais tempos tras embaraços de que me naõ pude desenuoluer mais cedo: mas o contrato m'a segura.

ANTONIOTO.

Outro vem, & leua a meisma viagem. Mas antes parou, quero o espreytar.

VILHALPANDO I.

Bate a effa porta.

P A J E.

Ta , ta , ta.

A N T O N I O T O.

Pareceme que tarde piache.

V I L H A L P A N D O I.

Bate bem , has dó da porta ?

P A J E.

Naõ ey fenaõ da minha mão.

V I L H A L P A N D O I.

Toma hũa pedra , que á minha porta ba-
tes.

P A J E.

Tras , tras , tras.

A N T O N I O T O.

Ao Capitaõ mentiraõlhe as espias , quanto
vejo.

V I L H A L P A N D O I.

Espera que ouço fallar dentro.

P A J E.

E rir tambem , mande Deos naõ seja de
nós.

V I L H A L P A N D O I.

Escuta rapaz que tanto fallas ?

G U I S C A R D A.

Quem quebrou effa porta ?

V I L H A L P A N D O I.

Quem ja tem quebrado os olhos olhando
se apparecia alguem.

G U I S C A R D A.

Quem he o galante dos olhos quebrados.

V I L H A L P A N D O.

O mayor feruidor.

GUISCARDA.

Quem ?

VILHALPANDO I.

O que de vencido venceo.

PAJE.

Como he paruo este meu amo.

GUISCARDA.

Cada noite auemos de ter quebradores de portas.

VILHALPANDO I.

Aberta me ouuera ella de estar por obri-
gação , mas pareceme que nesta terra , nem
contratos defavorados valem.

ANTONIOTO.

Bem começa a noite.

GUISCARDA.

Ó Roma que patranhas faõ as tuas ?

PAJE.

Esta he hũa das boas.

VILHALPANDO I.

Que contrataste oje com Miluo ?

GUISCARDA.

O que eu com Miluo contratei eu o compri.

VILHALPANDO I.

Naõ certo ainda tégora.

GUISCARDA.

A bem virá este negocio.

VILHALPANDO I.

Naõ fey , mas elle mal começa.

GUISCARDA.

Por cuja culpa ?

VILHALPANDO I.

Da porta que ainda está fechada.

GUISCARDA.

Abriose a quem se auia d'abrir.

VILHALPANDO I.

Ora pois ja que ey de fallar da rua , não se auia ella de abrir ao Capitaõ Vilhalpando por seu contrato ?

GUISCARDA.

He muyta verdade.

VILHALPANDO I.

Pois como o tendes assi de fóra em tantas praticas ?

GUISCARDA.

Ay minha mãy , que quer isso dizer ? & tu quem es ?

VILHALPANDO I.

O mesino que se nunca negou , nem negará.

GUISCARDA.

Ó graça das graças. Filha Aurelia temos á porta outro Capitaõ Vilhalpando.

PAJE.

Este só bastaua pera enfadar o mundo , quanto mais dous.

VILHALPANDO II.

Que zombarias são estas , ou que borracheries ?

VILHALPANDO I.

As zombarias , & borracheries são as dessa

casa , que de fóra não se falla fenaõ muyta verdade.

VILHALPANDO II.

Que tu es o Capitaõ Vilhalpando ?

VILHALPANDO I.

E tu negalo ?

VILHALPANDO II.

Saluo se tu es eu.

VILHALPANDO I.

Tu vé quem es , que eu som o Capitaõ Vilhalpando , conhecido na guerra dos grandes, & dos pequenos.

VILHALPANDO II.

Na guerra bem nos auiremos : por agora quem te fez hi vir ?

VILHALPANDO I.

Miluo , por cujo meyo contratey.

VILHALPANDO II.

Que graça tamanha seria se hi tambem ouuesse dous Miluos.

VILHALPANDO I.

Eu digo o que leuou a Esparfa.

VILHALPANDO II.

E eu o da Esparfa digo.

VILHALPANDO I.

O que leuou os escudos.

VILHALPANDO II.

Eu o dos escudos digo , fenaõ que eraõ todos do Sol.

VILHALPANDO I.

O do contrato defaorado ?

VILHALPANDO II.

Por virtude do qual esta casa he agora minha com as suas vinte & quatro horas.

VILHALPANDO I.

Miluo Florentim muito máo cabraõ.

VILHALPANDO II.

Esse mesmo.

P A J E.

Se quererá este tambem ser meu amo.

VILHALPANDO I.

Que gente capitaneaste? que desafios fizeste? em que feitos d'armas te achaste?

VILHALPANDO II.

Naõ saõ contas pera aqui, pedemas em outra parte.

VILHALPANDO I.

Como diz essa tua Esparfa?

VILHALPANDO II.

Hercules que la Serpienta, &c.

VILHALPANDO I.

E tu a fizeste?

VILHALPANDO II.

Naõ toda, por te dizer a verdade, o começo ja he velho, o cabo lhe enxeri eu como a gauriaõ.

VILHALPANDO I.

Os escudos quantos foraõ?

VILHALPANDO II.

Naõ mais de dez em começo de paga.

P A J E.

Quero dizer a meu amo, que acudamos a casa, antes que lá vá est'entro apanhar tudo.

VILHALPANDO I.

Ah Roma, ah Miluo, ah molheres.

VILHALPANDO II.

Mas porque não fallas tu na empresa que a senhora Aurelia mandou a esse Capitaõ Vilhalpando seu feruidor.

VILHALPANDO I.

Por quem?

VILHALPANDO II.

Polo mesmo Miluo.

VILHALPANDO I.

Que empresa?

VILHALPANDO II.

Hum lenço, com que primeiro alimpou o seu fermoso rosto.

P A J E.

Callou nosso amo: pareceme que com o outro auemos de viuer todos.

VILHALPANDO I.

Mas seja assi, partamos logo esta differença á espada, pera que ha d'auer tantos Vilhalpandos?

VILHALPANDO II.

Como? has medo que nos fuja o tempo? deixa vir o dia.

VILHALPANDO I.

Não, mas ey medo que me fujas tu.

VILHALPANDO II.

Entaõ que queres mais, que ficares por hum só Vilhalpando?

VILHALPANDO I.

Agora me releuaua.

VILHALPANDO II.

Por agora quero me eu assi estar em minha posse , depois quem me alguma cousa quizer requeirame hum por hum , & como deue.

VILHALPANDO I.

Ah Romanisco falso , & litigoso.

VILHALPANDO II.

Vay passear , que a senhora Aurelia me tem preso , & não me deixa sair.

VILHALPANDO I.

Ora Capitão Vilhalpando nouamente descoberto. Estás bem agasalhado por esta noite , & eu mal , de menhaã eu passearey por Santo Augustinho té as dez horas com hum penacho branco , quero eu ver quem he o Vilhalpando , que por hi parece com outro tal final , pe-
ra que nos conheçamos.

VILHALPANDO II.

Logo queres que tenha eu penacho branco.

VILHALPANDO I.

Tensme o meu nome , tensme a amiga , tens a minha Esparfa , & o meu contrato , & só o penacho branco te falece ?

VILHALPANDO II.

Ora vay que não falecerá.

PAJE.

Fechou a janella , quizerame primeiro declarar com elle , & contigo.

VILHALPANDO I.

E de que ?

PAJE.

Com qual ey de ficar ?

VILHALPANDO I.

Queres que te esbarre aquella parede. Onde acharey Miluo? & entretanto onde acharey paciencia?

PAJE.

Quando te não abrem a tua porta como te abrirão as alheas.

VILHALPANDO I.

Não te queres callar: recolhamonos.

PAJE.

Recolhamos, que enfim sempre ouui dizer, que melhor era o meu que o nosso.

VILHALPANDO I.

Iudeu, cabraõ, que falla ás portas fechadas, eu o acolherey.

PAJE.

Dáo o demo grandes finais daua.

VILHALPANDO I.

Que finais? os que lhe disse Miluo.

PAJE.

E d'Aurelia que era perdida por ti que dizia? ouuia, & callaua.

VILHALPANDO I.

De manhaã sayremos de todas effas duvidas.

PAJE.

Mas sempre ouui dizer, que em Roma, nem de si mesmo se ha homem de fiar, & agora o vi claramente.

VILHALPANDO I.

Porque me fiey de Miluo?

P A J E .

Naõ digo fenaõ de ti mefimo ao pé da letra , que quando fofte ja te lá achafte.

V I L H A L P A N D O I .

Tu queres pagar por todos ?

A N T O N I O T O .

Ó graça , ó fabrofo acontecimento , ó Cefariaõ que affi empregas bem teus fofpiros , & as tuas lagrimas. Quem te me aqui dera , tu queres morrer d'amores por Aurelia , & os Vilhalpandos a pares. Ia me he neceffario a me-nhã andar por eftas ruas.

A C T O V .

S C E N A I .

M I L U O S Ó .

NNaõ pude esperar o dia na cama : efte coraçãõ como te toma em algũa culpa , naõ te deixa comer , naõ te deixa dormir. E que durmas , os fonhos naõ te deixaõ , toda efte noite andey ás costas com os meus Vilhalpandos , elles me deitáraõ da cama , & da casa a tais oras , que ainda bem naõ amanhece. Se bom anel tenho , caro me cufte , & cuidaõ os que cauaõ , & roçaõ , que elles fõs comem o feũ paõ com o fuor do feũ rofto , & Miluo tam-bem fenaõ quanto aquelles defcanfaõ a noite , e os dias fanctos , outros ha que naõ. Affi
que

que venho como digo a descobrir terra , & desejo muito saber qual dos aventureiros esta noite ouue melhor ventura , mas a tais horas de quem o poderey saber ? quem vejo eu cá vir ? tambem madruga aquelle como eu.

S C E N A VI.

ANTONIOTO. MILUO.

QUANTAS cousas vi esta noite por Roma , quem quiser saber segredo não durma. Todavia não he ella cousa muito segura , nem dá regra de viuer em paz : que não fosse sennaõ pollo ar da noite , que me tamanha , & taõ pesada faz esta cabeça. E todavia melhor he dormir a noite , que pera isso foy feita. Pola ventura esta foy a causa , porque a natureza deu tamanhos toucados ás curujas , e as outras aues nocturnas. Mas vejo eu Miluo ? aquelle he , logo me pareceo que auia d'acudir a saber nouas , eu lhas darey. Venha Miluo muito nas boas horas.

MILUO.

Affi faça a meu amigo Antonioto , que por aqui encontro tantas vezes.

ANTONIOTO.

Madrugas affi os outros dias ?

MILUO.

Como se acerta : esta noite não pude dormir.

AN-

A N T O N I O T O.

Nem eu tampouco : ha hi dellas assi feitas.

M I L U O.

E mais quando as pessoas tem que fazer.

A N T O N I O T O.

E muito mais quando o ja tem feito.

M I L U O.

Naõ entendo o que dizes ?

A N T O N I O T O.

Nem eu o que fazes : que renego de tais emburilhadas.

M I L U O.

Que farte vaõ por Roma.

A N T O N I O T O.

E dizem que quem muitas estacas mette algũa prende.

M I L U O.

A que proposito ?

A N T O N I O T O.

Deos me entende.

M I L U O.

Eu naõ.

A N T O N I O T O.

Eu tambem : Vilhalpandos de dentro , Vilhalpandos de fóra.

M I L U O.

Ah , ah.

A N T O N I O T O.

E todos alegaõ com Miluo , & seus contratos.

M I L U O.

Morto som.

ANTONIOTO.

E com hũa Esparfa.

MILUO.

Ia, ja. Eu tenho a culpa por te dar parte de meus segredos.

ANTONIOTO.

E do contrato quem m'õ disse?

MILUO.

Fallas assi a adiuinhar?

ANTONIOTO.

E adeuinho de hum lenço, que o de dentro tinha d'auantagem.

MILUO.

Dou o demo tantos finais : parece-me que o moço d'esporas andou de pés.

ANTONIOTO.

Oh, ja es'outra he pior. Donde ouueste anel?

MILUO.

Que tens tu de ver c'õ meu anel? ouueo de minhas auenturas.

ANTONIOTO.

Olha naõ se te torne em defauenturas.

MILUO.

Muy pontofo vens contra mim esta menhaã, fizte algum desprazer?

ANTONIOTO.

A mim naõ, mas falohias a outrem que mais releua.

MILUO.

Naõ ey medo a ninguem.

A N T O N I O T O .

Sempre te assi conheci por esforçado , lá t'avem.

M I L U O .

Foyse , este anel ha de ser de Cefariaó , fiz mal de me lhe não descubrir mais , & foubera tambem das outras enuoltas , que dizia. Apos elle vou.

S C E N A III.

A U R E L I A . G U I S C A R D A .

A U R E L I A .

DE pedra dura que os corações fossem por força se auiaó de afeiçoar mais a hũa pessoa, que a outra.

G U I S C A R D A .

Estas são as vossas doudices , cabecinhas de vento. Tempo virá em que digas quanta verdade me fallaua a velha de minha mãy.

A U R E L I A .

D'outra parte tambem bradas se lhes não mostro amor.

G U I S C A R D A .

Quantas vezes tenho dito , que amoftres amor a todos , & que o não tenhas a nenhum.

A U R E L I A .

Assi ha de ser hũa mollter igual a todos como hũa alimaria ?

GUIS-

G U I S C A R D A.

Á douda , douda. Tu virás a morrer de fome , que eu tambem ja fuy fermosa. Ajuda-te do tempo , que passa muito afinha.

A U R E L I A.

Se lhes eu não tomar o coração com minhas branduras , que poder terás tu sobre sua fazenda ?

G U I S C A R D A.

O teu coração queria eu que te elles não tomassem. A hum soldado Espanhol , que não deysaõ coufa que não roubem , auias de mostrar tanto amor ?

A U R E L I A.

Tinhamos necessidade desta licença , assi viste-quaõ leuemente no la deu ?

G U I S C A R D A.

Elle se tornará a entregar , se os eu mal não conheço. Sabe Deos que a pressa me fez a mim aceytar o partido : não ville logo as enuoltas ?

A U R E L I A.

Dafinos por amigos , & queres que os trate como inimigos ?

G U I S C A R D A.

O que te eu mando , o que te eu digo , o que te eu aconselho assi he : que os trates a elles , como elles trataõ a ti. Querem lograr essa tua mocidade , não os poupes.

A U R E L I A.

Assi ves que o faço.

GUIS-

GUISCARDA.

Inda mal muytas vezes , porque nem eu posso tornar a essa tua idade : nem tu nella conheceres os meus bons conselhos.

S C E N A III.

MILUO. AURELIA.

MILUO.

GRANDES coufas me contou Antonioto que passaraõ esta noite , naõ sey que faça , virá Cesariaõ , & aueremos todos conselho , que nouas lhe leua. Quem he a rebuçada que me acena ? como eu ora estou gracioso pera rebuçadas. Mas eu moura se aquella naõ he Aurelia , a mãy está em pratica com os dos chamalotes , onde te vas guarida , mal guardas as capitulações do meu contrato.

AURELIA.

Ó Miluo quaõ obrigada te som , mas naõ temos tempo : mandoume conuidar Monfeor pera o jantar , logo ouue licença do meu Vilhalpando , o outro passeia em Sancto Augustinho com penacho branco.

MILUO.

Aurelia , Aurelia torneyte em riso as tuas lagrimas : medo ey que me tornes em lagrimas os meus risos.

AURELIA.

A fé que não, que má paga feria essa de tamanho feruiço.

MILUO.

Lembrete quanto me aventurey por ti.

AURELIA.

Nunca me esquecerá: outra hora te farey morrer de riso, de como enganamos tambem minha mãy.

MILUO.

Se primeiro não morrer de ferro.

AURELIA.

Eu te seguro, que tais pessoas feruiste, que ellas te saluarão de todo mundo. Minha mãy se espede, faze que nos não conheces.

S C E N A V.

ANTONIOTO. CESARIAO. MILUO:

ANTONIOTO.

DE que te benzes tantas vezes? do diabo, ou de Aurelia?

CESARIAO.

Que monta mais d'um diabo que d'outro.

ANTONIOTO.

Pois não te conto o terço do que passou.

CESARIAO.

Estarias fóra de ti?

MILUO.

Lá vem Cesariao com Antonioto.

AN-

A N T O N I O T O.

As vezes cuydava que era sonho.

C E S A R I A Ó.

E mais fendo de noyte.

A N T O N I O T O.

Mas sempre affentey que eraõ emburilhadas de Miluo.

C E S A R I A Ó.

E ellas eraõ todas de Aurelia. Affirmafte que era aquelle o meu anel?

A N T O N I O T O.

Veloas com os teus olhos : que eu disse a Miluo que nos esperaffe por aqui.

C E S A R I A Ó.

O meu anel que me ella tomou do dedo, em troca do feu coração, como ella dizia que lhe eu tambem tomára?

A N T O N I O T O.

Amor esperavas tu de achar em casa de Guiscarda? nunca ouuistes dizer que em casa do albergueiro?

C E S A R I A Ó.

O meo anel, que lhe eu tantas vezes achei entre os peitos : dizendo ella, que aquelle era o feu lugar, e naõ os dedos, por o trazer mais perto do coração?

M I L U O.

No anel fallaõ, ha se me d'ir : costume he do mal ganhado.

C E S A R I A Ó.

Outras horas lho achava na boca, dizia que pera abrandar a minha sede.

ANTONIOTO.

Maluada, que assi dizem os lapidarios: que mata a fede aquella pedra do anel.

CESARIA Ó.

Mas he este Miluo?

ANTONIOTO.

Este he.

CESARIA Ó.

Miluo, soube cá de teu amigo Antonioto grandes contos, que não he necessario tornar a elles. E mais tu es taõ auifado, que me estás mostrando o anel, que me torna oje o meu coração, que estava em mão captiueiro.

ANTONIOTO.

Se nos mostrasses a todos tamanho prazer.

MILUO.

O anel te posso eu tornar, o coração não sey, que engana muitas vezes seu dono.

CESARIA Ó.

Sabe que me deste a vida, e liberdade. Diz choraua Aurelia quando te descobri aquelle segredo?

MILUO.

Dizem as molheres com a vide talhada: nunca tal presteza vi de lagrimas, & de palauras. Que te direi? naquella estreiteza de tempo me rogou, me chorou, me ameaçou.

CESARIA Ó.

Com qual te venceo mais?

MILUO.

Pera que te ey de enganar, com as ameaças.

CE-

CESARIA Õ.

Sendo taõ moça , que ferpe se alli cria.

ANTONIOTO.

Acolhete Cefariaõ com tempo.

CESARIA Õ.

Fia de mim , que som em porto feguro ,
ajamos conselho do mais.

MILUO.

Aqui todos estaõ bem , saluo eu , & o Vi-
lhalpando de fõra.

CESARIA Õ.

Graõ parte diffo he remedeado , porque o
outro naõ ha de vir ao defafio.

ANTONIOTO.

Pola ventura virá , mas naõ com penacho
branco.

CESARIA Õ.

Estes soldados bem faves como faõ feitos :
por aqui se auerá por restituído na honra.
Quanto aos escudos , eu os quero pagar.

MILUO.

Nunca tal seja , antes me deyxá com a
negoceação.

CESARIA Õ.

Que cuydas fazer ?

MILUO.

Depois o faberás , fõmente me he neces-
fario outra vez o anel.

CESARIA Õ.

Pera que ?

MILUO.

Porque inda oje ha de fazer milagres.

CE-

CESARIA Ó.

Es muyto aventureiro , antes quero pagar os escudos.

MILUO.

Confia de mim , que naõ estou em tempo pera ganhar mais inimigos.

CESARIA Ó.

Por taõ pouco queres que aventuremos tanto ?

MILUO.

Naõ he pouco a vingança , & mais em tal lugar. Ajudame Antonioto.

ANTONIOTO.

Ora , que eu o fio. Mas diganos primeiro o que ordena.

MILUO.

Diruoloeey. Aurelia he ida a jantar com o Embayxador de França , tenho hũa filha a que naõ falece nada , pera o que cuydo , que he mandala a casa de Guiscarda com o anel da parte de Aurelia , como paje Frances , a pedirlhe dinheiro pera jugar.

CESARIA Ó.

Com que a esperas d'enganar ?

MILUO.

Com a cobiça.

ANTONIOTO.

Vejamos esta festa.

MILUO.

Naõ vós partais daqui.

SCENA VI.

ANTONIOTO. CESARIAÕ. VILHALPANDO. PAJE.

ANTONIOTO.

VIATE fallar taõ confiadamente na paga dos escudos.

CESARIAÕ.

Como cobrey coraçãõ , pera tudo foy : ja naõ ey mister teus hermitães.

ANTONIOTO.

Agora te acabo de crer , que bem fey quanto nos a culpa encolhe a todos.

CESARIAÕ.

Desejo de ir ver o do penacho branco como passæa.

ANTONIOTO.

Espera , que eu o vejo vir fallando como seu Paje.

CESARIAÕ.

Escutemos em que praticas vem.

VILHALPANDO I.

Enfim cada hum fica por quem he.

PAJE.

Quanta eu ja naõ sabia de que freguesia era.

VILHALPANDO I.

As dez sam dadas , ainda depois dey dous passæos.

P A J E.

Ganhaste muy grande honra , que ficas agora por hum só Capitaõ Vilhalpando.

V I L H A L P A N D O I.

E que duuida tinhas diffo ?

P A J E.

Naõ fei , muitos finaes daua. Tanto que tu tambem parecia que ja duuidauas.

V I L H A L P A N D O I.

De que auia de duuidar ?

P A J E.

Se eras o de dentro , se o de fóra : & eu auia medo.

V I L H A L P A N D O I.

De que auias medo indo comigo ?

P A J E.

Que sabia eu qual de vós era ?

A N T O N I O T O.

Que te parece taõ maluado rapaz ?

V I L H A L P A N D O I.

Cuydauas que me perderas polo escuro.

P A J E.

Cuydaua que estauamos em Roma , onde tudo he possiuel.

V I L H A L P A N D O I.

E agora porque naõ apparece es'outro o Capitaõ ?

P A J E.

Pola ventura ha hi Vilhalpandos de dia , & Vilhalpandos de noite

V I L H A L P A N D O I.

Toma d'um rapaz com essa tua lingua.

PA-

P A J E .

Digo verdade , pola ventura lhe basta a elle ser Vilhalpando de noite.

V I L H A L P A N D O I .

Seja logo morcego , ou curuja.

P A J E .

E mais ainda elle tinha tempo pera vir ao desafio.

V I L H A L P A N D O I .

Naõ saõ ja dez oras ?

P A J E .

Naõ deste relógio , que ainda as naõ deu.

V I L H A L P A N D O I .

Deus logo o de campo de frol.

P A J E .

E tu queres passear em Sancto Augustinho polas horas de campo de frol.

V I L H A L P A N D O I .

Venha elle agora , & faça tambem sua diligencia , como o desafio dos Reys em Eordeos. Basta que ja fica o campo por meu.

P A J E .

Naõ o de noite que mais releuava.

V I L H A L P A N D O I .

Que dizes ainda da noite ?

P A J E .

Que todas as suas cousas saõ escuras.

V I L H A L P A N D O I .

Eu as farey claras,

P A J E .

Cousas ha hi , que senaõ querem muyto bolidas.

VILHALPANDO I.

Este rapaz palronio , que nunca tapa aquella boca.

S C E N A VII.

TREFO. CESARIAÕ. ANTONIOTO.

TREFO.

QUE noite de Deos se nos ordena esta , ja o fumeiro anda a faco , mal polas capoeyras , onde naõ ha coufa viua : ou asinha a naõ auera.

CESARIAÕ.

Trefo fae de casa. De roim a roim naõ ha hi melhoria.

ANTONIOTO.

O mundo quer acabar , naõ ves quanto estes rapazes sabem ?

TREFO.

Tudo oje ha de andar a rodo : festa , festa.

ANTONIOTO.

Ledo vem. Mas he taõ má coufa que folgará com algum mal noõso.

TREFO.

Mandame em busca de Cefariaõ.

CESARIAÕ.

A mim nomea. Chamao antes que desapareça.

A N T O N I O T O .

E saberey nouas de meu pay , & de minha mãy , porque ha muito que as naõ ouui

C E S A R I A Õ .

Chamao por minha vida.

A N T O N I O T O .

Trefo , Trefo.

T R E F O .

Vou muito depreffa.

A N T O N I O T O .

Ia nos vio o chocarreiro , naõ ves com que estoqueaduras vay. E vemse rindo o perro , onde hias ?

T R E F O .

Apregoar calçado velho.

C E S A R I A Õ .

Chegate aqui cabraõ.

T R E F O .

A marrar com efs'outro ? perdoame Antonioto que zombo contigo , & tu parece as vezes que te anojas.

C E S A R I A Õ .

Onde hias taõ aprazerado ?

T R E F O .

Em tua busca.

C E S A R I A Õ .

Que me queres ?

T R E F O .

Quisera aluicaras , naõ sey se m'as darás.

C E S A R I A Õ .

Conta que si darey , se as mereceres.

T R E -

T R E F O .

Primeiramente teu amigo Fabiano he nosso natural , & cedo te será ainda mais.

A N T O N I O T O .

Elle mesmo não sabe donde he , & tu sabes-lo ?

T R E F O .

Eu te digo que he filho de Mario nosso vezinho.

A N T O N I O T O .

Mandalhe tapar aquella boca sem verdade.

C E S A R I A Ó .

Dexao fallar.

T R E F O .

Diz que fugindo elle Mario daqui de Roma em hũas barcas perdeu aquelle menino , que entãõ leuava de mãma , que lho tomãraõ hũas fustas.

C E S A R I A Ó .

Muitas vezes lho ouui contar ao mesmo Mario , & d'outra parte tambem a Fabiano , que fora tomado por Genoueses em hũas fustas de Mouros.

A N T O N I O T O .

Burlas de Trefo , hũa cousa taõ tresnoitada.

T R E F O .

D'agudo te perdes : algũa ora se auia de saber , & foy esta.

C E S A R I A Ó .

Como se descobrio ?

T R E -

T R E F O .

Naõ pude saber tudo : mas ouui fallar em hũa nomina de Fabiano , que Mario , & sua molher reconheceraõ com outros finais.

A N T O N I O T O .

Aqui temos outros Vilhalpandos com seus contratos , & Esparfas.

T R E F O .

Tambem falláraõ nisso , & em hũa batalha que o nosso velho ontem ouue com hum hermitaõ.

A N T O N I O T O .

E que diziaõ ?

T R E F O .

Parece que te releua , pois olha por ti : que muytas vezes te nomeauaõ.

C E S A R I A Õ .

Quem contaua essas cousas ?

T R E F O .

Mario veio a visitar teu pay , & logo despejáraõ a casa , eu pusme a espreytar : mas naõ pude ouuir sennaõ a trancos , porém tudo foraõ risos , & prazeres.

C E S A R I A Õ .

Sabeo ja Fabiano ?

T R E F O .

Temno ja em casa : olha se o saberá.

A N T O N I O T O .

Auiafe assi de fiar de naõ sey que , em tamanha cousa.

T R E F O .

Como es ás vezes parvo ! elle naõ duuida,

da, & tu duuidas. Pois mais te digo que se fazem casamentos de parte a parte.

CESARIAÕ.

Que casamentos?

TREFO.

Fabiano com tua irmaã, tu com a sua, & ja a cozinha fumega.

ANTONIOTO.

Isso he o que te mais lembra, gargantaõ.

TREFO.

Tu quiseras antes nouas d'adega?

CESARIAÕ.

Deixao que he hum chocarreiro.

ANTONIOTO.

Como concertaõ assi os casamentos sem as partes?

TREFO.

Fabiano he o que dá preffa, & o que chama por ti.

ANTONIOTO.

E os seus amores em que ficáraõ?

CESARIAÕ.

De irmãos como d'antes eraõ. Vamos ver estas festas.

ANTONIOTO.

Eu ja ey de ver primeiro o paje Frances, se sabe tanto como o Castelhana, & Italiano.

CESARIAÕ.

Vem por aqui Trefo, & dizeme porque estás mal tu, & Antonioto?

TREFO.

Porque nunca vi coufa taõ sem verdade.

C E S A R I A Ó.

E tu que euangelista.

T R E F O.

Todo mundo se espanta de tu creres cousa que aquelle diga.

C E S A R I A Ó.

Maluado , de algũa cousa se teme ; & sangrase , como dizem em faude.

T R E F O.

Sabes como se elle desferra , que lhe naõ fica ferradura , nem crauo.

C E S A R I A Ó.

Se ha algũa hora de fair algum bem de ti.

T R E F O.

Mas quando diz o Credo do começo té o cabo , & quando bate nos peitos , & quando beija a Cruz ao Altar.

C E S A R I A Ó.

Que máo rapaz. Callate que fomos em casa , vem apos mim.

S C E N A VIII.

ANTONIOTO. RUBERTE. GUISCARDA.

A N T O N I O T O.

QUEM sabe se he isto trato do velho por me acolher em casa , & depois deuassar sobre o firmal , naõ me acõhem a mim assi : primeiro lhe cumpre de me fazer de tudo mais certo , que a hum juiz da vara. Mas he este
o pa-

o paje Frances ? Este he : que despejo , que recacho , que passeio !

RUBERTE.

Segundo os finais que me deraõ , esta he a rua , aquellas saõ as casas. A desnarigada bom final tem , por onde a conhecerey.

ANTONIO TO.

Lá se vay ás portas das aventuras.

RUBERTE.

Veamos se he esta velha taõ endiabrada como dizem. Ta , ta , ta. Se viue nesta casa alguem ?

GUISCARDA.

Quem bate ?

RUBERTE.

Vem abaixo , fabelohas.

GUISCARDA.

Que quer hum taõ fermoso paje de hũa taõ pobre poufada ?

RUBERTE.

De taõ longe queres que te diga meus segredos.

GUISCARDA.

Exme vou a ti meu filho. E quem he o Anjo do Paraifo que me vem assi á porta.

RUBERTE.

Em está , Anjo do Paraifo á porta do inferno !

GUISCARDA.

Quem buscas meu Seraphim ?

ANTONIO TO.

He hum Seraphim em busca do diabo.

Ru-

RUBERTE.

Es tu a mãy de Aurelia a fermosa?

GUISCARDA.

Tu es o meu filho fermoso : que ella he hũa fea sem fabor.

RUBERTE.

Foste tu com ella a casa do Embaixador?

GUISCARDA.

Fuy minha rosa , e pareceme que te vi lá.

RUBERTE.

Por isso estava eu hum pouco em duuida : porque Aurelia me disse , que logo me conhecerias.

GUISCARDA.

E que diz essa doudinha ? quer que vaya por ella?

RUBERTE.

Naõ queria tadar , que estes nossos amos saõ ás vezes perigosos , & mais no jogo.

ANTONIOTO.

Filha de Miluo.

RUBERTE.

Conheces este anel?

GUISCARDA.

Ay minhas perlas , este anel he de Aurelia. E por final que da parte de dentro ha de ter hũas letras mudadas.

RUBERTE.

Inda o tanto naõ olhey , mas assi he.

GUISCARDA.

E pois que faz essa douda?

RUBERTE.

Eáz , & diz mil graças , que fenaó farta
homem de a ouvir.

GUISCARDA.

Bem fey eu o nome que lhe chamo.

RUBERTE.

Os doudos haõ de fer elles.

GUISCARDA.

Huy gente taõ honrada , & taõ fefuda.
Mas os criados femp're murmuraõ dos fenho-
res.

RUBERTE.

No fim fe verá.

GUISCARDA.

De que maneira ?

RUBERTE.

Porque ella ha de recolher quanto dinheiro
fica na mefa.

GUISCARDA.

Contame minhas agoas d'azar.

RUBERTE.

Beberaõ cedo ? como he cofturne dos nos-
fos Franceses ? efaõ todos ledos , pediraõ car-
tas , & dinheiro pera jugar. Ella entaõ cha-
moume a de parte , & mandoume a ti com
efte anel por final: que lhe mandes dez , ou
doze efculos com que cace. Eu conheçoos , &
fey que aquelle ha de ficar mais contente a
que ella mais ganhar , & bolir com o di-
nheiro.

GUISCARDA.

Os Franceses faõ muito liberaes.

Ru-

RUBERTE.

São muito ricos , querem lograr o feu.

GUISCARDA.

Iffo fi , que não os nossos Italianos , que sempre ajuntaõ pera outrem.

RUBERTE.

Pois quanto este ouro , & esta prata não sey pera que he : não se come , nem se be ; be , cá fica tudo.

ANTONIOTO.

Ah , ah , filha de Miluo.

GUISCARDA.

He verdade meu fefudo. Diffete mais ?

GUISCARDA.

Oh que me ouuera de esquecer. Chegoufeme a mim orelha , & diffeme que ella faria quantas burlas podesse aquelles clerigos , & que affi to diffesse.

GUISCARDA.

Aja ella a minha benção. Has me de deixar o anel ?

RUBERTE.

Os meffageiros não podem fazer mais do que lhes mandaõ , ella não no deu fenaõ por final.

GUISCARDA.

Quero ir a ver effa fefta.

RUBERTE.

Muito embora : effa repofta lhe darey que me detenho muito.

ANTONIOTO.

Ó filha de Miluo.

G U I S C A R D A.

Ia se vay cantando , & mais ledo do que veyo. Dizendo auarento : por hum perde cento. Torna cá meus amores, naõ quero lá ir estrouar seus passatempos. Aqui neste lenço vaõ dez escudos do Sol.

R U B E R T E.

Mas que sejaõ ainda da Lúa : o que hi for hi se achará.

G U I S C A R D A.

Ora vay nas boas horas. Naõ lhe perguntey polo nome. Paje , paje ferofo.

R U B E R T E.

Que mandas ?

G U I S C A R D A.

O teu nome , que me esqueceo de perguntar.

R U B E R T E.

Daqui to direi , naõ cances que tardo muito. A mim chamaõ Ruberte de Rubeforte , & da outra parte dos Rapinaldos.

G U I S C A R D A.

Ay meu filho , que nome he effe assi feito ?

R U B E R T E.

Os Franceses costumaõ assi estes nomes taõ atrauefiados.

G U I S C A R D A.

Ó que má coufa he o máo nome.

R U B E R T E.

E os vossos de cá que tais saõ ? Vffos , Leões , porqueiriços , cabeças de ferro , & outras de cabaça.

AN-

A N T O N I O T O .

Vinte vezes mais que filha de Miluo.

G U I S C A R D A .

Enfim dizes verdade. Em tudo tem graça. Vayse , queroo seguir. Mal fiz : porém que póde fer ? O anel aquelle he , digo que o tomassem a Aurelia , & mandassem cá por rir. Zombarias faõ , que das tais casas , & pessoas sempre faem em proueito.

R U B E R T E .

Embaraçada deixo a velha c'o aquelle meu nome tão comprido. Querome trasmalhar por estas traueffas , tornarey ao brial , & ao trançado : quem lhe dará finais de mim , & mais nesta enuolta de Roma. Se Guiscarda fora como estes toleirões , que sempre estaõ em seus treze nunca a enganára. Bem mo dizia meu pay. que deue ja estar c'os olhos longos.

A N T O N I O T O S Ó .

Este negocio está bem acabado. De hũa parte Cefariaõ me acena todo cheo de prazer : d'outra Miluo vem inostrandome o anel. Ia temos os escudos pera o Vilhalpando de fora : & polla ventura feraõ os mefinos do Sol. Os desposorios haõ se de fazer lá dentro. Naõ tendes mais que esperar aqui.

F I M .

IN-

INDICE.

TOMO II.

POESIAS VARIAS.

C ANÇÃO á Nossa Senhora. - - -	3
Canção á Festa da Annunciaçãõ. - -	8
Redondilhas á Nossa Senhora. - - -	11
Sextina. - - - - - - - - -	13
Sparsas. . - - - - - - - - -	15
Cantigas. - - - - - - - - -	18
Vilancetes. - - - - - - - - -	40
Epitaphio na Sepultura de Pedraza. - -	61
Epitaphio na Sepultura de hũa Dama. -	ibid.
Oitavas na prisaõ de hum seu Galego. -	62
Decimas a Antonio de Sá fugindolhe huns seus moços. - - - - - - - - -	64
Glosas ao costume daquelles tempos. - -	65

COMEDIAS.

Os Estrangeiros. - - - - - - - -	68
- - Dedicatoria ao Iffante Cardeal D. Anrique.	70
- - Prologo da Comedia. - - - - - -	73
Os Vilhalpandos. - - - - - - - -	159
- - Prologo da Comedia. - - - - - -	161

*O mesmo Francisco Rolland brevemente
publicará os seguintes.*

- D**ESCRIPÇÃO de Portugal por Duarte Nunes de Liaõ, em 8.
- Saudades de Bernardim Ribeiro, em 8.
- Cerco de Dio, Poema de Jeronymo Corte-Real, em 8.
- Affonso Affricano. Poema, em 8.
- Officio de Nossa Senhora; Nova Edição augmentada com o Manual da Missa, e Orações para confissão, e Communhaõ. &c. em 12.
- Ulysses, Poema Heroico de Gabriel Pereira de Castro, em 8.
- Maccarronea Latino-Portugueza, muito augmentada, em 8.
- Dialogos dos Mortos, e outras Obras de Luciano, em 8.
- Seraõ politico para divertimento dos curiosos, em 8.
- Elogios, e outras Obras de M. Thomas, traduzidas, em 8. 3 Vol.
- Historia da Vida de Jesu Christo, escrita por M. Tournoux, e traduzida, em 8.
- Dialogos dos Mortos para desabufar a Mocidade de muitos prejuizos. em 8.
- Hiistoria de Theodosio o Grande por Flechier, Conversações instructivas sobre a Agricultura, em 4. com estampas.
- Considerações sobre as Causas da Grandeza, e decadencia dos Romanos por Montesquieu, em 8.

